

Greyce Umeki Hanashiro

**APROPRIAÇÃO TURÍSTICA NA ARQUITETURA DA CIDADE
DE URUBICI - SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Área de concentração: Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Linha de Pesquisa: Arquitetura da Cidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Arq.-Urb.
Gilcéia Pesce do Amaral e Silva

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Arq.-
Urb. Adriana Marques Rossetto

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hanashiro, Greyce

Apropriação Turística na Arquitetura da Cidade de Urubici
- SC / Greyce Hanashiro ; orientador, Gilcélia Pesce Do
Amaral e Silva ; coorientador, Adriana Marques Rossetto. -
Florianópolis, SC, 2015.
201 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Inclui referências

1. Arquitetura. 2. Turismo. 3. Arquitetura da Cidade.
4. Urubici - SC. I. Do Amaral e Silva, Gilcélia Pesce. II.
Rossetto, Adriana Marques. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo,
História e Arquitetura da Cidade. IV. Título.

Greyce Umeki Hanashiro

APROPRIAÇÃO TURÍSTICA NA ARQUITETURA DA CIDADE DE URUBICI-SC

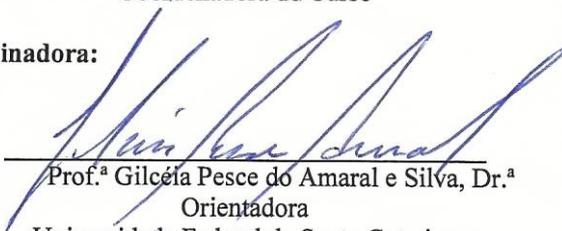
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.



Prof.ª Adriana Marques Rossetto, Dr.ª
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Prof.ª Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, Dr.ª
Orientadora

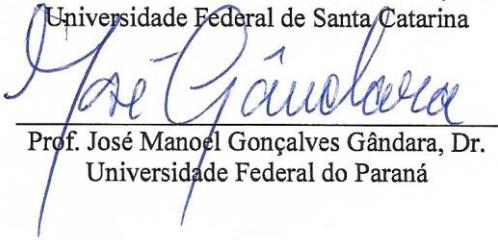
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Lisete Assen de Oliveira, Dr.ª
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Luiz Eduardo Fountoura Teixeira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. José Manoel Gonçalves Gândara, Dr.
Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Sou daquelas pessoas que sempre quando vão ler um trabalho acadêmico, gostam de ler os agradecimentos. Isso porque considero que são nessas páginas que encontramos a parte mais sensível, aquela onde o pesquisador encontra o espaço para agradecer a todos que contribuíram para que mais uma etapa importante de sua vida fosse alcançada, e para expressar parte do alívio que tudo isso pode representar. E agora chegou a minha vez...

Assim, quero começar agradecendo aos meus pais por todo amor e dedicação, por tê-los sempre presentes me apoiando e me incentivando, dividindo minhas angústias e inseguranças. Ao meu irmão, pelo carinho e pelas palavras de incentivo. Ao Thiago, por toda paciência e companheirismo, por me acompanhar nas visitas e me auxiliar com a formatação deste trabalho. À Mi, amiga de longa data, que mesmo longe se fez presente me ajudando na revisão do *abstract*.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, pelas manhãs dedicadas à orientação e pelas críticas incansáveis, porém assertivas. À minha coorientadora Prof.^a Adriana Marques Rossetto, pela presteza em auxiliar e pelas sugestões coesas e também assertivas. Aos professores e colegas de mestrado do PGAU, que me possibilitaram novos conhecimentos na área da Arquitetura e Urbanismo, e dias agradáveis dentro da sala de aula. À Adri, da Secretaria do PGAU, pela gentileza e presteza de sempre. À Prof.^a Adriana Marques Rossetto e ao Prof. Paulo Rizzo pela oportunidade do estágio de docência. E aos membros da Banca de Defesa, Prof.^a Lisete Assen de Oliveira, Prof. Luiz Eduardo Fountoura Teixeira e Prof. José Manoel Gonçalves Gândara, pela participação e pelas contribuições para este trabalho.

Não poderia de deixar de agradecer à Prefeitura Municipal de Urubici, especialmente aos funcionários da Secretaria Municipal de Turismo, e ao Sérgio, Assessor de Imprensa do Município, pela hospitalidade e pela disponibilidade em auxiliarem com informações e dados técnicos do município, assim como os representantes do COMTUR e da Pouserra, e demais entrevistados pela disponibilidade e informações fornecidas. Ao Dilmo e à Família Beckhauser da Acolhida na Colônia, pelo acolhimento em suas propriedades e pela gentileza em permitir a aplicação dos questionários junto aos seus hóspedes. À escritora Julietta Buratto, e ao escritor e entusiasta da história de Urubici, Prof. Valdir Willemann Oliveira, pela receptividade e pela gentileza de compartilharem histórias e causos interessantes do município. E aos moradores de Urubici pela hospitalidade e pela disponibilidade em

participarem da pesquisa, assim como aos turistas que dispuseram do seu tempo de lazer para responderem os questionários. Agradeço também aos meus colegas de trabalho pelo apoio e palavras de incentivo. A todos vocês e àqueles que por acaso do esquecimento não foram neste momento citados, estendo meus sinceros agradecimentos: Gratidão.

*“Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha
Mais sincero o bom dia”
(John Ulhoa)*

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu em investigar as relações entre a Cidade e o Turismo em um estudo de caso específico, a Cidade de Urubici. Embora o município de Urubici venha se destacando como reconhecido destino turístico da Serra Catarinense - especialmente pelas baixas temperaturas na estação de inverno, e suas belezas naturais e paisagens bucólicas – o seu núcleo central, a Cidade de Urubici, apresenta-se pouco estruturada e atrativa para o turismo. Assim, nesta pesquisa buscamos desvelar o potencial da Cidade de Urubici para a configuração de lugares de atratividade turística, a partir de elementos da Arquitetura da Cidade e do Turismo propriamente dito. Para tanto, a metodologia utilizada envolveu a realização de revisão bibliográfica e de documentos, o levantamento de registros fotográficos, e etapa de análise empírica com visitas e observações *in loco*, realização de entrevistas semiestruturadas com representantes do poder público e de entidades representativas do turismo do município, e aplicação de questionários com turistas e moradores. Na abordagem da relação da Cidade com o Turismo, a ênfase se deu voltada aos espaços públicos e às centralidades, elementos estruturantes da Arquitetura da Cidade e espaços por excelência de apropriação de turistas, sendo também abordados os elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade. O conjunto destes elementos foram utilizados como referenciais para as recomendações apresentadas neste trabalho voltadas à maior participação da Cidade de Urubici na atividade turística do município.

Palavras-chave: Turismo, Arquitetura da Cidade, Urubici-SC.

ABSTRACT

The aim of this research was to investigate the relationship between City and Tourism in a specific case study, the City of Urubici. Although the municipality of Urubici has been highlighted as a recognized tourist destination of Santa Catarina's mountain range - especially for its low temperatures in the winter season and its natural beauty and bucolic landscapes - its core, the City of Urubici, presents itself as unstructured and unattractive to tourism. Thus, this study seeks to unveil the potential of the City of Urubici for setting up tourist attraction places, based on elements of Architecture of the City and of Tourism. Therefore, the methodology adopted involved a bibliographical and documental review, the identification of photographic records, and an empirical analysis with visits and observations *in loco*, semi-structured interviews with representatives of government and of representative organizations involved on municipality's tourism, and the application of questionnaires with tourists and locals. In approaching the relation between City with Tourism, the emphasis is on public spaces and central spaces, structuring elements of the Architecture of the City and the main spaces appropriated by tourists, as well as elements of the urban landscape and the city's image. This set of elements was used as references for the recommendations presented in this dissertation aimed at increasing the participation of the City of Urubici in the tourist activity of the municipality.

Keywords: Tourism, Architecture of the City, Urubici-SC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Urubici no estado de Santa Catarina	60
Figura 2 - Principais rodovias de acesso ao município de Urubici.....	60
Figura 3 - Mapa do município de Urubici. Em destaque a localização dos Bairros da Praça, do Traçado e da Esquina na Cidade de Urubici.	62
Figura 4 - Vila de Urubici. No centro da foto, a primeira Capela construída em 1917.....	64
Figura 5 – Local de abertura da primeira clareira e do primeiro rossio de Urubici, onde atualmente encontram-se, respectivamente, o Cemitério Municipal e a Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo	65
Figura 6 – Situação atual das instalações do desativado Moinho São Francisco, localizado na cidade, às margens do Rio Urubici.	66
Figura 7 – Fachada do prédio com características Art-Decó, onde funcionava o Cine-Teatro Urubici localizado no Bairro da Praça.....	67
Figura 8 - Vista da Pedra Furada do Morro da Igreja.....	73
Figura 9 - Pousada no meio rural de Urubici	79
Figura 10 – Rua Cesário Amarante no Bairro da Praça (Década de 1950)	86
Figura 11 - Vista do mirante localizado na SC-110 no acesso à Cidade de Urubici. Em primeiro plano, a cidade onde se destaca a Igreja Matriz.	87
Figura 12 - Paisagem rural com muro típico, de taipa de pedra, na Avenida Adolfo Konder no Bairro do Traçado	88
Figura 13 – A Cidade de Urubici: os Bairros Praça, Traçado e Esquina	89
Figura 14 - O Bairro da Praça	91
Figura 15 - A primeira Igreja Matriz, construída em 1935, e início da construção da atual Igreja Matriz (1968)	92
Figura 16 - Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens.....	92
Figura 17 – Conjunto arquitetônico de características Art-Decó localizado em frente ao largo da Igreja Matriz. Ao centro da foto, os prédios onde funcionaram o Cine-Teatro Urubici e o Hotel Central entre as décadas de 1950 e 1970.....	92
Figura 18 – Fachada atual do prédio que abrigava o Hotel Central, localizado em frente ao largo da Igreja Matriz.....	93

Figura 19 - Rua Cesário Amarante; em destaque, o prédio onde funcionava o comércio “Casa do Povo”, e que abriga atualmente um comércio de verduras	94
Figura 20 – Prédio onde funcionava a sede do Clube da Praça, localizado em frente à Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo. Recentemente o prédio se tornou lugar de culto religioso, e atualmente encontra-se sem uso.....	94
Figura 21 - Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo	95
Figura 22 - Agência dos Correios	95
Figura 23 – Prédio da Prefeitura Municipal e a Praça Francisco Pereira de Souza (1975).....	97
Figura 24 – Prédio da Prefeitura Municipal e a Praça Francisco Pereira de Souza (2014).....	97
Figura 25 - O Bairro da Praça	99
Figura 26 - Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, o ponto de táxi do Bairro da Praça e o predomínio de comércios e residências no entorno.	100
Figura 27 - Casinha de artesanato localizada na Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, a rua Policarpo de Sousa Costa, com predomínio de residências unifamiliares.....	101
Figura 28 – Trecho do Rio do Riacho que corta a cidade. À esquerda, os “fundos” da Pracinha, e ao lado direito, propriedades privadas.....	101
Figura 29 - Vista da Igreja Matriz. Em primeiro plano, propriedades privadas com fundos para o Rio do Riacho e a Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha).	102
Figura 30 - Vista do pergolado localizado na Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, é possível visualizar parte da Igreja Matriz	103
Figura 31- Vista interrompida da Igreja Matriz e do conjunto histórico localizado em frente ao seu largo, para quem vem pela Avenida Adolfo Konder em direção à Rua Cesário Amarante.	104
Figura 32 - Falta de conexão entre o Lugar da Pracinha e o Lugar da Igreja Matriz.....	104
Figura 33 - Hotel Andermann no Bairro da Esquina, propriedade de migrantes letos de Urubici	106

Figura 34 – Bairro da Esquina (Década de 1970). Vista de quem chegava pela SC-110 vindo de Bom Retiro. À direita, o prédio do Bar do Ponto	106
Figura 35 – Bairro da Esquina (2013). Vista de quem chega pela SC-110 vindo de Bom Retiro. À direita, o prédio do antigo Bar do Ponto, e à esquerda um dos novos prédios de comércio da cidade	107
Figura 36 - Praça Padre José Gonçalves Espíndola; ao fundo, a Igreja Santa Catarina no Bairro da Esquina.....	108
Figura 37 - Em primeiro plano, parquinho e Unidade Básica de Saúde Municipal; ao fundo, a Praça Padre José Gonçalves Espíndola e a Igreja Santa Catarina no Bairro da Esquina.....	108
Figura 38 - Igreja Santa Catarina e o seu pequeno largo, localizada em frente à Praça Padre José Gonçalves Espíndola	109
Figura 39 – Local da nova sede do Sesc em Urubici instalada em um dos prédios mais altos da cidade; ao fundo, visão parcial da Igreja Santa Catarina e o seu largo	109
Figura 40 - O Bairro da Esquina	110
Figura 41 – Calçamento de pedra na Avenida Adolfo Konder (1982)	112
Figura 42 - Primeira camada de asfalto na Avenida Adolfo Konder (1985)	113
Figura 43 - Visão panorâmica do Bairro do Traçado	115
Figura 44 - Mercado do Produtor do Vale do Canoas (Década de 1970)	116
Figura 45 - O Bairro do Traçado.....	117
Figura 46 - Os lugares da Praça, do Traçado e da Esquina	119
Figura 47 – Os principais elementos da cidade de Urubici na percepção dos turistas: o cruzamento no Bairro da Esquina, a Avenida Adolfo Konder no Traçado e a Igreja Matriz no Bairro da Praça.....	132
Figura 48 – A composição da cidade de Urubici na percepção dos turistas	133
Figura 49 - Referências na cidade de Urubici no desenho do turista, destaque para a forma da Serra do Panelão no acesso à cidade	135
Figura 50 – Principais referências na cidade de Urubici na percepção dos turistas: o cruzamento da Esquina e seus semáforos, e atrativos turísticos do município.....	136
Figura 51 - Referências na cidade de Urubici na percepção do turista (Bairro da Praça)	137

Figura 52 - A presença de usos mistos na Avenida Adolfo Konder no desenho da cidade pelos moradores	143
Figura 53 – A presença das bordas no desenho da cidade de Urubici pelos moradores.....	144
Figura 54 - A cidade de Urubici na percepção dos moradores	145
Figura 55 – O cruzamento da Esquina e seus semáforos e a Avenida Adolfo Konder como principais referências na cidade na percepção dos moradores, e a ausência da Igreja Matriz.....	146
Figura 56 – Os Nós de centralidade e de espaços públicos na Cidade de Urubici	152
Figura 57 – Recomendação de estruturação do Nó Central no Bairro da Praça.....	155
Figura 58 - A Igreja Matriz e seu largo, e o conjunto de construções históricas em frente	156
Figura 59 – O Lugar da Igreja Matriz e vista parcial do Lugar da Pracinha	157
Figura 60 – Recomendação de estruturação do Nó de centralidade no Bairro da Esquina.....	161
Figura 61 - O Bairro da Esquina. Em destaque, o local onde funcionava o Hotel Andermann, o cruzamento principal do bairro; na parte superior, a Igreja Santa Catarina e o seu largo, e a Praça Padre José Gonçalves Espíndola	162
Figura 62 – A Igreja Santa Catarina e seu pequeno largo, e, em frente, vista parcial da Praça Padre José Gonçalves Espíndola.....	163
Figura 63 – Recomendação de estruturação de novo Nó de centralidade no Bairro do Traçado	165
Figura 64 - A Avenida Adolfo Konder, no Bairro do Traçado, sendo utilizada por ciclistas e veículos.....	167
Figura 65 - Mapa das 10 (dez) Regiões Turísticas de Santa Catarina. 188	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de unidades habitacionais (UH's) por quantidade de meios de hospedagem em Urubici (2013).....	78
Tabela 2 – Principais mercados emissores de turistas nacionais para Urubici.....	82
Tabela 3 - Permanência média (dias) em Urubici	83
Tabela 4 – Meios de hospedagem utilizados em Urubici.....	83
Tabela 5 – Principais atrativos turísticos citados pelos turistas de Urubici	84
Tabela 6 – Pontos Turísticos mais requisitados pelos turistas de Urubici	84
Tabela 7 - Gasto médio diário (R\$) estimado por turistas em Urubici..	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais atrativos turísticos de Urubici	74
Quadro 2 - Eventos programados no município de Urubici.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento
CADASTUR – Sistema de Cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo
CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas
CIDASC - Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina
COMTUR – Conselho Municipal de Turismo
CONSERRA – Conselho Regional da Serra Catarinense
COOPER URUBICI – Cooperativa dos Produtores Rurais de Urubici
EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FATMA – Fundação do Meio Ambiente
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
MTUR – Ministério do Turismo
OMT – Organização Mundial de Turismo
PIB - Produto Interno Bruto
PDIL – Programa de Desenvolvimento do Lazer
PLATS – Plano do Turismo Sustentável de Urubici
PNT – Plano Nacional de Turismo
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POUSERRA – Associação de Pousadas e Hotéis de Urubici
PRODETUR - Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo
SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A
SAR – Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca
SDR – Secretaria de Desenvolvimento Regional
SDS – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável
SED – Secretaria de Estado da Educação
SICOOB - Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil
SIE – Secretaria de Estado de Infraestrutura
SPG – Secretaria de Estado do Planejamento
SOL – Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 - TURISMO E CIDADE	29
1.1 DO TURISMO PROPRIAMENTE DITO	29
1.2 DA RELAÇÃO ENTRE TURISMO E ARQUITETURA DA CIDADE.....	33
1.2.1 Turismo e Espaços de Centralidades	37
1.2.2 Turismo e Espaços Públicos	42
1.2.2.1 Da apropriação dos Espaços Públicos pela Atividade Turística	47
1.2.3 A Paisagem Urbana e a Imagem da Cidade na Apropriação pelo Turismo	50
CAPÍTULO 2 - URUBICI.....	59
2.1 ASPECTOS GERAIS	59
2.2 UM POUCO DE HISTÓRIA PARA CONTEXTUALIZAR	63
2.3 A DESCOBERTA DE UM TESOURO: O TURISMO NO MUNICÍPIO DE URUBICI.....	68
2.3.1 Do Morro à Igreja: Os Atrativos Turísticos de Urubici.....	72
2.3.2 A Infraestrutura Turística de Urubici	77
2.3.3 O Turista de Urubici	81
2.4 A CIDADE DE URUBICI: A PAISAGEM NATURAL QUE MOLDA E A ESSENCIALIDADE RURAL.....	86
2.5 A PRAÇA, A ESQUINA E O TRAÇADO.....	89
2.5.1 Do Banhado ao Traçado	111
CAPÍTULO 3 - A CIDADE E O TURISMO NA PERCEPÇÃO DOS TURISTAS E MORADORES	121
3.1 A PERCEPÇÃO DOS TURISTAS.....	122
3.2 A PERCEPÇÃO DOS MORADORES.....	138
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	149
4.1 CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES ACERCA DA CIDADE DE URUBICI.....	150

4.1.1 Quanto à Estrutura Morfológica da Cidade, sua Paisagem e Imagem	152
4.1.2 Quanto ao Nó Central no Bairro da Praça.....	154
4.1.3 Quanto ao Nó de Centralidade no Bairro da Esquina.....	160
4.1.4 Quanto a um Novo Nó de Centralidade no Bairro do Traçado	164
4.1.5 Recomendações e o Plano Diretor.....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
APÊNDICE A – LISTA DE ENTREVISTADOS	179
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS	180
APÊNDICE C – POLÍTICAS PÚBLICAS.....	185
ANEXOS.....	195

INTRODUÇÃO

Turismo e Cidade, das possíveis relações entre ambas podemos fazer duas leituras: uma sob o viés do papel da Arquitetura da Cidade no turismo, e a outra da atividade turística como uma das formas de apropriação da cidade. A arquitetura desempenhando o importante papel de moldar os espaços da cidade configurando-os em lugares, e o turismo de se apropriar desses lugares de determinada forma, ambos em estreita relação. A característica multidisciplinar conferida tanto ao campo da Arquitetura quanto do Turismo permite-lhes o diálogo com diferentes áreas, de modo que entre ambas – Turismo e Arquitetura - esse diálogo pode se iniciar pela razão estruturante e pela complementaridade que uma pode desempenhar em relação à outra: a arquitetura pelas suas características estruturadora, perceptiva, estética, histórica, entre outras que a define, e o turismo, por toda a cadeia produtiva que envolve e movimenta em sua conjuntura econômica, social, cultural e ambiental envolvendo diferentes áreas.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar esta relação entre a Arquitetura da Cidade e o Turismo no município de Urubici, o qual tem se destacado como reconhecido destino turístico da Serra Catarinense. A peculiaridade do município de baixas temperaturas durante o inverno, em conjunto com os seus atrativos naturais e sua essencialidade rural, tem atraído cada vez mais turistas e ganhado relevância no cenário turístico estadual e nacional. No entanto, o núcleo central de Urubici - a Cidade - apresenta-se pouco estruturada e atrativa para o turismo, configurando-se como lugar de pouca apropriação dos turistas que transitam de forma efêmera pelos espaços da cidade.

A pouca participação da cidade na atividade turística do município, especialmente no que se refere aos seus aspectos atrativos, e a sazonalidade que aflige o turismo de Urubici, foi o que motivou a presente pesquisa. Podem ser somadas ainda a estas motivações, a falta de lazer na cidade tanto para os turistas quanto para os moradores, assim como a evidência de construções históricas importantes presentes na cidade. Assim, buscamos com esta pesquisa desvelar o potencial da Cidade de Urubici para a configuração de lugares urbanos capazes de promover maior circulação e permanência dos turistas também na cidade, e de contribuir para a qualidade de vida urbana dos moradores do município. A escolha de Urubici como estudo de caso partiu da busca por conciliar o campo profissional e o acadêmico, tendo coincidido a época de adequação do projeto de pesquisa com a participação da pesquisadora em etapas iniciais do Plano de Turismo Sustentável de Urubici pela Secretaria de

Estado de Turismo, Cultura e Esporte, especificamente, em reuniões iniciais realizadas junto aos agentes públicos e privados envolvidos com o desenvolvimento do turismo do município.

Afim de atingir o objetivo geral desta pesquisa, foram definidos objetivos específicos que compreenderam: identificar de que forma a Cidade de Urubici participa da atividade turística do município, e como é percebida e apreendida pelos turistas e moradores do município; levantar os principais anseios e expectativas dos turistas e moradores no que se refere à Cidade de Urubici e em sua relação com o turismo; identificar elementos de potencial e/ou de interesse turístico na Cidade de Urubici envolvendo aspectos da Arquitetura da Cidade e da cultura local; e elaborar, a partir dos levantamentos realizados, recomendações envolvendo a Arquitetura da Cidade e o Turismo na Cidade de Urubici, com ênfase nos espaços públicos e nas centralidades, bem como em elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade.

A metodologia adotada para este trabalho configurou uma pesquisa de base qualitativa, na qual se buscou integrar os campos da Arquitetura e do Turismo. Como métodos para a investigação e desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas duas etapas principais: a revisão bibliográfica e de documentos, e o levantamento de registros fotográficos do município; e a etapa de análise empírica, a qual envolveu a realização de visitas e observações *in loco*, entrevistas semiestruturadas com representantes do poder público e de entidades representativas do turismo do município, e a aplicação de questionários com turistas e moradores.

A primeira etapa envolveu a imersão em leituras, especialmente de autores da área da Arquitetura, buscando-se a compreensão de abordagens que permitissem a aproximação da cidade enquanto arquitetura apropriada pelo turismo, bem como o levantamento e a consulta de bibliografia e de documentos relacionados ao Município de Urubici. Neste último caso, compreendidos principalmente por pesquisas e estudos publicados, o próprio Plano Diretor do município e livros relacionados à história e à cultura local. A análise do Plano Diretor do Município foi realizada como etapa final buscando-se não influenciar diretamente as considerações e recomendações oriundas da pesquisa. Para o levantamento de registros fotográficos, se utilizou como principal fonte de pesquisa o Acervo Histórico e Cultural de Urubici.

No que se refere à etapa de análise empírica, as visitas ao município ocorreram durante os meses de setembro de 2013, e março e julho de 2014¹, quando foram realizadas, além das observações *in loco*,

¹ 14 e 15 de setembro de 2013; 04, e 16 a 20 de março; e 19 e 20 de julho de 2014.

as entrevistas com representantes do poder público e de entidades representativas do turismo. Os entrevistados compreenderam o Vice-Prefeito de Urubici, o Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, o Assessor de Imprensa da Prefeitura e Representante da Instância de Governança da Região Turística da Serra Catarinense, a Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto, o Presidente do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, a Presidente da Associação de Pousadas e Hotéis de Urubici – POUSSERRA, além de historiadores e escritores de livros sobre Urubici (APÊNDICE A). As entrevistas tiveram como principal objetivo levantar dados e informações que pudessem auxiliar na caracterização e na compreensão do objeto de estudo, buscando principalmente identificar a forma de participação da Cidade de Urubici na atividade turística do município, bem como elementos de potencial e/ou de interesse turístico envolvendo aspectos da Arquitetura da Cidade e da cultura local.

A aplicação dos questionários com turistas e moradores ocorreu também durante este mesmo período, e foi realizada nas áreas urbana e rural de Urubici. Nesta etapa buscou-se identificar, principalmente, como a cidade é percebida e apreendida pelos turistas e moradores do município, bem como levantar os principais anseios e expectativas dos mesmos no que se refere à Cidade de Urubici, e em sua relação com o turismo. Como subsídio à esta investigação, vale ressaltar que foram essenciais as aproximações realizadas junto a autores de livros sobre Urubici e moradores interessados pela história local, assim como a realização de consultas junto a grupos do município formados em redes sociais. Estes grupos serviram de importante fonte de registros fotográficos como complemento ao material fotográfico levantado junto ao Acervo Histórico e Cultural de Urubici.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. O CAPÍTULO 1 se refere à revisão bibliográfica e trata da relação entre Turismo e Cidade, sendo inicialmente abordada a questão conceitual e a evolução da atividade turística, para então adentrarmos na discussão envolvendo a relação que pode ser estabelecida entre Turismo e Arquitetura da Cidade. Para esta abordagem, partimos da bibliografia de disciplinas cursadas ao longo do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e da Linha de Pesquisa em Arquitetura da Cidade, onde buscamos identificar enfoques e possíveis cruzamentos que permitissem investigar a cidade como arquitetura também apropriada pela atividade turística. Neste caso, o enfoque se deu voltado aos espaços públicos e às centralidades, elementos estruturantes da Arquitetura da Cidade e espaços por excelência de apropriação de

turistas, e também, aos elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade.

O CAPÍTULO 2 compreende a apresentação do Município de Urubici, quando buscamos contextualizá-lo a partir de seus aspectos gerais, históricos e turísticos com informações e dados levantados através de bibliografia específica, e das entrevistas e observações realizadas no município. Neste capítulo imergimos na cidade de Urubici, objeto de estudo da presente pesquisa, percorrendo seus bairros estruturantes - a Praça, o Traçado e a Esquina. Na abordagem da atividade turística do município, buscou-se tratar desde o início da atividade em Urubici até os dias atuais, referindo-se aos atrativos, à infraestrutura turística local, e ao perfil dos turistas que visitam o município. Para o levantamento do perfil dos turistas que visitam Urubici foram utilizadas a Pesquisa Fecomércio Turismo de Inverno 2012 e os Estudos da Demanda Turística – Alta Estação realizados pela Santur no município de Urubici.

No CAPÍTULO 3 são apresentados os resultados e a análise da pesquisa de campo que compreendeu a aplicação de questionários junto a turistas e moradores do município, afim de identificar suas principais percepções em relação à cidade de Urubici. Estas percepções envolveram, especialmente, o papel da Arquitetura da Cidade na legibilidade de sua estrutura e na imagem da cidade, bem como aspectos relacionados à atividade turística na cidade, onde buscou-se identificar elementos significativos e de interesse para ambos, turistas e moradores. O CAPÍTULO 4 traz as considerações finais e as recomendações que partem de reflexões e de constatações levantadas ao longo da pesquisa, e que se voltam para a articulação dos espaços públicos e de centralidades da cidade para a configuração de lugares de apropriação de turistas e de moradores do município. Ao final, são apresentados possíveis desdobramentos que suscitam da presente pesquisa, envolvendo o tema da Arquitetura da Cidade em sua relação com o Turismo.

CAPÍTULO 1 - TURISMO E CIDADE

A expansão do turismo tem possibilitado que cada vez mais pessoas possam conhecer novos sítios, novos lugares e diferentes culturas, onde as cidades se apresentam como estruturantes à atividade turística, seja no que se refere aos seus aspectos funcionais no desempenho da atividade, quanto no que diz respeito à sua atratividade, podendo configurar as cidades lugares de interesse turístico. Assim, neste capítulo buscamos provocar esta aproximação, entre Cidade e Turismo, em que focamos na abordagem da Cidade enquanto Arquitetura apropriada pelo Turismo, especialmente envolvendo os espaços públicos e de centralidades, e a paisagem urbana e a imagem da cidade. Iniciamos o capítulo com a conceituação do turismo permeando-se por aspectos envolvendo a evolução da atividade, para então traçarmos paralelos envolvendo a relação do Turismo e a Cidade.

1.1 DO TURISMO PROPRIAMENTE DITO

Segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT, o turismo compreende “As atividades que as pessoas realizam durante viagens e estada em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT *apud* BRASIL, [2003-2006] p. 4)². Embora existam outras definições acerca do conceito do turismo - por se tratar de uma área complexa que envolve diversos campos das ciências - a definição da OMT tem sido a mais adotada entre profissionais e acadêmicos da área. A primeira definição do que seria a atividade turística é atribuída ao economista austríaco Hermann von Schullen, no ano de 1911; época em que o turismo correspondia a um campo de estudo principalmente dos profissionais das ciências econômicas, o que vem justificar sua definição dada como “o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (BARRETTO, 2001, p. 09).

Com o desenvolvimento da atividade, o conceito da atividade turística passou também a incorporar outras variáveis envolvidas em sua

² A Lei Federal n.º 11.771/08 (Lei Geral do Turismo) reconhece esse conceito acrescentando que as viagens e estadas devem gerar movimentação econômica, trabalho, emprego, renda e receitas públicas, constituindo-se instrumento de desenvolvimento econômico e social, promoção e diversidade cultural e preservação da biodiversidade.

prática, como questões de ordem ambiental, cultural e social, e que buscavam contemplar a complexidade que envolve a atividade. O turismo deixa, portanto, de ter sua conceituação vinculada a uma perspectiva estritamente economicista e passa a ser destacado também como uma atividade de desenvolvimento humano, à medida que possibilita a integração entre os povos, o conhecimento de novas culturas, e o enriquecimento de conhecimentos por meio das viagens (BARRETTO *apud* BASTTEZINI, 2011, p. 46; WAHAB *apud* TRIGO, 1995, p. 10).

No entanto, a par das mudanças envolvendo as questões conceituais da atividade, o turismo ao longo dos anos não deixou de reafirmar sua importância na conjuntura econômica de diversos países e localidades. Neste sentido, alguns dados nos auxiliam na compreensão do crescimento da atividade e de sua representatividade no cenário da economia global e nacional. Segundo dados da OMT³, por exemplo, no ano de 2011 a receita internacional movimentada pelo setor turístico correspondeu a US\$ 1,2 trilhão. Sendo que no Brasil, os dados se apresentaram igualmente positivos; entre o período de 2003 a 2009, o turismo registrou um crescimento de 32,4%, índice este considerado acima da economia brasileira como um todo, que teve um crescimento de 24,6%. E somente em 2011, o setor do turismo cresceu 6%, o que representou o dobro da média mundial, sendo a atividade turística responsável por 3,7% do PIB brasileiro e pela geração de cerca de 2,8 milhões de empregos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009). Os dados da Polícia Federal vêm confirmar essa tendência, em 2012 foram registrados cerca de 5,7 milhões de chegadas de turistas estrangeiros ao Brasil, e mais de 85 mil de embarques quanto de desembarques de voos nacionais nos aeroportos brasileiros, segundo a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária – Infraero.

Dados mais recentes de estudo sobre o impacto do turismo no mundo, realizado pela *World Travel & Tourism Council* – WTTC (2013), revelaram que o setor turístico contribuiu com 9,5% para a economia global, e com 9,2% do PIB brasileiro, o que equivale à R\$ 443,7 bilhões, colocando o Brasil na 6ª posição do ranking mundial da economia do turismo, liderada pelos Estados Unidos e pela China. Estes dados se referem à contribuição total incluindo as atividades diretas, indiretas e induzidas pelo turismo; no que se refere à contribuição direta, no Brasil esse percentual cai para 3,5% do PIB, o equivalente à R\$ 166,1 bilhões

³ Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/12/13/turismo-chega-a-1-bilhao-de-viagens-em-2012>>. Acesso em: 27 set. 2014.

de reais. Em relação à geração de empregos, o estudo aponta para o Brasil a criação de 3 milhões de postos de trabalho diretos e 8,4 milhões incluindo empregos indiretos e induzidos⁴.

Ou seja, o turismo vem crescendo e apresentando indicadores significativos para a economia do país e do mundo; e tem estado cada vez mais presente nos hábitos de consumo da população brasileira e mundial⁵. Neste sentido, Dias e Aguiar (2002, p. 45), relatam que o advento da urbanização, a limitação das horas de trabalho, a valorização do ócio e do “tempo livre”, somadas aos avanços tecnológicos geraram mudanças significativas no campo do turismo. Segundo os autores, no início do terceiro milênio estão ocorrendo dois fenômenos que se interrelacionam e se complementam: a globalização e a terceira revolução científico-tecnológica, estando o incremento das viagens turísticas diretamente interligado com estes dois fenômenos. Barretto corrobora este argumento quando relaciona o papel determinante que exercem tais transformações na prática da atividade turística. Segundo a autora,

O surgimento do turismo na forma que conhecemos hoje não foi um fato isolado; o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo (BARRETTO, 2001, p. 51).

No entanto, é preciso considerar que, do mesmo modo que a atividade turística se vê influenciada por transformações e fatores diversos e externos, o turismo também se configura como uma atividade dinâmica e agente de transformação. Ao envolver, sobretudo, pessoas em constantes interações, e em interação com o ambiente natural e o construído pelo homem, o turismo gera, conforme relatado por De la Torre (1992, p. 19, *apud* Barretto, 2001, p. 13), múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural, e que passam a demandar,

⁴ Disponível em:

http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20140417-1.html. Acesso em 27 set. 2014.

⁵ Vale recordar que as primeiras tentativas em configurar o turismo como uma forma de negócio, surgem a partir do Século XIX. Nesta época, as viagens começam a ser organizadas por pessoal especializado, onde Thomas Cook, na Grã Bretanha se destacou como precursor deste processo. “A grande contribuição de *Thomas Cook* foi a organização da viagem completa – transporte, acomodação e atividades no local de destino – que foi copiada no mundo todo” (LICKORISH; JENKINS, 2000, p. 30 *apud* DIAS; AGUIAR, 2002, p. 46).

com o crescimento da atividade, maiores preocupações com relação aos seus impactos. Momento no qual o turismo amplia sua agenda de discussão envolvendo o desenvolvimento sustentável⁶, e reafirma a necessidade do planejamento turístico como requisito imprescindível no processo de desenvolvimento da atividade, buscando-se assegurar que esta venha a ocorrer de modo equilibrado e adequado às realidades locais.

Conforme relata Ruschmann,

[...] o planejamento é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado e em harmonia com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando, assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir (RUSCHMANN, 2001, p.10).

Para Buarque (1998), o planejamento “é um instrumento para a construção de uma proposta convergente dos atores e agentes que organizam as ações na perspectiva do desenvolvimento sustentável”, cujo processo, define o autor, caracteriza-se como um processo técnico e ao mesmo tempo político,

Técnico - por ser ordenado e sistemático, por utilizar técnicas de organização, sistematização, hierarquização da realidade e variáveis do processo e do esforço para produção e organização das informações referentes ao objeto e instrumentos de intervenção - e político - em função de toda a decisão e definição dos objetivos passarem pelos interesses e negociações entre os atores sociais (BUARQUE *apud* BASTIZINI, 2011, p. 35-36).

Neste sentido, Morais (2003, p. 98) ressalta o papel que devem assumir as políticas públicas (APÊNDICE C) para a organização e desenvolvimento da atividade. Segundo defende o autor, “O turismo, se entendido como opção de desenvolvimento social e econômico, só pode acontecer sob o respaldo do planejamento previsto nas políticas públicas [...]”, o que exige do poder público, o engajamento em ordenar e direcionar as ações onde o turismo se desenvolve. No entanto, o planejamento turístico deve compreender, sobretudo, processos participativos, buscando-se que as tomadas de decisões do município venham a contemplar interesses compartilhados entre os diversos atores

⁶A definição de desenvolvimento sustentável do turismo pela *World Commission of Environment and Development* (1987) se refere ao turismo que atende “[...] às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos pelas gerações futuras” (RUSCHMANN, 2001, p. 10).

envolvidos com o seu desenvolvimento. A participação leva à apropriação do planeamento por todos aqueles que fazem parte de seu processo e permite que as proposições sejam mais assertivas nos seus resultados.

Para Boullón, que trata do planeamento dos espaços turísticos,

Planejar bem o espaço é descobrir sem erro como é a realidade (nossa realidade, não outra), e ser capaz de imaginar aquilo que devemos agregar-lhe, para que, sem que perca seus atributos, adapte-se a nossas necessidades (BOULLÓN, 2002, p. 08).

E quando falamos em planeamento turístico, estamos também falando de planeamento dos espaços turísticos, os quais poderão ocorrer tanto em ambientes naturais quanto urbanos, o que torna os elementos da Arquitetura da Cidade essenciais não somente ao planeamento urbano, mas também ao planeamento turístico das cidades. Assim, procuramos a seguir provocar esta aproximação entre turismo e cidade, onde a Arquitetura da Cidade se apresenta como aspecto basilar desta aproximação.

1.2 DA RELAÇÃO ENTRE TURISMO E ARQUITETURA DA CIDADE

Das possíveis relações que podemos estabelecer entre Turismo e Cidade, podemos fazer duas leituras: uma sob o viés do papel da Arquitetura da Cidade no Turismo, e a outra da atividade turística como uma das formas de apropriação da cidade; a arquitetura desempenhando o importante papel de moldar os espaços da cidade configurando-os em lugares, e o turismo de se apropriar desses lugares de determinada forma, ambos em estreita relação. O diálogo entre as áreas multidisciplinares do turismo e da arquitetura pode se iniciar pela razão estruturante e pela complementaridade que uma pode desempenhar em relação à outra: a arquitetura pelas suas características estruturadora, perceptiva, estética, histórica, entre outras que a define, e o turismo, por toda a cadeia produtiva que envolve e movimenta em sua conjuntura econômica, social, cultural e ambiental envolvendo diferentes áreas.

A relação entre as duas áreas pode ser inclusive alusiva aos primórdios da prática organizada do turismo, quando nos referimos aos “*Grands Tours*”⁷ realizados no Século XVII; e que correspondiam às

⁷ Segundo DIAS; AGUIAR (2002, p. 45), no Século XVIII já se empregava na Inglaterra a frase de origem francesa *Faire lê grand tour*, para referir-se aos jovens que, para complementar sua educação, organizavam grandes percursos nos diferentes países europeus. A esses viajantes se começou a chamar de

viagens realizadas pelos filhos de famílias tradicionais e abastadas da época afim de que completassem sua formação educacional viajando pelas principais cidades da Europa, onde aprendiam novas línguas e costumes, adquiriam obras de arte e visitavam monumentos da antiguidade (RODRIGUES, 2003, p. 15). Interesse este que perdura até os dias de hoje, quando cada vez mais presenciamos milhares de pessoas se deslocando em busca de conhecer novos sítios, novas pessoas e diferentes culturas, onde muitas vezes, a Arquitetura da Cidade se configura como um dos principais elementos atrativos e motivadores das viagens turísticas.

Por outro lado, a atividade turística também pode desempenhar um importante papel junto à arquitetura das cidades, ao considerarmos o turismo como uma atividade que pode contribuir para a apropriação, a valorização, a reutilização ou a produção de espaços construídos. No entanto, em ambos os casos, para que essa relação seja bem sucedida, é preciso, sobretudo, planejamento. Atribuir a devida importância ao planejamento e ao seu processo participativo é uma forma de evitar, por exemplo, a destruição de atrativos ou a realização de intervenções destoantes da realidade local, e que poderão contribuir para a descaracterização de lugares ou para o surgimento de outros de forma desinteressante e massificada.

Embora a relação primeira que tendemos a estabelecer entre o turismo e a arquitetura esteja ainda, muito vezes, atrelada às questões do patrimônio histórico-cultural dos lugares, a relação entre as duas áreas vai além, e diz respeito também à cidade. À cidade enquanto arquitetura e à cidade enquanto meio e produto da atividade turística, quando nos referimos, neste último caso, às cidades eminentemente turísticas e que poderão ter seus espaços configurados a partir desta atividade. Trata-se, portanto, de uma relação estreita e que se estende de maneira complexa, onde é preciso considerar que ambos, turismo e arquitetura, atuam como agentes de transformações físico-sociais das cidades. E quando falamos em cidade enquanto arquitetura, estamos nos referindo à definição de Arquitetura da Cidade de Rossi. Segundo o autor,

“turistas”, termo que, depois, na França, foi utilizado para designar toda pessoa que viajava por prazer, curiosidade ou qualquer outro motivo. Em pouco tempo, outros países, nos seus próprios idiomas, foram adotando o termo “turismo” com o sentido de viagens sem o objetivo lucrativo, que ocorriam com a finalidade de distração, descanso, busca de tratamento de saúde, satisfação da curiosidade cultural, desejo de conhecer outros lugares e costumes.

[...] por arquitetura da cidade podem se entender dois aspectos diferentes: no primeiro caso, é possível assimilar a cidade a um grande artefato, uma obra de engenharia e de arquitetura, mais ou menos grande, mais ou menos complexa, que cresce no tempo; no segundo caso, podemos nos referir a entornos mais limitados da cidade inteira, a fatos urbanos caracterizados por uma arquitetura própria, portanto por uma forma própria. [...] Um ou outro não deixam de ser parte da arquitetura da cidade, entendimentos que se complementam e que compartilham de pontos em comuns como um arranjo estético e funcional que configura o espaço da cidade seja em diferentes escalas, mais permanente ou não (ROSSI, 1995, p.13).

E justamente essa relação entre o turismo e a cidade que nos interessa nesta investigação, quando encontramos na Arquitetura da Cidade o arranjo estrutural necessário à atividade turística, e também fatos urbanos que abrigam a história das cidades, e que poderão revelar-se atrativos aos olhos de turistas e moradores. Conforme nos apresenta Yáziqi, especialista em planejamento urbano e regional, e na área do planejamento territorial do turismo,

As cidades são formadas por uma profusão de formas arquitetônicas, reveladoras de história, tecnologia, virtudes estéticas e muitas outras informações que interessam tanto o estudioso quanto o amador, frequentemente na posição de turista ou de *voyeur* (YÁZIGI, 2002, p. 17).

Neste sentido, podemos entender a Arquitetura da Cidade como um largo registro dos processos de transformação da cidade, cuja leitura nos possibilita ter revelada as condicionantes geográficas, as relações sociais, econômicas, culturais, entre outras que se estabeleceram em diferentes épocas e que foram determinantes na conformação dos espaços construídos. Como nos relata Rossi (1995, p. 161), “[...] a partir da arquitetura, talvez mais do que qualquer outro ponto de vista, é possível se atingir uma visão globalizante da cidade e, portanto, uma compreensão da sua estrutura”. Assim como os padrões de estética e funcionalidade empregados, os aspectos de tipos e formas arquitetônicas predominantes nos remetem a um tempo da cidade, podendo se constituir em componente histórico de atratividade turística.

Podemos, portanto, relacionar a Arquitetura da Cidade também a um dispositivo de memória, quando um fato urbano nos remete a uma determinada época ou feito histórico em específico, ou ainda, quando as

características arquitetônicas de um lugar são capazes de evocar sentimentos de nostalgia e lembranças. Calvino, em “As cidades invisíveis” (1990) nos auxilia na compreensão desta estreita relação entre a cidade e a memória, onde a narrativa de seu personagem viajante, Marco Polo, nos leva a percorrer cidades do império mongol, revelando a cidade conter sua própria memória em cada detalhe. Através de descrições minuciosas das cidades, o autor nos leva a crer cada cidade como única na sua paisagem e na sua construção no tempo, onde o olhar pela cidade, segundo um dos seus relatos, percorre as ruas como fossem páginas escritas. Neste sentido, é possível fazermos uma analogia da cidade como um grande livro aberto, que nos seus traços e na riqueza dos detalhes nos permite ler as permanências e transformações de cada época, ou mesmo como um grande quadro de pintura ainda inacabado, que a partir de suas nuances, vazios, riscos e sobreposições possibilita ao observador perspicaz as mais profundas formas de apreendê-lo, imprimindo cada nova pincelada à Arquitetura da Cidade.

Segundo Rossi (1995, p.01), a arquitetura é por natureza coletiva e uma criação inseparável da vida civil, tendo se iniciado ao mesmo tempo que os primeiros esboços das cidades. Desde os primórdios, ainda que com limitações técnicas e de recursos materiais, e descoberta de conceitos que mais tarde lhe possibilitariam se consolidar enquanto ofício e campo da ciência, a arquitetura sempre esteve presente na organização espacial do ambiente habitado pelo homem, sendo portanto, “[...] um fato permanente, universal e necessário” (ROSSI, 1995, p. 01). Considera ainda o autor,

A cidade como arquitetura, o que não se refere apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquiteturas, mas antes à arquitetura como construção. A construção da cidade no tempo (ROSSI, 1995, p. 01).

Uma construção que transcende sua qualidade físico-territorial, na medida em que se estende por múltiplas abordagens envolvendo as mais variadas relações e atividades que se estabelecem e se apropriam dos espaços da cidade, dentre elas a atividade turística. Neste sentido adentramos nas questões envolvendo a Arquitetura da Cidade apropriada pelo turismo, onde o enfoque, neste caso, se volta especialmente aos espaços públicos e de centralidades, elementos estruturantes da Arquitetura da Cidade e espaços por excelência de apropriação dos turistas, e também aos elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade, os quais correspondem a partes construtivas da experiência e da Arquitetura da Cidade apropriada pelos turistas.

1.2.1 Turismo e Espaços de Centralidades

Os espaços de centralidades são recorrentes nas apropriações da cidade pela atividade turística; quando estamos conhecendo ou visitando uma cidade é muito comum nos dirigirmos aos espaços de centralidades, seja porque eles abrigam atrativos ou a parte histórica da cidade, ou mesmo pelo movimento intrínseco à sua formação urbana que nos convida a conhecer e a sentir a cidade. Neste sentido, podemos considerar o turismo tanto uma atividade geradora de centralidades, por proporcionar e instigar a concentração de pessoas, de serviços, de equipamentos e de atividades numa localidade, quanto uma atividade que converge para as centralidades existentes, contribuindo através de usuários efêmeros para o fomento desses espaços.

Segundo Hassenpflug (2007), “As cidades são cidades porque – e quando – elas têm um centro (ou mais centros, por exemplo, uma hierarquia de centro principal, subcentros e centros de vizinhança)”, de modo que assumem os centros grande importância no provimento da forma urbana e de sua coerência, contribuindo para tornar as cidades distintas e legíveis. Lefebvre reflete sobre essa aproximação entre cidade e centralidade destacando que,

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela *centraliza* as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem *relações*. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm uma das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças (LEFEBVRE, 2008, p. 109).

Assim como Lefebvre, autores como Assen de Oliveira (2011) e Kostof (*apud* ASSEN DE OLIVEIRA, 2011), corroboram desta definição de Hassenpflug, e aproximam a centralidade ao próprio conceito de cidade. Para Assen de Oliveira (2011, p. 24), “A cidade é ela própria a mais importante centralidade”, onde ambas – centralidade e cidade - se confundem enquanto locus de densidade e intensidade da vida urbana. Neste ponto, é importante também nos situarmos em relação às colocações de Trindade e Ribeiro, do campo da geografia, que se referem à distinção entre centro e centralidade. Segundo os autores,

Centro refere-se ao que é fixo, que se localiza, enquanto centralidade expressa fluxos, o que circula, representando uma articulação das

dimensões espaço/tempo. A ideia de centro carrega implícita uma polaridade não excludente – centro em relação às bordas. (TRINDADE; RIBEIRO *apud* DO AMARAL E SILVA, 2011, p.111).

Está a ideia de centralidade baseada na noção de lugares específicos que,

[...] destacam-se pela posição de convergência de fluxos e pelo caráter centrípeto exercido em relação a um contexto intra-urbano ou, dada à infraestrutura ofertada e à densidade técnica, de atividades econômicas e sociais que neles se concentram (TRINDADE; RIBEIRO, p. 112).

Assim, o conceito de centralidade estaria relacionado especialmente à capacidade de certos lugares em concentrar elementos e articular fluxos, sejam eles de pessoas, de serviços, entre outros, podendo constituir-se centralidades em diferentes pontos da cidade. No entanto, frequentemente, a centralidade também é relacionada ao centro no seu sentido embrionário, quando coincidem enquanto *locus* de formação da cidade. Nestes casos, a centralidade tem enaltecida sua característica de lugar de significado simbólico, e de “espaço privilegiado no tempo” conforme definição de Pesavento (2008, p. 4), correspondendo ao marco zero de uma cidade, ao local onde tudo começou.

No entanto, embora estruturantes da Arquitetura da Cidade e lugares de referência à identidade das cidades e dos seus cidadãos, estes espaços por vezes têm se apresentado como espaços de resistência à voracidade de transformações urbanas efêmeras, que muitas vezes sobrepõem interesses coletivos da cidade, no sentido mais democrático da palavra. Conforme afirma Rossetto (2011, p. 352), a história de formação e transformação dos espaços urbanos foi igualmente acompanhada por mudanças tanto no que refere à configuração quanto no papel assumido por esses “centros”. Para a autora, embora em alguns aspectos a dinâmica de crescimento das cidades tenha contribuído na melhoria do padrão de vida urbano,

[...] em outros subverteram prioridades, colocaram em cheque culturas, apagaram da história (individual e coletiva) lugares dotados de significado, chamado por Nora de “lugares de memória” ou por Ricoeur de “espaços que contêm um tempo” e que na maioria das vezes se encontravam no centro das cidades (ROSSETTO, 2011, p. 251).

Neste sentido, autores como Arantes (2006) e Proença Leite (2007) nos levam à reflexão destas questões ao abordarem temas envolvendo a dimensão urbana e os usos do patrimônio cultural, e as transformações de centros históricos das cidades. Segundo Arantes (2006, p. 431), existe uma tendência de prevalecer na cidade contemporânea o foco dos bens patrimoniais enquanto capital imobiliário, o que torna muitas vezes descartáveis, bens que seriam relevantes em sua singularidade à cidade e aos seus cidadãos. Do mesmo modo, Rogério Proença Leite, em “Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea”, argumenta sobre o sentido público disputado nos espaços urbanos da cidade, e que envolvem, especialmente, os processos contemporâneos de “revitalização” urbana que resultam na transformação de patrimônios culturais, cidades e centros históricos em espaços voltados ao consumo e por vezes gentrificados.

Abordagens estas que consideramos compartilhar de reflexões e de preocupações que permeiam o campo da Arquitetura da Cidade em sua relação com o Turismo, uma vez que presenciamos na cidade contemporânea a suposta “valorização” de bens patrimoniais e de centros históricos sendo reduzida às características de natureza estética⁸, onde cenários e atmosferas de apelo turístico são criados negligenciando-se o real valor simbólico e de significância destes lugares para a cidade e seus cidadãos. Pesavento, compartilha destas questões quando coloca que os centros urbanos enquanto produto turístico devem contar com pressupostos de atrações bem definidos. Segundo a autora, que considera existir nos dias atuais uma nostalgia e uma expectativa de consumo do passado, “Um turismo cultural se faz com um elenco de espaços que contam histórias, de prédios capazes de se oferecerem à leitura, ligados a uma preocupação estética e de informação sobre o passado da cidade” (PESAVENTO, 2008, p. 10). Ou seja, trata-se de um conjunto que não pode ser reduzido a questões meramente estéticas, e que deve ser ainda acompanhado da infraestrutura turística adequada, envolvendo equipamentos de meios de hospedagem, restaurantes, guias especializados, acesso a informações adequadas, animação do espaço público, entre outros aspectos. Neste sentido, reforçamos a importância que assumem os processos participativos no planejamento de intervenções urbanas e de atividades turísticas nas cidades; e destacamos

⁸Algumas, inclusive, de tamanha artificialidade e/ou padronização que chegamos a poder relacioná-las com o conceito de não-lugares de Marc Augé (1994): um todo referenciado a si mesmo, ambientes limpos, monitorados, previsíveis, e revestidos pela sensação de segurança e controle.

também a característica da pluralidade presente nos espaços de centralidades, e que corresponde a uma das suas maiores virtudes, devendo ser respeitada e contemplada nos processos de planejamento.

Para Do Amaral e Silva,

[...] a centralidade é essencial na estruturação da cidade, constituindo-se como lugar de pluralidade, de concentração, de densidade e diversidade do poder, da vida cultural, do movimento e do encontro, do coletivo, do comércio, das finanças e dos serviços, do sagrado e do profano, da esfera pública da vida cidadã. Centro, designando centralidade, é sinônimo de “movimento” – razão primeira de sua localização e do sentido de vitalidade associado ao apreciar, ver, estar na cidade, que resulta da intensa apropriação e de sentimentos de pertencimento e identidade (DO AMARAL E SILVA, 2011, p. 111).

Deste modo, podemos destacar além do papel histórico, cultural e estruturante que representam os espaços de centralidades, o potencial de trocas afetivas e de significados que os espaços de centralidades em geral contêm, e que possibilitam aos seus transeuntes, transitórios ou permanentes, processos de socialização diversos. Conforme afirma Assen de Oliveira (2011, p. 32), a pluralidade e simultaneidade de acontecimentos, de usos e significados até mesmo contraditórios nos espaços de centralidades, constituem importantes momentos de socialização. Neste sentido, podemos atribuir aos espaços de centralidades a característica de espaços singulares, no sentido de únicos, quando correspondem aos espaços que abrigam a história e a identidade da cidade e de seus cidadãos, e, ao mesmo tempo, a característica de espaços de pluralidade, pela capacidade que apresentam em concentrar uma diversidade de sujeitos e de situações, de promover num mesmo espaço o encontro de semelhanças e diferenças, ou ainda, das mais variadas virtudes e desvirtudes da vida contemporânea⁹.

⁹ Neste último caso, podemos relacionar inclusive a leitura de Arantes (2006), em “A Guerra dos Lugares. Mapeando zonas de turbulência”, na qual somos levados a percorrer o centro da cidade de São Paulo, mais especificamente até a Praça da Sé, onde sujeitos antagônicos compartilham o mesmo espaço, ao mesmo tempo em que fronteiras simbólicas e liminaridades são erguidas ainda que de formas invisíveis. Um retrato das múltiplas enunciações que a prática social pode construir, onde são abordadas a pluralidade característica das centralidades, e a complexidade de relações sociais que se congregam nesses espaços da cidade.

O crescimento das cidades tem levado ao surgimento de novos pontos de centralidades, os quais, segundo Do Amaral e Silva (2011, p. 112), se constituem em espaços “[...] de diferentes características e em diferentes escalas, dando lugar a um verdadeiro sistema de centralidades, de nós essenciais na estrutura da cidade”. Esta tendência tem sido presenciada nas cidades, principalmente, a partir de meados do Século XX, e tem levado questões como a urbanização dispersa e o surgimento de novas centralidades ao cerne dos novos desafios de planejar a cidade. Conforme Assen de Oliveira,

Conceitos consolidados que permitam verificar contraposições e dualidades socioespaciais como cidade-campo, rural-urbano, cidade e subúrbio, ou ainda, centro e periferia, já não podem mais ser mais facilmente verificados. Novos territórios urbanos se espalham¹⁰. É a chamada urbanização dispersa. Novos modos de vida e consumo do território impõem-se. Alteram-se a estruturação das cidades e a configuração das suas centralidades (localização, usos, escalas, formas, significados) (ASSEN DE OLIVEIRA, 2011, p. 21).

O turismo, por sua vez, se apropria desta nova dinâmica das cidades, e se expande também por territórios diversos, difundindo segmentos turísticos variados, provocando e direcionando novos fluxos, e promovendo, inclusive, a aproximação entre os diferentes espaços de centralidades. Apresentam-se, portanto, os espaços de centralidades como estruturantes da Arquitetura da Cidade, e espaços apropriados pelo turismo, a partir e através dos quais se articulam os fluxos e se organizam as atividades turísticas das cidades. Os espaços de centralidades também correspondem aos espaços no quais geralmente se promove o (re)conhecimento das cidades em sua essência mais plural e coletiva, e onde muitas vezes encontra-se abrigada grande parte da história e da identidade das cidades. Assim, negligenciar esses espaços pode significar perdas significativas no que se refere à totalidade da cidade envolvendo sua estrutura, imagem e significado simbólico, bem como, no que se refere à atividade turística, a qual poderá vir a se apropriar destes espaços

¹⁰ À estas questões postas por Assen de Oliveira podemos relacionar as colocações de Pieper e Vieira (2011) quanto à nova dinâmica entre o rural e o urbano, ou melhor, o espaço de confluência entre ambos, conhecido por Rururbano, em que argumentam que a realidade já não permite que o rural e o urbano sejam tratados isoladamente, mas sim a partir de uma visão integradora, como espaços complementares e interdependentes.

contribuindo para valorização e preservação dos mesmos. Hassenpflug (2007), se referindo à antiga cidade europeia, salienta o significado sócio-cultural do espaço urbano central. Segundo o autor,

O centro é um palco público. Ele é (ou reclama ser) espaço público, isto é, espaço que é (ou deveria ser) acessível para todos, para os ricos e pobres, os jovens e velhos, nativos e estrangeiros¹¹.

Assim, adentramos a seguir na abordagem dos espaços públicos, os quais em conjunto, ou melhor, de maneira intrínseca às centralidades atuam diretamente na estrutura e na legibilidade das cidades, e correspondem também à Arquitetura da Cidade apropriada pelo Turismo. A todo o momento somos instigados a imprimir significados e resignificados acerca do que vivemos e do ambiente em que vivemos, e grande parte deste exercício se dá em função da nossa vida pública, ou seja, quando nos permitimos nos expor e estar expostos às mais variadas similitudes e diferenças que nos auxiliam tanto na reafirmação do que somos quanto na construção de novos significados, onde os espaços públicos e de centralidades assumem importante papel enquanto palco principal deste aprendizado, e o turismo, enquanto um dos meios em que nos possibilitamos, de maneira mais natural, vivenciar estas experiências envolvendo os espaços da cidade.

1.2.2 Turismo e Espaços Públicos

Assim como os espaços de centralidades, os espaços públicos desempenham papel fundamental na Arquitetura da Cidade; poderíamos nos arriscar a dizer que ambos, espaços públicos e de centralidades abrigam de forma preponderante o que entendemos como a essência da cidade, onde uma das diferenças entre um e outro recairia no fato de que, na centralidade, essa essencialidade estaria relacionada a “*locus* em específico”, enquanto no caso dos espaços públicos ela se estenderia por diferentes *locus* da cidade. Essa relação próxima, intrínseca, que podemos estabelecer entre os espaços públicos e de centralidades pode ser atribuída, inclusive, ao fato dos espaços públicos corresponderem ao grande suporte na conformação dos espaços de centralidades, seja no que se refere ao acesso, aos espaços de circulação, da vida em público, ou ainda, podendo corresponder os próprios espaços públicos aos espaços de centralidade de uma cidade.

¹¹ Os estrangeiros eram, naquela época, comerciantes distantes. Em alemão, os termos “estrangeiro” (*Fremder*) e “comerciante” (*Haendler*) se mantiveram como sinônimos até meados do Século XIX (HASSENPLUG, 2007).

Nos espaços de centralidade são, também, onde geralmente tendem a estar evidenciados os espaços públicos enquanto locais de grandes fluxos, e onde, mais do que em qualquer outro lugar da cidade, encontram-se esses espaços apropriados por uma pluralidade de sujeitos. De acordo com Borja¹², “*El espacio público supone pues dominio público, uso social colectivo y multifuncionalidad. Se caracteriza físicamente por su accesibilidad, lo que convierte en un factor de centralidade*” (BORJA *apud* ASSEN DE OLIVEIRA, 2011, p. 38). De modo que entendemos a relação entre ambos – espaços públicos e de centralidades – enquanto a grande trama da cidade.

Segundo Panerai, que nos auxilia na compreensão conceitual destes espaços,

[...] o espaço público se define primeiramente como espaço do público. Aberto e acessível a todos, a todo momento, ele pertence à coletividade, ele é, para retomar a expressão latina, coisa pública (*res publica*) (PANERAI, 1994, p. 79).

Complementa ainda o autor que,

O espaço público, com efeito, se define pelo seu estatuto de *domínio público*, diferente daquele das propriedades disponíveis para edificação. Nesse sentido, o espaço público não se confunde com os edifícios ou equipamentos públicos que pertencem ao Estado ou às coletividades locais, nem com os edifícios abertos ao público, como lojas, casas de espetáculo etc. (PANERAI, 1994, p. 80).

Ou seja, tratam-se, portanto, de espaços pertencentes à ordem de bem público¹³, que se caracterizam por serem de posse coletiva e de uso comum a todos os cidadãos (EPPINGHAUS, 2004, p.51). E que, por sua vez, diferem dos espaços de domínio público que, embora pertençam à esfera do público, poderão no desempenho de suas funções apresentar o seu acesso restrito a alguns cidadãos, como no caso de instituições de ensino e hospitais públicos, por exemplo. Postas estas questões de ordem

¹² *La ciudad conquistada* no capítulo *La ciudad es espacio público*.

¹³ “Os bens públicos de uso comum são aqueles aos quais o povo tem livre acesso: mares, rios, estradas, ruas, praças etc. Distinguem-se funcionalmente dos bens públicos de uso especial, utilizados para serviços públicos [edifícios, automóveis, mercados etc.] e dos dominiais [não utilizados diretamente por serviço da Administração, mas patrimônio como propriedade das entidades públicas]” (EPPINGHAUS, 2004, p. 51).

conceitual, interessa-nos abordar a relação entre o turismo e os espaços públicos da cidade, envolvendo especialmente o tema da apropriação.

Podemos entender os espaços públicos como palco principal onde a atividade turística acontece, se constituindo nos espaços do fluxo, do ir e vir, e por vezes, configurando-se como o próprio atrativo turístico em si. Conforme nos apresenta Yázigi, que dá ênfase aos espaços públicos dos lugares no turismo,

O espaço público pode ser apreendido sob formas específicas: como estruturador urbanístico e como principal cartão de visitas do lugar: é a partir dele que turistas e forasteiros chegam ao lugar e seu universo. Para todos, e mais ainda para os residentes, é o elemento mais visível da ordem política, aquele cuja organização e normas mostram em que grau o lugar lida com os conceitos de liberdade, democracia, respeito recíproco (YÁZIGI, 2001 *apud* Scherer, p. 101).

Além de se configurarem como importante elemento estruturante da atividade turística e de reconhecimento da atividade no destino, situando inclusive o turista do ambiente visitado, podemos atribuir aos espaços públicos, conforme corroborado por Panerai e Rossetto, a qualidade de escopo de cidadania. Segundo Rossetto (2011, p. 254), atuar sobre os espaços públicos, em conjunto com a regulamentação do uso privado, significa de certa forma atuar sobre a cidadania, podendo constituir os espaços públicos um importante instrumento de justiça social. Conforme afirmado por Panerai,

Restituir ao conjunto dos espaços públicos uma unidade é participar de certo ponto de vista sobre a cidade e sobre a cidadania. É afirmar uma atenção ou um desvelo igual para todas as partes da aglomeração e recusar-se à dicotomia entre o luxo dos bairros privilegiados e o refinamento dos setores históricos, de um lado, e o abandono dos bairros deserdados. É tornar-se sensível a todos sua qualidade de habitante ou no sentido original – de cidadãos (PANERAI, 1994, p. 82).

Assim, é preciso pensar e planejar os espaços públicos como protagonistas, através de projetos que busquem requalificá-los, seja no atendimento das novas demandas urbanas ou daquelas que persistem esquecidas na gestão das cidades, de modo que esses espaços não sejam considerados passivos às transformações que ocorrem nos ambientes urbanos, mas que contribuam para o direcionando de formas de

desenvolvimento que possibilitem novas maneiras de viver e de se relacionar com a cidade. Como destaca Panerai, ao tratar o espaço público como ordenador do construído é preciso “pensá-lo como elemento positivo do projeto e não como um vazio residual a organizar por último” (PANERAI, 1994, p. 80). Para tanto,

[...] deve-se operar uma verdadeira inversão da perspectiva, colocando o espaço público como origem e base fundamental do trabalho de projeto. [...] não se trata mais de pensar a cidade ou o bairro em termos de quantidade de edifícios a construir [...], mas como um sistema de espaços públicos formando a base estável do projeto [...] (PANERAI, *apud* DO AMARAL E SILVA 2011, p. 110).

Diante essa realidade, Do Amaral e Silva (2011, p. 114) defende a definição pelo poder público de uma matriz morfológica que oriente as ações pontuais tanto do setor público como do setor privado, de modo que o poder público possa reassumir o seu papel de protagonista e a iniciativa privada volte a se colocar como coadjuvante na configuração dos espaços públicos da cidade. Para Panerai, o traçado do espaço público se confunde com o plano da cidade, sendo que o repertório das maneiras de fazê-lo ou das referências disponíveis ultrapassa o simples enunciado de rua, praça. Sendo “Contínuo, hierarquizado e acessível a todos, o espaço público presta-se particularmente bem a acolher as várias redes de serviços de que as cidades têm necessidade” (PANERAI, 1994, p. 81), cuja constatação, segundo o autor, parecia trivial se já estivesse sido compreendida, o que raramente acontece.

Neste sentido, podemos também relacionar a citação de Panerai com as questões colocadas por Do Amaral e Silva (2011) e Rosetto (2011) no que se refere à falta de articulação das intervenções urbanas com a totalidade da cidade. Quando se verifica, por exemplo, na cidade contemporânea processos de ocupação dispersos, sem que haja a previsão da articulação espacial necessária; e que resultam em rupturas, vazios urbanos, espaços gentrificados, entre outros aspectos que vão na contramão de uma ocupação coerente e equilibrada da cidade. Rosetto (2011, p. 263), inclusive ressalta a falta de articulação e visão conjunta envolvendo os equipamentos públicos, que abstraído o tecido urbano existente e a estrutura da cidade, acabam desperdiçando um grande potencial de se criar espaços de centralidade e uma melhor utilização dos espaços públicos da cidade (ROSSETTO, 2001, p. 263). Conforme Do Amaral e Silva (2011, p. 100 e 101), as articulações entre os sistemas de

espaços públicos e de centralidades em suas várias escalas ocupam papéis essenciais à Arquitetura da Cidade, sendo, portanto, necessário projetar com qualidade e de forma articulada o que a autora entende como os “vãos” e os “grãos”¹⁴ que compõem a cidade.

Atribui-se ainda, a primazia dos espaços públicos no planejamento das cidades à sua característica de espaços simbólicos e de grande permanência nas cidades. Segundo Panerai *apud* do Amaral e Silva (2011, p. 110) “[...] em primeiro plano, aparece o espaço público como a estrutura fundamental sobre a qual se apoia a grande duração que assegura a permanência da cidade”, cujos espaços, segundo complementa a autora, enquanto elementos de permanência são diretamente responsáveis pela legibilidade de um lugar e repositores de imagens coletivas, onde se apresentam elementos de diversas escalas de espaço e tempo em relações-chave para a vida da cidade (DO AMARAL E SILVA, 2011, p. 110).

Os espaços públicos em essência condensam a identidade da cidade, são capazes de consolidar significados e articular as transformações urbanas, sendo que sua configuração, no processo de evolução urbana, é aquela que tende a mais longa permanência, (ROSSETTO, 2011, p. 252; ASSEN DE OLIVEIRA, 2011, p. 39). Assim, mais do que espaços essenciais à estrutura da cidade, podemos atribuir aos espaços públicos a característica de lugar onde a vida na cidade se encontra, onde cada cidadão - permanente ou transitório – experimenta sua essência de ser coletivo, e através dos quais, se possibilitam que sentimentos como de pertencimento, de apropriação e de reconhecimento da identidade de uma cidade sejam interiorizados, permanecendo na história e na lembrança de seus cidadãos.

Conforme cita Rolnik (1988, p. 07 e 08), “Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza”. E os espaços públicos fazem parte, se não grande parte, desse desafio.

Mesmo quando não se trata de massa, quando falamos em cidades menores estão presentes a concentração, a aglomeração de indivíduos, e conseqüentemente a necessidade de gestão da vida

¹⁴ Segundo do Amaral e Silva (2011, p. 113) “[...] podemos entender o sistema de espaço público como constituído pelos vãos – veios, fios e nós do tecido urbano onde vivenciamos nossa vida pública, em coletividade –, configurados pelas edificações e muros – os grãos, cuja maior concentração tende a indicar nós de maior significado, de centralidade”.

coletiva. Esta questão se coloca até para a vida urbana mais simples e rudimentar: mesmo numa cidade perdida nos confins da história ou da geografia há pelo menos uma calçada ou praça que é de todos e não é de ninguém, há o lixo que não pode se acumular nas ruas nem pode ser simplesmente enterrado no jardim, há a igreja ou o templo a construir e manter, enfim há sempre na cidade uma dimensão pública de vida coletiva, a ser organizada (ROLNIK, 1998, p. 07 e 08).

Os espaços urbanos são dinâmicos, incorporam com facilidade novos modelos de desenvolvimento e tendências, são receptivos, cosmopolitas e flexíveis à medida que permitem intervenções diversas que os desenham, redesenham, transformando-os constantemente. Pode ser uma nova ponte, uma rua desviada, ou um prédio comercial; trata-se o espaço urbano de um verdadeiro quebra-cabeça onde cada peça compõe o desafio de ‘construir’ a cidade. Nesse jogo dinâmico, em que se tira, põe, encaixa-se, erra e se acerta, os espaços públicos correspondem a sua verdadeira base, sobre a qual deverá se estruturar e se operar a construção coletiva e democrática da cidade. Para Rossetto (2011, p. 253), “[...] a qualidade urbana de uma cidade é avaliada a partir do significado e da riqueza dos lugares públicos que a compõem”, em que entendemos a apropriação¹⁵ como o elemento chave para a construção destes significados. Neste sentido, adentramos a seguir nas questões que se referem à apropriação dos espaços públicos, onde o turismo se apresenta como uma das atividades que se apropria, de diversas formas, desses espaços.

1.2.2.1 Da apropriação dos Espaços Públicos pela Atividade Turística

Os espaços públicos, em especial aqueles destinados ao lazer, têm se tornados gradativamente mais escassos, ou quando existentes, são frequentemente alvos de descasos seja por parte do poder público, no que se refere à sua gestão e manutenção, ou pela própria população quando esta não se apropria adequadamente desses espaços. A dinâmica urbana atual, a qual inclui a organização de atividades diversas e do lazer em espaços privados, tem contribuído para o esvaziamento do espaço público de sua reconhecida vitalidade, o que tem posto em discussão a depreciação e, inclusive, a perda de função e de imagem dos espaços

¹⁵ Do ato de apropriar, do latim *appropriare*, tomar como propriedade, como seu; arrogar-se a posse de. Tomar como próprio ou adequado, conveniente; adequar, adaptar, acomodar (FERREIRA, 2004, p.171)

públicos da cidade. Soma-se ainda às estas questões, a influência das novas configurações de ocupação da cidade, as quais têm contribuído para diminuir a relação dos indivíduos com a rua, com a praça, com o entorno e com a sua própria vizinhança, como verificamos, por exemplo, com a crescente verticalização das cidades entre outros fatores.

Para Sobarzo (2006, p.103), da área da geografia, a apropriação do espaço é entendida como “relações socioespaciais produzidas pelo uso, nas práticas cotidianas que conformam o plano do vivido e que constroem a identidade e o sentimento de pertencimento das pessoas”. Segundo o autor, este processo resulta da relação espaço-temporal que o indivíduo e a coletividade estabelecem com os espaços a partir do seu uso, sendo o espaço apropriado aquele usufruído pelo usuário. Entendemos, portanto, que os espaços públicos ganham vida e sentido a partir da existência de usuários, ou seja, a partir de sua apropriação. Sendo que, variáveis diversas poderão influenciar este processo de apropriação, como a idade cronológica do indivíduo, uma vez que à medida que o indivíduo cresce a sua relação com os espaços da cidade também muda e os espaços adquirirão novos significados, a própria questão cultural quando consideramos que indivíduos e grupos sociais de diferentes culturas poderão se apropriar dos espaços públicos de maneiras também diversas, assim como as estações do ano, os diferentes períodos do dia, ou ainda a realização de eventos num determinado local, poderão influenciar a apropriação de um mesmo espaço. Somam-se ainda as novas configurações urbanas, como citado anteriormente, e as próprias características dos espaços públicos como, por exemplo, a acessibilidade, a permeabilidade, as condições de segurança e de manutenção, enquanto fatores que poderão influenciar seu processo de apropriação.

No entanto, conforme ressalta Fischer (*apud* Eppinghaus, 2004, p.48), estas relações socioespaciais que constituem a apropriação podem se dar de forma positiva ou negativa: no primeiro caso, por exemplo, quando o indivíduo ou um grupo desenvolve certa afetividade com o lugar, e no segundo, quando indivíduos ou grupos desprezam e agridem o espaço que utilizam. Embora existam questões mais complexas envolvidas nestes casos, vale mencionar que, por vezes, o espaço público é associado à errônea concepção de que o que é público não pertence a ninguém, quando de modo contrário, trata-se de um bem comum e de usufruto de todos.

Ademais, o contexto e as condições em que ocorre o processo de apropriação, sobretudo no que se refere aos interesses envolvidos - se individuais ou coletivos - serão determinantes nesse processo, podendo em alguns casos a apropriação se caracterizar como uma extensão do

privado, motivada por interesses outros que não o bem comum. Por outro lado, quando atendidos os princípios de cidadania e da coletividade no seu sentido mais democrático, a apropriação poderá se constituir em elemento-chave para assegurar a existência, a valorização e a preservação dos espaços públicos da cidade.

No caso dos turistas, a relação espaço-temporal que se estabelece com os lugares da cidade, costuma ser geralmente efêmera e sazonal, no entanto, entendemos caracterizar um processo de apropriação à medida em que o turista se reconhece num espaço turístico usufruindo a atividade, podendo resultar desta relação sentimentos de pertencimento, zelo, entre outros, mesmo que por um curto período de tempo. Do ponto de vista da atividade turística propriamente dita, o turismo frequentemente é caracterizado como uma atividade que se apropria dos espaços públicos, onde em situações não tão raras, o poder público acaba se abstendo ou sendo condescendente com iniciativas do capital privado que muitas vezes violam leis e ferem os direitos de outros cidadãos.

Deste modo, corroboramos o argumento de Panerai (1994), de que o espaço público é que deve operar como o ordenador do construído, incorporando na elaboração e concepção de seu projeto as demandas cabíveis advindas da atividade turística, assim como de tantas outras atividades que poderão ocorrer e influenciar o seu desempenho e arranjo estrutural. Neste sentido, o turismo se configura como mais um elemento motivador para os projetos envolvendo os espaços públicos, levando-se em consideração os benefícios que poderão ser gerados a partir do ordenamento e desenvolvimento de forma planejada da atividade turística na cidade.

Um passeio adequado, ruas bem projetadas, uma praça agradável e espaços convidativos para apresentações culturais e comercialização de artesanatos são alguns dos exemplos do que poderá ser ativado a partir dessa aproximação. Ou seja, acreditamos que é possível ativar todo um processo com base na atividade turística de uma cidade a partir do ordenamento e de novas configurações da Arquitetura da Cidade, especialmente no que se refere à sua estrutura e, nela, seus espaços públicos. Estes espaços poderão se constituir em um atrativo turístico em si, ou contribuir para que a cidade se torne mais legível e atrativa, ou ainda, para que a atividade turística nesses espaços se torne mais dinâmica e acessível aos diferentes usuários. Devemos ainda destacar os espaços públicos enquanto espaços oportunos à exteriorização e à preservação da história e da cultura de uma localidade, uma vez que sua configuração e apropriação poderão possibilitar maiores relações e trocas entre os turistas e aqueles que os recebem em suas cidades.

A ideia compreende que os espaços públicos sejam também pensados numa perspectiva turística, ou seja, através de iniciativas que busquem torná-los mais atrativos e integrados, que promovam a interação entre o ambiente natural e o urbano, que respeitem o entorno e, principalmente, as características e os anseios locais. Assim, acreditamos que dessa relação poderá se obter grandes ganhos, com os espaços públicos atuando como um suporte, um atrativo e agregador à atividade, e o turismo, juntamente com as pessoas que vivem no local, levando vida a esses espaços, usufruindo-os, animando-os, mantendo-os vivos, pulsantes. A seguir, a abordagem se estende pelos aspectos da paisagem urbana e da imagem da cidade, os quais atuam diretamente na fruição da qualidade urbana e na experiência dos turistas nas cidades.

1.2.3 A Paisagem Urbana e a Imagem da Cidade na Apropriação pelo Turismo

O turismo é uma atividade fascinante, desfrutar desta atividade implica despertar novos sentidos, em (re)descobrir o eu, o próximo, o outro, e, quando voltamos para casa, já não somos mais os mesmos, trazemos conosco lembranças, recordações, e muitas vezes novas experiências e aprendizados. Enquanto turistas, costumamos transitar pelos lugares sem compromisso, o que nos permite ver até as cenas mais cotidianas com outros olhos, olhos de curiosidade, de encantamento ou mesmo de estranhamento... E como nos apresenta Yázigi (2002, p. 24), “Fazer turismo não significa obrigatoriamente frequentar lugares fabricados por sua indústria, mas dirigir-se para qualquer outro cotidiano também repleto de rotinas dos outros, que por sua vez reivindicam o movimento inverso...”. Fato este corroborado por Lanci da Silva, que ao tratar das cidades turísticas, relata que

A experiência de “estar” como turistas nos lugares de lazer oferece a estranheza necessária aos indivíduos para que possam interagir de forma diferente com as paisagens, mesmo as mais cotidianas. Percorrer lugares com outros olhos desperta o interesse para a descoberta da beleza, de composições e aspectos inusitados da paisagem (LANCI DA SILVA, 2002, p. 06).

Yázigi (2002, p. 21) complementa que as paisagens são carregadas de informações e, ainda que incompletas, se constituem o ponto de partida para outras averiguações que dependerão do olhar aguçado do observador. Neste sentido, é que partimos do entendimento da paisagem urbana como resultante da Arquitetura da Cidade, e como essencial à

atividade turística: se apresentando como um dos principais elementos integrantes da atratividade de um lugar, e a primeira impressão “visual” que se tem ao chegar ao local visitado. Conforme afirmam Fernandes *et al* (2012, p. 16), a paisagem corresponde ao primeiro contato que indicará ao turista que ele se encontra fora do seu local habitual de residência, de modo que sua qualidade será imprescindível na busca por aguçar os sentidos do turista, convidando-o a um olhar minucioso na tentativa de ler as formas da cidade.

No que se refere à paisagem urbana, Cullen (1984) a define como “[...] um conceito que exprime a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas, espaços que constituem o ambiente urbano”, sendo que diversos fatores poderão influenciar a sua qualidade, inclusive, a própria capacidade da paisagem de surpreender o observador, causando-lhe impacto e reações emotivas. Acrescenta ainda o autor, que a reação à paisagem urbana deve-se mais à composição do conjunto do que à uma construção específica, existindo fenômenos que ocorrem num conjunto edificado e que não se verificam em relação a um edifício isolado. Defende o autor que,

Existe, sem dúvida alguma, *uma arte do relacionamento*, tal como existe uma arte arquitetônica. O seu objetivo é a reunião dos elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim, e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção ou interesse (CULLEN, 1984, p. 10).

E uma vez que consideramos que elementos diversos compartilham e por vezes concorrem o mesmo espaço urbano, a arte do relacionamento se apresenta como um processo complexo, e um grande desafio à composição da paisagem urbana. Às questões colocadas por Gordon Cullen, especialmente em seu livro “Paisagem Urbana” (1961¹⁶), podemos relacionar a abordagem feita por Kevin Lynch em suas obras “A Imagem da Cidade” (1960) e *The View From The Road* (1964), cuja tônica incide sobre o potencial da paisagem na definição de uma experiência positiva pelo observador. Em *The View From The Road*, especificamente, Lynch *et al.* nos levam a percorrer por autoestradas norte-americanas, onde nos revelam a importância da sequência visual para o observador em movimento e o potencial de *design* urbano que

¹⁶ Esta data corresponde ao ano da primeira publicação de “Townscape” de Gordon Cullen no Reino Unido.

apresentam esses espaços. Enquanto em “A Imagem da Cidade” a abordagem se volta à fisionomia das cidades, especialmente no que tange à relação dos elementos capazes de formar a imagem da cidade, em que parte o autor de experiências empíricas realizadas nas cidades de Boston, Jersey City e Los Angeles, sendo esta obra considerada uma revolução no modo como vemos e nos relacionamos com a cidade.

Para Lynch, é preciso ter prazer em ver a cidade; defende o autor que a cidade corresponde à uma obra arquitetônica em grande escala, abrigando em si mesma inúmeras possibilidades de vê-la e senti-la. Segundo relata,

A cada instante há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma imagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas (LYNCH, 2011, p. 01).

E embora cada indivíduo carregue suas lembranças e significados, que influenciarão na sua percepção e apreensão da cidade, conforme afirma Lynch (2011, p. 08), parece existir um consenso substancial entre observadores de um mesmo grupo. Essas imagens consensuais seriam as que interessariam aos planejadores urbanos na criação de ambientes que venham a ser utilizados por um grande número de pessoas, nos quais entendemos incluir as cidades turísticas, mesmo que em alguns casos essa intensidade de uso se dê de modo sazonal.

Neste sentido, nos valem das contribuições de Cullen no que se refere à **óptica, ao local e ao conteúdo**; três aspectos, segundo o autor, a serem considerados na compreensão de como se processam as reações provocadas pelo meio ambiente ao observador. No que se refere à **óptica**, destaca o autor, que a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas, sucessões estas entendidas como **visão serial**, sobre a qual existem dois pontos de vista a considerar: a imagem existente e a imagem emergente. A primeira entendida como a imagem real e a segunda como a imagem que poderá ser criada a partir da referida arte do relacionamento, partindo-se de uma realidade inerte para uma descoberta estimulante e emotiva do meio ambiente (CULLEN, 1984, p. 11).

Para o autor,

[...]a visão tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções, facto do qual se pode tirar

proveito para criar situações de fruição extremamente intensas (CULLEN, 1984, p. 10).

Neste sentido, considerando-se que o turismo envolve o trânsito de pessoas em percursos pela cidade, a visão serial poderá se configurar como aliada à atividade turística, contribuindo para estimular a percepção e enriquecer a experiência do turista na cidade. Inclusive em relação aos roteiros turísticos, que tratam-se de percursos planejados envolvendo a visitação de pontos e atrativos turísticos, a visão serial poderá se apresentar como recurso estratégico buscando-se estimular os sentidos e as descobertas pelo turista que percorre o seu trajeto. Ponto este ainda reforçado pelo fato de que, muitas vezes, os roteiros turísticos se dão de forma fragmentada, ou seja, os atrativos turísticos são visitados de forma pontual, sem que haja a “arte do relacionamento” entre os elementos do seu percurso e o entorno dos atrativos, de modo que trabalhar a visão serial poderá contribuir para potencializar a experiência do turista no destino visitado e favorecer a imagem da cidade. Neste caso, podemos também destacar o aspecto da linearidade apontado por Cullen (1984, p. 14), o qual corresponde à coesão dos elementos formadores da paisagem urbana e que, no entanto, difere da monotonia. Segundo o autor, a aceitação da disparidade se apresenta como uma fonte de animação à paisagem urbana, contribuindo inclusive para tornar a cidade mais visível.

No que se refere ao **local**, Cullen considera que as reações e percepções do ambiente se dão de acordo com a posição do observador no espaço, sendo, portanto, o sentido de localização ponto crucial na planificação do ambiente; e destaca também a importância da inter-relação entre o Aqui e o Além, podendo a composição entre esses elementos resultar em maior impacto ao observador (CULLEN, 1984, p. 11; 36-37). Quando transpomos estas questões à atividade turística, ao considerarmos que a atividade turística geralmente ocorre num ambiente diferente do qual o turista está habituado, o sentido de localização e a inter-relação entre o Aqui e o Além se apresentam como aspectos importantes para que o turista se sinta mais seguro e confortável no ambiente visitado, bem como poderão ser estratégicos na definição de pontos de vistas instigantes e de interesse para a contemplação e a prática do turismo.

Da mesma forma, o aspecto do **conteúdo**, entendido por Cullen como todas as características da cidade que a torna identificável e única, se apresenta intrinsecamente relacionado à atividade turística, uma vez que, são exatamente nessas características que individualizam o ambiente, que irão recair a atratividade de uma cidade. Neste sentido, ressalta-se a importância da valorização dos aspectos locais contrapondo-

se à ideia da criação de ambientes de “atmosfera turística” e carentes de identidade. Neste caso, podemos inclusive fazer referência às colocações de Norberg-Schulz ao tratar do Fenômeno do Lugar (1976), onde argumenta o autor que “O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado” (NORBERG-SCHULZ, 2010, p. 454), de modo que, “[...] a vocação da arquitetura é compreender a ‘vocação do lugar’ (NORBERG-SCHULZ, 2010, p. 459), cabendo neste caso ao turismo, se configurar num aliado à valorização daquilo que é característico e genuíno dos lugares.

Aos aspectos apontados por Cullen, **conteúdo, local e óptica**, podemos relacionar respectivamente os componentes da imagem ambiental apresentados por Lynch: a **identidade**, que se refere à capacidade do ambiente de ser reconhecível, único e de se diferenciar de outras coisas; a **estrutura**, referente à relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e com os outros objetos; e o **significado**, o sentido que poderá se dar de modo prático ou emocional. Inclusive em diversos momentos das leituras, é possível verificar que esses autores se equiparam e se complementam em suas abordagens envolvendo a paisagem urbana e a imagem da cidade.

No que diz respeito à imagem da cidade, uma das grandes contribuições de Lynch se refere aos aspectos envolvidos no desempenho da qualidade visual de uma cidade, especialmente, a **legibilidade** e a **imaginabilidade**. A primeira entendida como a “[...] facilidade com que as partes da cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente”, e a segunda, como “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 2011, p. 03 e 11), e que se apresentam como os principais condões para a formação da imagem da cidade. Segundo Lynch, a clareza ou “**legibilidade**” aparente da paisagem das cidades, além de facilitar a locomoção e transmitir a sensação de segurança e bem-estar, “[...] reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana” (LYNCH, 2011, p. 05), podendo constituir-se numa base para o desenvolvimento individual. No caso do turismo, um ambiente organizado e legível possibilita ao turista ampliar sua relação com a cidade visitada. Conforme reitera Gândara, da área do turismo,

Nas cidades que sejam de fácil compreensão, os turistas decodificam facilmente os elementos que as compõem e isto contribui para que eles identifiquem não somente seu “funcionamento”,

senão principalmente consigam identificar-se com elas (GÂNDARA, 2007, p. 17).

Neste sentido, Lynch também considera que “[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações”, tornando-o um verdadeiro lugar, notável e inconfundível (LYNCH, 2011, p. 101 e 102). Características estas que entendemos ser de interesse dos destinos turísticos na busca por propiciar experiências positivas e autênticas aos turistas, onde a Arquitetura da Cidade poderá contribuir diretamente para a construção desses resultados.

No que se refere ao aspecto da imaginabilidade em sua relação com o turismo, podemos inclusive citar o fato de que, frequentemente, elementos físicos considerados ícones das cidades são evocados nas recordações dos turistas, e também no *marketing* turístico dos lugares adquirindo importância no imaginário de potenciais turistas. No entanto, neste último caso, cabe ressaltar a importância de que esses elementos dotados de imaginabilidade não venham a ser evocados de maneira a reproduzir imagens estereotipadas e totalitárias dos destinos turísticos (no sentido de excludentes), e sim dentro de uma contextualidade, enquanto catalisadores e animadores da atividade turística do local onde se inserem. A imagem turística¹⁷ de um destino, quando legítima em suas representações, constitui-se inclusive em uma ferramenta que poderá contribuir para reforçar os elementos expressivos da arquitetura e da imagem da cidade, tornando a cidade não somente mais atrativa pela presença desses elementos, mas também, facilmente reconhecível nestes aspectos pelos turistas que venham visitá-la. Conforme destaca Gândara (2007, p. 02)¹⁸, “[...] a imagem de uma cidade como destino turístico deve

¹⁷ Trata-se da imagem voltada especialmente para fins de mercado, cuja conformação e sua veiculação serão fatores de grande influência no processo de decisão do turista na escolha de seu destino de viagem.

¹⁸ À estas questões podemos inclusive relacionar duas leituras interessantes: a primeira, a dissertação *Make Up Urbanism: the gap between promise and performance of Florianópolis (Brazil)*, de Adriana Gondran Carvalho da Silva, que trata da forma como se “vende” a cidade de Florianópolis e sua real performance; e a segunda, o livro *Paradise News*, uma leitura descontraída e cômica do linguista, escritor e crítico inglês David Lodge, na qual aborda o autor a questão do *marketing* dos lugares, se utilizando neste caso do exemplo do Hawaí, de como esse destino turístico é vendido tendo sua imagem sempre vinculada à ideia de paraíso e como todas as imagens que procuram remeter ao destino são iguais e não dizem nada sobre os lugares.

estar estreitamente relacionada à imagem desta cidade como um todo, pois isto será positivo no fortalecimento de ambas as imagens”.

Enquanto elementos formadores da imagem da cidade, e componentes da legibilidade e imaginabilidade desejada na qualidade visual das cidades, Lynch nos apresenta a relação entre os **caminhos**, as **bordas**, as **áreas homogêneas**, os **nós** e os **marcos**¹⁹. Segundo o autor, estes elementos poderão se sobrepor e apresentar diferentes performances de acordo com as circunstâncias em que se apresentam, de modo que considerar suas interrelações e modelá-los de maneira conjunto torna-se imprescindível afim de se atingir uma forma satisfatória da cidade. No que se refere à forma da cidade, Lynch (2011, p. 131) considera que o impacto é muito maior nos casos em que o espaço tem alguma forma, principalmente, uma forma clara, o que pode torná-lo mais facilmente reconhecível e memorável. Autores como Kolhdsdorf (1996) e Rossi (1995) também compactuam desse entendimento ao considerarem que a apreensão dos lugares se dá a partir de sua forma física, sendo esta a característica que fica impressa naqueles que percorrem a cidade, e que se apresentam como elemento de grande permanência da cidade. Podemos assim considerar a forma como o elemento que maior possibilidade de legibilidade e imaginabilidade nos permite quando tratamos da Arquitetura da Cidade.

¹⁹ Nesta pesquisa se convencionou utilizar esses termos conforme sugerido por Do Amaral e Silva (2001), onde seguindo-se a definição de Lynch (2011), **Vias (Caminhos)** são canais de circulação pelos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial, e que frequentemente correspondem aos elementos predominantes da imagem da cidade, através dos quais outros elementos ambientais se organizam e se relacionam na cidade. **Limites (Bordas)** são elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador, e que se caracterizam como as fronteiras entre duas fases ou a quebra de continuidades lineares, podendo se constituir em barreiras que separam uma região de outra, ou costuras enquanto linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram. **Bairros (Áreas homogêneas)** são áreas reconhecíveis por apresentarem características comuns que as identificam, conhecidas também como unidades temáticas. **Pontos Nodais (Nós)** são pontos e lugares estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador pode adentrar, podendo se caracterizar como conexões, junções, locais de interrupção do transporte, cruzamentos ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra, ou ainda, concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física. **Marcos** são pontos de referência considerados externos ao observador, sendo estes caracterizados substancialmente pela sua qualidade de singular, único e memorável no contexto em que se apresentam na cidade.

Segundo Lynch,

[...] uma região inconfundível seria aquela que tivesse uma forma simples, uma continuidade de tipo e uso de suas edificações que fosse única na cidade: nitidamente demarcada, claramente ligada à região vizinha e visualmente côncava (LYNCH, 2011, p. 117-121).

Neste sentido, Lynch defende no processo de projeto urbano, a ferramenta do “plano visual”, o qual consiste num conjunto de recomendações e controles envolvendo a forma visual em escala urbana, buscando-se reforçar a imagem pública do ambiente, em especial, a qualidade da imagem inscrita na mente do usuário. Segundo o autor, esse instrumento

Poderia sugerir a localização ou a preservação de marcos, o desenvolvimento de uma hierarquia visual de vias públicas, o estabelecimento de unidades temáticas para os bairros, a criação ou o esclarecimento dos pontos nodais. Acima de tudo, lidaria com as inter-relações dos elementos, com sua percepção em movimento e com a concepção da cidade como forma visível total (LYNCH, 2011, p. 130).

No entanto, a imagem inscrita na mente do usuário, ou melhor, o processo de percepção e de formação da imagem da cidade poderá também ser influenciado pela condição na qual se encontra o observador. Para os moradores de uma cidade, por exemplo, a questão orientativa possivelmente será um aspecto que se sobressairá no processo de formação da imagem da cidade, além de aspectos de cunho afetivo envolvendo os lugares considerados mais familiares ou marcantes a esses usuários. Enquanto na condição de turistas, a imagem apreendida da cidade geralmente corresponde a uma imagem mais fugaz, onde a questão orientativa provavelmente não caracterizará a espinha dorsal no processo de formação da imagem da cidade, mas sim, a relevância que poderão assumir certas relações entre elementos do contexto geral e turístico da cidade. Na condição de turistas, também costumamos lançar um olhar encantado sobre as coisas e pessoas e quase puritano sobre os lugares; enquanto moradores, a tendência é lançarmos um olhar crítico para a cidade, inconsciente do que ela e sua paisagem urbana podem oferecer em termos de prazer cotidiano.

Assim, na busca por uma composição da cidade que venha a suscitar impacto e reações positivas ao observador, bem como maior apropriação dos espaços públicos da cidade por moradores e turistas é que

trazemos estas questões envolvendo os aspectos da paisagem urbana e da imagem da cidade. Acreditamos que a paisagem urbana, em conjunto com todos os elementos que convergem para uma cidade visualmente coerente e organizada, atua diretamente na fruição da qualidade urbana e da atividade turística de uma cidade. Neste último caso, reiteramos ainda essa afirmação à medida que parte da experiência do turista se valerá das apreensões e das surpresas que a cidade e os seus espaços, ou melhor, o conjunto deles poderá lhe proporcionar. Entendemos que trabalhar os aspectos da paisagem urbana e da imagem da cidade poderá tornar aos moradores e aos turistas, o percorrer a cidade uma experiência prazerosa, de ver e sentir, e de identificar-se com a cidade, uma vez que, “A maneira como se constrói o ambiente é potencialmente, uma das fontes de prazer mais generalizadas e mais estimulantes” (CULLEN, 1984, p. 17) que existem.

Desta forma, a partir desta revisão bibliográfica em que foram tratados temas envolvendo as áreas do Turismo e da Arquitetura da Cidade, e sobretudo, da relação que podemos estabelecer entre ambas, damos início a pesquisa de campo, tomando-se como estudo de caso o Município de Urubici. Este importante destino turístico da Serra Catarinense será base para a investigação das possíveis relações que poderão se estabelecer envolvendo a Arquitetura da Cidade e o Turismo, permitindo uma maior participação da Cidade de Urubici junto à atividade turística do município. Para tanto, partimos de uma apresentação geral do município, para em seguida adentrarmos a cidade de Urubici.

CAPÍTULO 2 - URUBICI

Este capítulo busca contextualizar o estudo de caso - o Município de Urubici - a partir dos seus aspectos gerais, históricos e turísticos, neste último caso, sendo abordado desde o início da atividade turística no município até os seus dias mais atuais, quando Urubici tem se destacado como um importante destino turístico da Serra Catarinense. A partir deste contexto, abordamos a Cidade de Urubici e seus principais bairros - a Praça (Centro), o Traçado e a Esquina (Bairro Santa Catarina)²⁰ - estruturantes da Arquitetura da Cidade e lugares de importância histórica e simbólica para a cidade de Urubici. Os dados aqui apresentados foram obtidos através de consulta bibliográfica e de registros fotográficos, bem como, de análise empírica com a realização de visitas ao município e entrevistas com representantes do poder público e de entidades do turismo local²¹. A aproximação e a coleta de informações junto a autores de livros sobre Urubici foram também essenciais na construção desta pesquisa, bem como a consulta junto a grupos do município formados em redes sociais²², os quais neste último caso, serviram de importante fonte de registros fotográficos e como complemento ao material fotográfico levantado junto ao Acervo Histórico e Cultural do município de Urubici.

2.1 ASPECTOS GERAIS

O município de Urubici que compreende uma área total de 1.019,236 Km² (IBGE, 2010) encontra-se localizado na Região Turística da Serra Catarinense, a 167 Km da capital Florianópolis. Seus limites territoriais fazem divisa com os municípios de Bom Retiro ao norte, Bom

²⁰ O foco desta pesquisa se voltou especialmente aos principais eixos do Bairro da Praça e da Esquina, e no caso do Traçado, envolvendo a Avenida Adolfo Konder.

²¹ Os períodos de visitas e observações *in loco* e de realização da pesquisa de campo ocorreram durante os meses de setembro de 2013, e março e julho de 2014. As entrevistas realizadas com os representantes do poder público e de entidades do turismo local, ocorreram ao longo das visitas e no próprio município, com exceção do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, a qual foi realizada por telefone, e tiveram como principal objetivo obter informações e dados técnicos envolvendo o turismo e a cidade de Urubici.

²² O grupo “Memórias de Urubici” formado em rede social serviu como importante fonte de registros fotográficos do município. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>.

Os principais acessos à Urubici são por via terrestre; a rodovia SC-110 (antiga SC-430) corta o município de norte a sul, no trecho norte liga a Serra do Panelão à BR-282 no município de Bom Retiro, e ao sul segue em direção à São Joaquim. Já a SC-370 (antiga SC-439) corta o município de leste à oeste, em direção leste, a rodovia segue até a Serra do Corvo Branco e liga Urubici ao município de Grão Pará e com o litoral sul catarinense; e pelo trecho oeste se estende até o município de Rio Rufino²⁴. Em conjunto com os municípios de Bom Retiro, Rio Rufino, Urupema, São Joaquim e Bom Jardim da Serra, Urubici integra a Secretaria de Desenvolvimento Regional de São Joaquim.

Devido à sua localização na região do planalto catarinense, as altitudes no município de Urubici são bastante elevadas, chegando a atingir 1.827 metros no Morro da Boa Vista e 1.822 metros no Morro da Igreja (ISRAEL, 1991, p. 25 e 37), este último considerado um dos pontos mais visitados do município. As altas altitudes também contribuem para as peculiaridades climáticas²⁵ do município, caracterizado por baixas temperaturas durante o inverno, inclusive, com a possibilidade de geadas e incidência de neve em áreas mais altas. Esta característica tem se configurado como um grande atrativo do município, sendo crescente o número de turistas que vêm à Urubici motivados pelo seu clima e suas belas paisagens naturais. Além do Morro da Igreja estão entre os principais acidentes geográficos do município, a Serra do Corvo Branco, o Morro Pelado, o Morro do Avencal e as furnas dos rios Vacariano e Gargantilho, alguns deles também de apelo turístico.

A rede hidrográfica do município é representada principalmente pelo alto curso do Rio Canoas e do Rio Lava-Tudo em conjunto com seus respectivos afluentes, entre eles, o Rio Urubici, um dos rios que cortam a cidade, assim como seu afluente Rio do Riacho. A vegetação da região de Urubici é típica de Mata de Araucárias ou Pinhais, a qual, principalmente, entre as décadas de 50 e 70, foi extremamente devastada em virtude da exploração madeireira, resultando em mudanças significativas na paisagem natural da região (ISRAEL, 1991, p. 37).

A população do município é de aproximadamente 10.699 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de aproximadamente 10,5 hab./Km² (IBGE, 2010), sendo que 66% da população reside na área urbana e apenas 34% na área rural. A população do município é predominantemente de jovens, de 5 a 29 anos,

²⁴ O município de Rio Rufino foi emancipado de Urubici em 1991.

²⁵ O clima do município é classificado como subtropical, com temperatura média anual de 16°C (SEBRAE, 2010).

O IDH-M de Urubici corresponde a 0,694 (PNUD, 2010)²⁸, e no que se refere à economia, o PIB do município a preços correntes equivale à R\$139.885,00 e o PIB per capita a R\$ 13.031,98 (IBGE, 2011), com destaque no valor adicionado para os setores de serviços e para a agropecuária, onde destacamos no setor de serviços a atividade turística, a qual tem se tornado cada vez mais expressiva no município.

2.2 UM POUCO DE HISTÓRIA PARA CONTEXTUALIZAR

Existem várias versões sobre a origem do nome do município Urubici, a mais frequente dentre elas, citada por moradores e encontrada em bibliografia, se refere à história de um silvícola que acompanhava uma expedição na região, e que ao encontrar um pássaro morto nas margens de um rio, teria exclamado: “URUBICI”, querendo dizer: “olha ali um Uru”. “Uru” se referia a uma ave galinácea típica do Brasil e “Bici” ao nome do colega indígena que o acompanhava²⁹. Os primeiros habitantes da região de Urubici foram os índios, que habitavam principalmente as furnas e afluentes do Rio das Antas, Rio Cachimbo, Rio dos Bugres e o vale do Rio Urubici. As marcas deixadas por eles ainda podem ser encontradas no Morro do Pelado, no Avençal, entre outros pontos do município, existindo cerca de 70 sítios arqueológicos³⁰ na região de Urubici (BURATTO *et al.*, 2013, p. 18).

Já os pioneiros do povoamento da região de Urubici foram os portugueses, na figura de Manoel Saturnino de Souza e Oliveira e seus filhos, Inácio e José Saturnino, os quais teriam chegado na última década do Século XIX³¹. Acredita-se que a primeira clareira teria sido aberta às

²⁸ A escala de avaliação do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM divide-se em: Muito Baixo (0 a 0,499), Baixo (0,5 a 0,599), Médio (0,6 a 0,699), Alto (0,7 a 0,799) e Muito alto (0,8 a 1,00) (Fonte: SED, 2013).

²⁹ No entanto, existem outras versões, segundo Norberto Bachmann, Urubici seria um termo indígena que significaria “Uru” pássaro, e “Bici” liso ou lustroso (RODRIGUES, 19-), ou do dialeto m’bya dos guaranis, “Bici” teria significado de “assado” conforme relata Buratto *et al.* (2013, p. 03). Permeiam ainda alguns relatos de moradores de que o nome Urubici seria decorrente da língua tupi e significaria “a terra mãe da água gelada”, ou então, que teria sido atribuído porque os pioneiros ao chegarem por estas terras constataram a existência de rio denominado Urubici.

³⁰ Sendo que 39 (trinta e nove) encontram-se registrados e catalogados junto ao IPHAN.

³¹ Segundo o livro Urubici Prosas e Versos, Manoel Saturnino de Souza e Oliveira teria sido acompanhado por mais um filho, Policarpo de Souza Oliveira, e

margens do Rio Urubici, no local onde encontra-se atualmente o cemitério municipal de Urubici; época em que também teria sido aberto o primeiro rossio³², localizado onde se encontrava a antiga Praça 14 de Dezembro³³, e onde foi construída a primeira capela da vila de Urubici em 1917 (BURATTO *et al.*, 2013, p. 29).

Figura 4 - Vila de Urubici. No centro da foto, a primeira Capela construída em 1917.



Fonte: Memórias de Urubici³⁴, 2014.

O local corresponde atualmente à localização da Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo, situado no centro da cidade de Urubici. Segundo Rodrigues (p. 10, s.d.), os primeiros rossios de Urubici

também de Hipólito da Silva Matos, José Gaspar Fernandes e Manoel Silveira de Azevedo (OLIVEIRA, 2009, p. 60-61).

³² Segundo Murilo Marx, rossio, como recomendam nossos melhores etimologistas a forma mais empregada, e não rocio como encontrado na maioria dos documentos. Para o autor, os rossios teriam uma destinação dupla: atender aos interessados em se estabelecer numa aglomeração e reservar os espaços comuns necessários no presente e no futuro (1991, p. 12 e 73).

³³ A praça foi chamada de 14 de dezembro porque foi no dia 14 de dezembro de 1915, por incentivo do vigário Bonavera, que se iniciou a arrecadação de donativos para a construção da capela em homenagem a Nossa Senhora Mãe dos Homens, eleita padroeira do povoado (BURATTO *et al.*, 2013, p. 51).

³⁴ Disponível em:<

<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>. Acesso em: 05 de abr. 2014.

teriam ocorrido onde atualmente se encontra o centro da cidade, seguido por rossios em Urubici Abaixo às margens do Rio Canoas, à beira do Arroio das Capoeiras, afluente da margem esquerda do Rio Urubici, e em Urubici Acima, à margem esquerda do mesmo rio.

Figura 5 – Local de abertura da primeira clareira e do primeiro rossio de Urubici, onde atualmente encontram-se, respectivamente, o Cemitério Municipal e a Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2014.

O início da constituição oficial de Urubici data de 1915, quando foi instalada a primeira Vila Urubici pertencente ao município de São Joaquim. Em 1922, a vila foi elevada à categoria de distrito, e em 06 de dezembro de 1956 ocorreu a fundação do município, desmembrando-se de São Joaquim. A instalação solene do município de Urubici ocorreu em 03 de fevereiro de 1957, data em que se comemora oficialmente o aniversário de sua emancipação (RODRIGUES, s.d.).

Além dos portugueses e os espanhóis, que foram os pioneiros na colonização de Urubici no final do Século XIX e início do Século XX, segundo relato do historiador e funcionário da Secretaria de Turismo do Município de Urubici Luiz Gonzaga, participaram também da colonização do município alemães, italianos, letos e afro-descendentes. Segundo o entrevistado, a notícia de que as terras de Urubici e o vale do Rio Canoas eram férteis, acabou atraindo colonos principalmente da região de São Joaquim, do litoral e das encostas do sul de Santa Catarina, caracterizando-se Urubici como destino secundário de imigrantes que já se encontravam no Brasil. Os letos, que chegaram em Urubici por volta

de 1925, teriam sido uma exceção conforme relato do entrevistado, tendo alguns deles vindo diretamente para Urubici, depois dos pioneiros que procederam de Orleans-SC e de Nova Odessa no interior de São Paulo.

Segundo o historiador, os alemães se instalaram principalmente na região do Rio Canoas acima e eram provenientes principalmente de Grão Pará e Braço do Norte, já os italianos se instalaram principalmente no Rio Canoas abaixo, e alguns deles vindos de Orleans, Urussanga e Cocal do Sul se fixaram em direção a oeste (Rio Rufino). Os portugueses se concentraram principalmente na região da Praça e em direção ao interior (São Joaquim), e os letos na região da Esquina em direção ao distrito Águas Brancas. Os afro-descendentes, em número menor se instalaram principalmente nas localidades de Águas Brancas, e na desembocadura do Rio dos Bugres.

No que se refere aos ciclos econômicos de Urubici, podemos identificar alguns momentos principais. O primeiro deles compreende o surgimento das primeiras atafonas³⁵ no município, por volta do final do Século XIX e início do Século XX; dentre elas, podemos citar o Moinho São Francisco do Sr. Celeste Francisco Ghizoni, construído em 1925 nas proximidades da antiga Vila, às margens do Rio Urubici. Na década de 1940, o moinho ganhou novas instalações em alvenaria, mantendo o seu funcionamento até a década de 1970, sendo possível ainda encontrar no local suas instalações (BURATTO *et. al.*, 2013, p. 82).

Figura 6 – Situação atual das instalações do desativado Moinho São Francisco, localizado na cidade, às margens do Rio Urubici.



Foto: Da Autora, 2014.

³⁵ Moinhos de moer grãos movidos à mão, animais ou água.

O período de 1950 a 1970 compreendeu o ciclo madeireiro em Urubici. Em 1950 existiam 34 serrarias em Urubici, época em que também dobrou o número de habitantes no município, de 4.054 hab. em 1950 passou-se para uma população de 10.505 hab. em 1960 (BURATTO *et al.* 2013, p. 61; 66- 67). O auge do ciclo madeireiro foi nas décadas de 1960 e 1970, quando também foram abertas casas comerciais e, inclusive, o Cine-Teatro de Urubici localizado na Praça, símbolo do progresso da época. No entanto, no final dos anos 70, a indústria madeireira já apresentava indícios de declínio, principalmente pelo esgotamento natural da madeira, pela queda do preço da araucária e sua substituição por outros tipos de madeira, e ainda, pela falta de visão dos exploradores do ramo. O cinema fechou, assim como outros negócios, e muita gente mudou de ramo ou para outras cidades (BURATTO *et al.*, p. 67 e 68; RODRIGUES, 19-).

Figura 7 – Fachada do prédio com características Art-Decó, onde funcionava o Cine-Teatro Urubici localizado no Bairro da Praça.

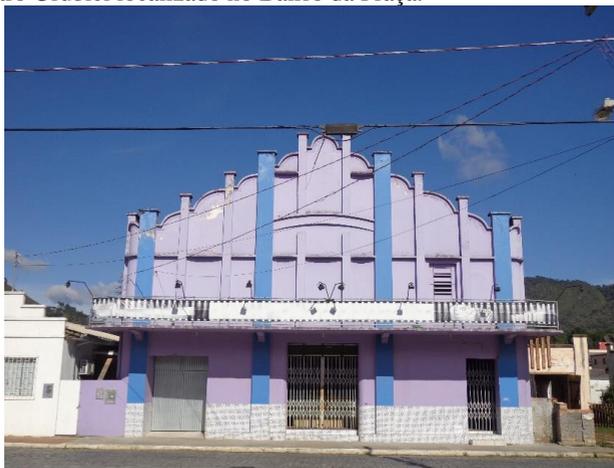


Foto: Da Autora, 2014.

Com o fim do ciclo madeireiro seguiu um período de estagnação econômica em Urubici, até que se iniciou, entre as décadas de 70 e 80, a produção de hortaliças no município, principalmente de tomate, beterraba e repolho, entre outras. O destaque do município enquanto zona produtora do estado rendeu-lhe não somente o título de “Capital das Hortaliças”, mas também a instalação de uma unidade do Ceasa na cidade de Urubici, o Mercado do Produtor do Vale do Canoas inaugurado em 1978. No entanto, devido à falta de gestão e organização do setor, o Mercado do

Produtor logo veio a ser fechado em 1981, um ano após a criação da Cooperativa Regional do Vale do Canoas Ltda – COOPERVALE. Contudo, mesmo com o declínio que houve na época, a atividade agrícola se manteve no município e até hoje corresponde a uma das principais bases da economia de Urubici, segundo dados do IBGE (20-)³⁶, a agropecuária representa cerca de 31% do Produto Interno Bruto (Valor Adicionado) do município, juntamente com o setor de serviços responsável por 58%. E, a partir dos anos 90, o município passa a despertar para uma nova atividade econômica: o Turismo.

2.3 A DESCOBERTA DE UM TESOIRO: O TURISMO NO MUNICÍPIO DE URUBICI

Reza a lenda que Urubici guarda um grande tesouro que teria sido deixado pelos antigos jesuítas quando fugiam, após serem expulsos do Brasil, por volta do Século XVIII. Os jesuítas teriam enterrado parte dos tesouros de suas ricas igrejas na região do Morro da Igreja, os quais, no entanto, nunca foram encontrados e/ou revelados, permanecendo esta lenda viva no imaginário dos antigos moradores (OLIVEIRA, 2009, p. 57 e 58). Se existem estes tesouros ou não, isso não podemos afirmar; o que podemos afirmar é que no sentido mais figurado da palavra, Urubici abriga diversos tesouros: paisagens exuberantes esculpidas pela natureza, peculiaridades climáticas, e um povo de sorriso fácil e hospitaleiro, o que tem atraído a cada ano muitos turistas para o município.

O turismo em Urubici foi institucionalizado na década de 1970 com a criação do Departamento de Turismo no município, e ganhou incremento nos anos que se sucederam com a realização de obras rodoviárias na região, assim como, com a realização da Festa das Hortaliças que se iniciou ainda na década de 1980. Em 1989, chegou a ser criada em Urubici a Associação de Lideranças do Município de Urubici – ALIMU com o objetivo de desenvolver projetos ligados à preservação ambiental e ao desenvolvimento do turismo, e que se caracterizou como uma das primeiras iniciativas públicas voltadas ao engajamento da população nessa nova atividade econômica (BURATTO, *et al.*, 2013, p. 414).

³⁶ Segundo dados do IBGE, em Urubici, o setor da Agropecuária corresponde a 41.722 do PIB (Valor Adicionado), a Indústria a 13.866, e os Serviços a 77.336. Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/1nnj>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

No entanto, o despertar do turismo no município de Urubici se deu de fato no início da década de 90, quando buscou-se estimular a atividade através da divulgação do município em eventos realizados na capital e em cidades catarinenses como Blumenau, Balneário Camboriú, Florianópolis, Lages, Joinville e São Joaquim, bem como, através do asfaltamento do trecho da rodovia SC-110 que liga Urubici a São Joaquim (BURATTO *et al.*, 2013, p. 162). Em 1997, a criação do Conselho Municipal de Turismo - COMTUR veio confirmar a consolidação da atividade turística em Urubici, surgindo como um instrumento de gestão afim de regular o desenvolvimento da atividade no município, embora em alguns momentos este Conselho tenha ficado desativado ou sem receber o devido apoio das gestões municipais que se seguiram à sua criação. Em 2001, Urubici foi matéria do programa nacional de televisão, Globo Repórter, sendo este momento considerado determinante para o turismo do município, quando a partir desta ampla divulgação a atividade turística em Urubici começou a crescer significativamente, segundo relato do Assessor de Imprensa do município.

Nesse mesmo ano, foi criada a Associação de Pousadas e Hotéis de Urubici – POUSERRA, que continua em funcionamento no município. Segundo relato da Presidente da POUSERRA em entrevista, a associação conta atualmente com cerca de 43 associados, entre eles, pousadas, hotéis, agências de turismo, restaurantes, e estabelecimentos de comércio em geral interessados no turismo do município³⁷. Conforme a entrevistada, a POUSERRA tem focado suas ações principalmente na divulgação do município e de seus associados através de material impresso, *site*, e participações em feiras e eventos. E assim como a POUSERRA, outras organizações como a Associação de Agroturismo “Acolhida na Colônia”, o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade – ICMBio que gerencia o Parque Nacional do Morro da Igreja, entre outras, são participantes ativas do processo de desenvolvimento do turismo no município, tendo assumido em alguns momentos o papel de protagonistas na organização do setor.

O desenvolvimento da atividade turística no município parte, em muitos casos, do esforço da iniciativa privada e da sociedade civil organizada que, embora exerçam um papel fundamental, apresentam algumas limitações diante do que seria uma política pública voltada à atividade turística em sua totalidade. Embora o turismo seja considerado uma das principais atividades econômicas de Urubici, o município ainda

³⁷ Como panificadoras, supermercados, farmácias, postos de combustível, entre outros.

carece de políticas públicas mais efetivas que venham a estruturar, orientar e regulamentar o desenvolvimento da atividade. Existem leis e instrumentos legais no município como o próprio Plano Diretor (Lei Municipal Complementar nº 1400/2009), leis que instituem a criação do Conselho Municipal de Turismo (Lei Municipal nº 442/97), do Fundo Municipal de Turismo (Lei Municipal nº 890/03), o ensino de turismo nas escolas da rede municipal e nas instituições de ensino privado do município (Lei Municipal nº 838/03), entre outras, no entanto, o que se verifica é que muitas vezes a efetivação desses instrumentos se apresenta de forma falha no município.

No que se refere ao Plano Diretor, verifica-se em sua análise que o turismo permeia diversos capítulos, e de maneira mais específica quando trata no Capítulo II – Da Sustentabilidade e Preservação do Patrimônio Sócio-Turístico-Ambiental e no Capítulo XIII, Seção II – Da Política de Turismo. No entanto, embora se configure em documento norteador do desenvolvimento e expansão urbana do município, se verifica que vários pontos apresentados no Plano Diretor, não são, ou são pouco aplicados na prática no município. Ou seja, Urubici parece não fugir da realidade brasileira que consiste na reprodução de Planos Diretores de detalhamento genérico, de abordagens que por vezes não cabem à realidade do município ou que pecam pela falta de monitoramento, controle, fiscalização e sanções aplicáveis para o que prevê a legislação. Inclusive, a própria redação do Plano Diretor de Urubici deixa transparecer uma prática que parece ser recorrente em diferentes regiões do Brasil, e que se refere à reprodução automática de um texto legal dissociado da realidade local, quando, por exemplo, no Capítulo II - Do Planejamento e Gestão Territorial refere-se a outro município do estado do Paraná, ou quando se refere em um dos seus tópicos à vegetação não característica da região de Urubici.

Pelo que se verifica, muitas questões que constam no Plano Diretor de Urubici parte de um ideal que parece se reproduzir na teoria da política de desenvolvimento urbano de diversas cidades brasileiras, e que surgem afim de atender às exigências previstas no Estatuto da Cidade e às legislações existentes, sem, no entanto, serem acompanhadas do devido preparo da própria gestão municipal e da população no que se refere à apropriação, ao monitoramento, às revisões, e às cobranças do que prevê a legislação. Assim, a aplicabilidade deste importante instrumento de planejamento urbano, por vezes, tem sua prática limitada ao ordenamento territorial do macrozoneamento, deixando-se de se efetivar questões pertinentes às políticas públicas setoriais na qual inclui-se o turismo, assim como, no que se refere aos instrumentos da política municipal, ao

planejamento e gestão municipal, entre outros aspectos abordados na legislação.

A atuação da Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo de Urubici, localizada no Bairro da Esquina, e que possui uma estrutura física e de recursos humanos limitada, tem se dado especialmente no que se refere ao fornecimento de informações turísticas e no suporte às iniciativas que advêm de outras instituições privadas ou de esferas do governo. Como exemplos, podemos citar o Estudo de Competividade realizado pelo MTur/FGV, o Projeto Acorde São Joaquim realizado pela Secretaria de Estado de Planejamento e Secretaria de Desenvolvimento Regional de São Joaquim (2011), a Pesquisa de Demanda Turística do município realizada anualmente pela SANTUR desde 2008, e eventos realizados no município. Nos anos de 2012 e 2013 a Secretaria Municipal de Turismo de Urubici em conjunto com o *trade*³⁸ turístico local, também participou da elaboração do Plano de Turismo Sustentável de Urubici – PLATS, realizado pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. Embora possa ser considerado um instrumento inicial para o planejamento turístico do município, a falta de planejamento e de uma metodologia estruturada que norteasse o desenvolvimento do PLATS do início ao fim, e principalmente, a forma como foi coordenado e conduzido e, sobretudo, realizada sua redação final, resultou num documento com erros consideráveis e lacunas que exigem revisão. Inclusive o próprio Plano Diretor do município, o qual relaciona como ação estratégica da Política de Turismo a elaboração de um Plano Municipal de Desenvolvimento Turístico, elencando questões que deveriam ser contempladas quando da sua elaboração, não foi consultado e referenciado na elaboração do PLATS.

Mais recentemente, em 2014, Urubici também foi incluída no Plano Estratégico das Serras Gaúcha e Catarinense³⁹, que envolve a

³⁸ Conjunto de agentes, operadores, hoteleiros, transportadores e prestadores de serviços turísticos; utilizado também como sinônimo de mercado ou de setor empresarial (Glossário do Turismo - MTur). Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/detalhe/T.html>. Acesso em: 13 jul. 2014.

³⁹ O Plano Estratégico engloba 14 municípios do Rio Grande do Sul: São José dos Ausentes; Cambará do Sul; Bom Jesus; Jaquirana; São Francisco de Paula; Canela; Gramado; Nova Petrópolis; Caxias do Sul; Antônio Prado; Flores da Cunha; Farroupilha; Bento Gonçalves e Garibaldi. Além de Bom Jardim da Serra; São Joaquim; Lages e Urubici, em Santa Catarina. O recurso é proveniente do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo - Prodetur, por meio do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID (MTur, 2014).

região do Parque Nacional dos Aparados da Serra e da Serra Geral, e encontra-se em elaboração pelo Ministério do Turismo. Esse exemplo, assim como o projeto “Rota Caminhos da Neve” que busca promover melhorias na interligação entre as Serras Gaúcha e Catarinense, corresponde a algumas iniciativas que integram o município de Urubici no circuito do turismo regional e interestadual.

Urubici tem sido assim reconhecido como importante destino turístico, consistindo inclusive sua atividade turística objeto de estudos e pesquisas como as citadas anteriormente. Neste sentido, caberia à gestão pública municipal, assim como aos demais atores do turismo do município, a avaliação desses instrumentos e sua apropriação, naquilo que couber enquanto norteadores de ações estratégicas e tomadas de decisões acerca do turismo do município. Destaca-se, neste caso, o papel fundamental que deve assumir o Conselho Municipal de Turismo enquanto organização de assessoramento e instância máxima da democratização da gestão do turismo no município, na busca por incentivar e promover o turismo de forma equilibrada e comprometida, de modo a salvaguardar os tesouros que Urubici tem a oferecer.

2.3.1 Do Morro à Igreja: Os Atrativos Turísticos de Urubici

A formação do relevo, em conjunto com a vegetação e os rios que cortam a região, proporcionam cenários e atrativos naturais incríveis em Urubici. O principal deles é o Morro da Igreja, o qual já chegou a receber cerca de 30.000 visitantes no mês de julho de 2013, segundo dados fornecidos pelo ICMBio (2013). Embora o município ofereça atratividades naturais que podem ser desfrutadas durante o ano todo, a sazonalidade ainda é um desafio do turismo de Urubici, sendo destino turístico procurado principalmente na época de inverno pelas suas baixas temperaturas e peculiaridades climáticas. Além do frio e das belas paisagens, o turismo rural também é um dos grandes atrativos do município; Urubici, inclusive, foi reconhecido como *case* de sucesso de turismo rural pelo trabalho desenvolvido pela associação “Acolhida na Colônia”⁴⁰, cujo segmento tem se apresentado crescente no município,

⁴⁰ Em virtude do trabalho desenvolvido pela associação Acolhida na Colônia, a Serra Geral em Santa Catarina representada pelos municípios de Anitápolis, Urubici, Rancho Queimado e Santa Rosa de Lima, foi selecionada como “Destino Referência” de Turismo Rural pelo Ministério do Turismo no ano de 2010. Em 2013 e 2014, alguns agricultores de Urubici integrantes da Acolhida da Colônia foram contemplados com recursos do Programa SC Rural para a realização melhorias e ampliação dos seus empreendimentos turísticos rurais. O Programa

ocorrendo investimentos em meios de hospedagens de diversas categorias no meio rural.

Figura 8 - Vista da Pedra Furada do Morro da Igreja



Foto: Da Autora, 2013.

Embora os atrativos naturais sejam os que prevaleçam no turismo de Urubici, existe um potencial latente no que se refere à paisagem e à estruturação de atrativos culturais na cidade, onde encontram-se, por exemplo, construções históricas com potencial para serem revitalizadas e apropriadas enquanto espaços turísticos e culturais, bem como, enquanto paisagem urbana e elementos importantes da imagem da cidade. O próprio Acervo Histórico e Cultural de Urubici é também um exemplo a ser citado; embora abrigue exemplares interessantes da história e da cultura do município, o local encontra-se instalado numa sala improvisada, nas dependências da Biblioteca Municipal localizada no segundo andar de um prédio ao lado da Prefeitura Municipal, o que não favorece sua visitação, assim como a falta de organização e manutenção do acervo. Ademais, as próprias culturas dos moradores de Urubici, caracterizadas pelas descendências luso-portuguesa, italiana, alemã e letã, por exemplo, apresentam-se como potenciais na conformação de atrativos, principalmente no que se se refere à gastronomia, à música e às danças típicas, aos saberes e fazeres dessas culturas, assim como se

SC conta com financiamento do Banco Mundial e com a participação de diversas secretarias de estado e órgãos vinculados para a realização de suas ações (SAR, EPAGRI, CIDASC, SOL, SIE, SDS, FATMA e Polícia Militar Ambiental).

verifica também em relação à cultura serrana presente no município. O quadro a seguir traz a relação dos principais atrativos turísticos do município de Urubici, e a descrição de alguns deles pode ser encontrada em anexo (ANEXO A).

Quadro 1 - Principais atrativos turísticos de Urubici

ATRATIVOS NATURAIS	ATRATIVOS CULTURAIS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cachoeira do Avencal ▪ Cascata Véu de Noiva ▪ Caverna Rio dos Bugres ▪ Cachoeira Rio dos Bugres ▪ Parque Nacional de São Joaquim ▪ Morro da Igreja ▪ Pedra Furada ▪ Morro do Campestre ▪ Serra do Corvo Branco ▪ Morro do Oderdeng ▪ Neve 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gruta Nossa Senhora de Lourdes ▪ Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens ▪ Inscrições Rupestres ▪ Acervo Histórico e Cultural de Urubici ▪ Gastronomia típica (Ex.: pinhão, truta, entre outros)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações de material de promoção e divulgação do turismo do município, 2014.

Segundo o “Estudo de Demanda Turística – Alta Estação 2014⁴¹” realizado pela Santur, nos meses de fevereiro e março em Urubici, os atrativos naturais são os mais citados entre os turistas que participaram da pesquisa. Embora a pesquisa não identifique quais seriam esses atrativos, estes corresponderam a 41,38% (fev.) e a 36,94% (mar.) das respostas dos turistas, seguido da visita a amigos/parentes com 17,24% (fev.) e eventos com 18,92% (mar.); os atrativos histórico-culturais corresponderam apenas a 10,34% (fev.) e 14,41% (mar.) das respostas dos entrevistados.

⁴¹ A pesquisa da Santur apresenta alta estação se referindo aos meses de fevereiro e março, uma vez que tratam-se de pesquisas que são realizadas no mesmo período em outras cidades do estado, no entanto, em Urubici, a alta temporada é considerada principalmente os meses de junho, julho e agosto.

Já de acordo com a “Pesquisa Fecomércio - Turismo de Inverno” (2012), realizada nos meses de julho e agosto em Urubici, entre os pontos turísticos mais requisitados pelos turistas foram citados o Morro da Igreja (14,6%) e a Pedra Furada (13,9%), seguidos da Cascata Vêu de Noiva (10,6%), Mirante (9,7%), Serra do Corvo Branco (9,4%), Cachoeira do Avencal (9,1%), Igreja Matriz (8,3%), Inscrições Rupestres (7,9%), Gruta da Nossa Senhora de Lourdes (7,2%), Morro do Campestre (6,2%) e Caverna Rio dos Bugres (3,0%). Sendo que, neste caso, apenas um dos atrativos, a Igreja Matriz, encontra-se localizado na cidade. No que se refere ao alto percentual referente aos eventos, na pesquisa da Santur no mês de março, este possivelmente está relacionado com a realização da Festa das Hortaliças que ocorreu no mesmo período das pesquisas. Ou seja, além dos atrativos citados anteriormente, Urubici também conta com um calendário de eventos, no qual se destaca a Festa das Hortaliças, realizada desde a década de 1980 no município.

Quadro 2 - Eventos programados no município de Urubici

EVENTOS PROGRAMADOS		
Jan	Sequalquia	Encontro de sabedoria indígena e consciência ambiental realizado na localidade de Santa Bárbara.
Fev	Carnaval	Dois bailes de carnaval em cada clube da cidade (Clube União e Progresso e Sociedade Recreativa Urubiciense). Na terça feira de carnaval costuma acontecer desfile pela rua Cesário Amarante e carreata pela Avenida Adolfo Konder.
Mar	Festas das Hortaliças – FENAHORT	Tradicional festa que celebra a principal atividade econômica do município, o cultivo de hortaliças, e que conta com programação cultural com apresentações artísticas e realização de cavalgada, e programação campeira envolvendo torneios e rodeio crioulo. A festa é realizada no Espaço de Exposições Manoel Prá.
Mai	Festa da Padroeira do Município Nossa Senhora Mãe dos Homens	Festa de comemoração ao dia da Padroeira do município realizada pela Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens no salão de festas da Igreja Matriz.
Jun	DesaFrio	Corrida de pedestres que ocorre no início do inverno, cujo percurso consiste em 52 Km, partindo da Igreja Matriz até o Morro da Igreja, chegando de volta à cidade.

Jul	Cavalgada dos Aparados da Serra	Cavalgada regional com duração de uma semana, sendo o ponto de partida o CTG de Urubici (Parque de Exposições Manoel Prá), passando por Bom Jardim da Serra até São José dos Ausentes - RS.
	Baile do Quentão	Tradicional baile realizado no último final de semana de julho no Clube Sociedade Recreativa Urubiciense localizado no Bairro Esquina.
Out	Romaria da Penitência	Romaria que parte da Igreja Matriz em direção à Gruta Nossa Senhora de Lourdes na localidade de Santa Terezinha.
	Rodeio Crioulo Internacional e Prenda Jovem	Evento tradicional do município que envolve rodeio, torneio de laço, sarau e baile da prenda jovem, realizado no Espaço de Exposições Manoel Prá.
Nov	Festival Viva Serra	Evento realizado em parceria com o Governo do Estado e que abrange também outros municípios da serra catarinense como Rio Rufino, São Joaquim, Urupema, Bom Retiro e Bom Jardim da Serra. A programação envolve apresentações artísticas e culturais, atrações gastronômicas, exposição de carros antigos, festival de paramotor, entre outras atividades. Em Urubici as atividades são realizadas em diferentes locais da cidade como no largo da Igreja Matriz, no pátio do antigo Ceasa (Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas), e na Avenida Adolfo Konder no Traçado.
	Baile Branco	Tradicional Baile de Debutantes realizado no Clube Recreativo União e Progresso, localizado no Bairro da Praça.
Dez	Baile do Chopp	Tradicional baile realizado no Clube Sociedade Recreativa Urubiciense, localizado no bairro Esquina.
	Natal	Apresentações artísticas, teatro e atividades realizadas na cidade nos bairros da Praça e da Esquina, e na Igreja Matriz, e natal rural na comunidade de Santa Tereza.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações da Secretaria Municipal de Turismo de Urubici (out/2013) e da divulgação dos eventos em *sites* na internet.

Verifica-se que são predominantes os atrativos naturais em Urubici, os quais, no entanto, em muitos casos encontram-se localizados em propriedades privadas, o que dificulta a gestão e o controle sobre a visitação destes lugares. Podemos considerar que esta questão é ainda agravada pela falta de instrumentos regulatórios no município que venham dispor sobre a estrutura necessária para a recepção de visitantes,

a cobrança de taxas de visitação, a capacidade de carga dos atrativos, as normas de segurança necessárias, entre outros, afim de salvaguardar os atrativos turísticos e garantir uma experiência segura e agradável aos turistas que visitam esses locais.

Já a Cidade de Urubici tem se apresentado principalmente como uma região de fluxos, por onde transitam de forma efêmera os turistas que visitam o município. Ou seja, não existem atrativos que busquem promover a circulação e a maior permanência dos turistas na cidade, sobretudo, no que envolve seus espaços públicos e de centralidades. A visitação ao único atrativo turístico da cidade, a Igreja Matriz, se dá de forma pontual e breve, e a participação da cidade na atividade turística se apresenta relacionada principalmente à oferta de equipamentos de meios de hospedagem e de alimentação, o que veremos a seguir.

2.3.2 A Infraestrutura Turística de Urubici

O crescimento do turismo em Urubici tem despertado interesse tanto da população local, que passou a vislumbrar na atividade a oportunidade de começar um novo negócio, quanto de investidores de outras cidades, que vêm atraídos não somente pelo potencial turístico, mas também pela qualidade de vida que o município oferece. Deste modo, a oferta de equipamentos e serviços turísticos tem crescido significativamente em Urubici, tendo os investimentos se dado especialmente no setor de meios de hospedagem. Atualmente, o município apresenta uma das maiores e melhores ofertas destes equipamentos na Serra Catarinense, com empreendimentos que variam desde sofisticadas pousadas até hospedagens em “casas alternativas⁴²”.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Turismo (2013), o município conta com 49 equipamentos de meios de hospedagem, sendo 24 localizados na zona rural e 25 na zona urbana, além de 95 casas alternativas e 1 albergue (*hostel*) distribuídos especialmente na cidade. E, conforme apresentado por Da Silva (2014, p. 106) em seu trabalho “*Canais de distribuição de micro e pequenos meios de hospedagem no destino periférico Urubici/SC*”⁴³, que já conta com um total de 50

⁴²As casas alternativas correspondem às hospedagens realizadas em casas de moradores do município, os quais, afim de complementarem a renda, abrem suas residências no acolhimento ao turista, especialmente nos meses de inverno e dias de previsão de neve, quando muitas vezes chegam a ficar lotadas as pousadas e os hotéis.

⁴³Para saber mais sobre o conceito de destino periférico de turismo: DA SILVA, K. de O. *Canais de distribuição de micro e pequenos meios de hospedagem no*

estabelecimentos de meios de hospedagem no município, 40% destes são de pequeno porte, possuindo até 5 (cinco) unidades habitacionais, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 - Número de unidades habitacionais (UH's) por quantidade de meios de hospedagem em Urubici (2013)

Número de Unidades Habitacionais (UH's)	Nº de meios de hospedagem	%
Até 5	20	40
6 a 10	14	28
11 a 15	5	10
16 a 20	3	6
21 ou mais	3	6
Sem dados	5	10
TOTAL	50	100

Fonte: Da Silva, 2014.

De acordo com relato da presidente da POUSSERRA, existem diferentes tipos de turistas que visitam Urubici. Os turistas que procuram as pousadas no meio rural são frequentemente aqueles que vêm em busca de descanso, afim de contemplar a natureza ou um ambiente mais romântico, apresentando-se as pousadas rurais geralmente mais estruturadas; enquanto os turistas que procuram as pousadas na cidade, de estrutura mais simples, são geralmente aqueles que vêm para visitar os atrativos turísticos ou para fazer atividades programadas como trilhas, caminhadas, e que preferem ficar na cidade pela facilidade de deslocamento. No entanto, em conversas informais no município, pudemos obter o relato de que a oferta variada de meios de hospedagem em Urubici tem gerado alguns impasses, especialmente entre os proprietários de estabelecimentos formais e aqueles de “casas alternativas”. Uma vez que o município não dispõe de instrumentos que venham a regular e orientar a atividade desses estabelecimentos informais, buscando-se garantir uma concorrência admissível no mercado e, sobretudo, uma experiência positiva ao turista que visita o município.

Figura 9 - Pousada no meio rural de Urubici



Foto: Da Autora, 2012.

Enquanto a oferta de meios de hospedagem no município é bastante variada, no que se refere aos equipamentos de alimentação a realidade é um pouco diferente. Segundo dados da Secretaria de Turismo do Município (2013), são cerca de 25 estabelecimentos no município, desde restaurantes, confeitarias, panificadoras, sorveterias e similares. Conforme observado na pesquisa de campo, é frequente entre os turistas e os moradores, as queixas quanto a falta de opções, bem como, quanto aos horários de funcionamento desses estabelecimentos, visto que muitos deles não costumam funcionar à noite ou então abrem apenas nos finais de semana e feriados. A falta de opções de lazer e entretenimento na cidade, principalmente no período noturno, é outra carência apontada por moradores e turistas que visam o município. Sem opções, os turistas ficam muitas vezes limitados a atividades diurnas, e os moradores, especialmente os jovens, se dirigem a cidades vizinhas em busca de entretenimento, ou acabam se reunindo na casa de amigos ou mesmo na rua para “jogar conversa fora” e beber.

É possível, portanto, verificar uma certa disparidade entre a oferta de equipamentos de meios de hospedagem e de alimentação no município de Urubici, e que não se refere apenas ao aspecto quantitativo, mas também ao qualitativo. Ou seja, houve um aumento considerável no número de pousadas de alto padrão no município, o que não foi acompanhado pelos equipamentos de alimentação, exceto algumas poucas opções, e outros serviços da cidade. Os dados da “Pesquisa Fecomércio - Turismo de Inverno” (2012) refletem essa realidade; segundo apontam, 63,2% dos turistas avaliaram os estabelecimentos de meios de hospedagem do município como ótimos, enquanto em relação à

gastronomia, apenas 31,9% a consideraram boa, e apenas 30,6% dos entrevistados consideraram ótimo o atendimento nos bares e restaurantes.

Segundo relato informal de empresário local, esta situação já chegou a gerar alguns impasses no município; em períodos de grande fluxo de turistas, por exemplo, os proprietários de restaurantes chegaram a reivindicar que as pousadas, em especial as localizadas no meio rural que geralmente dispõem de serviço de alimentação, não servissem refeições nos seus estabelecimentos. A ideia era estimular que os turistas se dirigissem aos restaurantes da cidade, no entanto, tendo sido atendida esta reivindicação, a estrutura limitada de atendimento dos restaurantes gerou grandes transtornos aos turistas, ficando muito deles sem serem atendidos e inviabilizando o acordo. E mesmo com as pousadas fornecendo serviços de alimentação, em dias de grandes fluxos de turistas é perceptível a dificuldade dos estabelecimentos em atender a grande demanda. Em relação aos equipamentos de alimentação, podemos ainda apontar uma outra questão que se refere à pouca presença de uma gastronomia típica local. Ou seja, pouco se vê nos estabelecimentos a oferta de produtos que remetam à cultura serrana ou às etnias presentes no município, e que valorizem os produtos locais. Fato este que também se estende ao artesanato local e ao próprio comércio da cidade, que ainda carecem de uma proposta mais autêntica envolvendo os produtos e as características locais. Trabalhar estas questões junto ao comércio seria uma forma de estimular os turistas para que visitassem e se apropriassem mais da cidade, dos seus espaços públicos e das centralidades que poderiam configurar o suporte e a integração necessária ao funcionamento da infraestrutura turística do município.

Urubici também possui agências de turismo receptivo localizadas na cidade que oferecem passeios guiados aos pontos turísticos, além de trilhas, atividades de cicloturismo, entre outras. Há serviços de táxi com pontos fixos localizados nos bairros da Praça e da Esquina, e uma pequena empresa com serviço de locação de veículos na cidade. Mais recentemente, foi inaugurada uma nova sede do Sesc em Urubici, em frente ao Banco do Brasil no Bairro da Esquina, o qual tem se configurado como um novo espaço aos turistas e moradores do município, oferecendo cursos, atividades de cicloturismo e de aluguel de bicicletas, local para café, apresentações de músicas e filmes, exposições de artesanato, entre outras atividades.

No entanto, alguns fatores ainda se apresentam limitantes à atividade turística do município como, por exemplo, o fato de alguns estabelecimentos comerciais, inclusive restaurantes e pousadas não aceitarem o pagamento com cartão de débito/crédito, a ausência de uma

rodoviária⁴⁴ no município, bem como a falta de estruturas adequadas para o atendimento ao turista, o que inclui ambientes climatizados e acessíveis, por exemplo. Somam-se ainda a estas questões, aspectos limitantes envolvendo a gestão pública, a sazonalidade do turismo, assim como a falta de mão-de-obra qualificada⁴⁵ ou mesmo disposta a trabalhar na atividade turística do município. Assim, o desenvolvimento do turismo se apresenta como um grande desafio ao município, configurando-se num grande sistema que exige de cada uma de suas partes a sensibilização, o compromisso e a integração necessária afim de garantir o seu pleno funcionamento e desenvolvimento sustentável.

2.3.3 O Turista de Urubici

Partimos de duas fontes de pesquisa afim de conhecer o perfil do turista de Urubici: os já citados “Estudo de Demanda Turística - Alta Estação” – realizado pela Santur realizada nos últimos três anos (2012⁴⁶, 2013 e 2014) e a “Pesquisa de Turismo de Inverno” realizada pela Fecomércio no ano de 2012. O estudo realizado pela Santur se refere à alta estação como os meses de janeiro, fevereiro e março, período em que também são realizados esse mesmo estudo em outros municípios catarinenses, principalmente do litoral, sendo, portanto convencionada essa terminologia e também em virtude do período de férias escolares. Já a pesquisa da Fecomércio foi realizada nos meses de julho e agosto⁴⁷, os quais correspondem de fato a alta temporada do turismo de inverno em Urubici; neste caso, além de mapear o perfil dos turistas, a pesquisa da Fecomércio buscou também levantar o impacto da estação de inverno para os empresários do município.

⁴⁴ Existe apenas um guichê que presta os serviços de compra e venda de passagens instalado numa lanchonete em frente à Praça Caetano Viera de Souza localizada no Bairro da Praça. Os horários dos ônibus das linhas intermunicipais são restritos, e o embarque e desembarque é feito em frente ao local.

⁴⁵ No ano de 2013 foram realizados em Urubici, pelo Senac de Lages, cursos de capacitação para garçons, recepcionistas, camareiras e guias de turismo.

⁴⁶ Os dados de janeiro foram obtidos mediante aplicação de média aritmética simples sobre os valores dos meses de janeiro do quadriênio 2007-10. As informações foram obtidas junto aos turistas que deixavam o município no terminal rodoviário e principais pontos de saída do município, nos períodos de 07 a 14 de fevereiro de 2012 e 01 a 07 de março de 2012.

⁴⁷ Em Urubici foram entrevistados 308 turistas, no período de 6 a 8 de julho e 14 a 16 de agosto de 2012, sendo as pesquisas realizadas principalmente no centro e nos pontos turísticos da cidade.

As pesquisas apontam que os turistas são provenientes principalmente dos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, e que o meio de transporte mais utilizado pelos turistas que visitam Urubici é o automóvel. Os dados da Fecomércio apontam um crescimento no número de turistas provenientes do estado de São Paulo nos meses de junho e agosto, conforme se verifica na tabela abaixo.

Tabela 2 – Principais mercados emissores de turistas nacionais para Urubici

UF	2012	2012			2013		2014	
	Jun/Ago (%)	Jan (%)	Fev (%)	Mar (%)	Jan (%)	Fev (%)	Fev (%)	Mar (%)
SC	55,37	-	83,33	78,57	59,45	66,66	84,21	75,36
PR	11,40	-	3,34	4,76	12,16	11,90	3,51	2,90
RS	6,19	-	11,66	7,14	10,81	7,14	5,26	10,14
SP	20,20	-	1,67	-	10,81	7,14	7,02	1,45
RJ	-	-	-	9,53	2,70	2,38		

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Fecomércio (2012) e Santur (2012, 2013, 2014).

A pesquisa de inverno da Fecomércio ainda indica as principais cidades de origem dos turistas, sendo elas Florianópolis (16,88%), Joinville (7,14%), São Paulo (6,82%), Curitiba (5,84%), Blumenau (5,19%), Brusque (4,55%), Jaraguá do Sul (3,25%), Porto Alegre (3,25%), São José (2,27%) e São José dos Campos (2,27%). Segundo os dados da Santur, o percentual de turistas estrangeiros se apresenta ainda pouco expressivo no município, o maior índice, 3,4%, foi registrado no mês de janeiro de 2014, sendo esse público proveniente principalmente da Argentina, Inglaterra, Suíça e Alemanha.

O turismo é a principal motivação daqueles que visitam Urubici, sendo a indicação de amigos/parentes a principal influência na escolha do destino (SANTUR, 2012, 2013, 2014). A permanência média dos turistas em julho e agosto foi de apenas 2,5 dias (Fecomércio, 2012), tendência esta que parece seguir nos meses de verão, onde o índice médio não ultrapassou 3 dias.

Tabela 3 - Permanência média (dias) em Urubici

Turistas	2012			2013		2014	
	Jan.	Fev.	Mar.	Jan.	Fev.	Fev.	Mar.
Nacionais	2,47	1,78	1,92	3	1,86	2,96	2,04
Estrangeiros	2,04	1,0	-	1	0	5	1,50

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Fecomércio (2012) e Santur (2012, 2013, 2014).

Em relação aos meios de hospedagem mais utilizados, a pousada e o hotel foram os mais utilizados nos meses de julho e agosto (Fecomércio, 2012), já nos meses de verão, as pousadas e a casa de amigos/parentes foram os mais citados entre os entrevistados (Santur). Os dados do estudo da Santur, que indicam a maior incidência de hospedagens em casas de amigos/parentes nos meses de verão, principalmente a partir do ano de 2013, pode também configurar um indicativo, de maneira indireta, do crescimento de segundas residências em Urubici, o que tem contribuído inclusive para uma inflação no setor imobiliário no município.

Tabela 4 – Meios de hospedagem utilizados em Urubici

Meios de Hospedagem	2012		2013		2014		
	Jul/ Ago (%)	Fev. (%)	Mar. (%)	Jan. (%)	Fev. (%)	Fev. (%)	Mar. (%)
Pousada	72,5	29,51	30,95	49,33	50	37,29	38,03
Casa de Amigos/ Parentes	1,3	27,87	26,19	36	30,95	27,12	29,58
Hotel	24,6	29,51	26,19	9,33	16,66	11,86	19,72
Camping	-	1,63	-	2,66	-	-	2,82
Albergue/ Alojamento	-	-	-	1,34	-	-	-
Hosp./ Pensão/ Dormit.	-	1,64	-	1,34	-	15,25	8,45
Casa Própria	0,6	6,56	16,67	-	2,39	5,08	1,41
Casa ou Apto. Aluguel	-	3,28	-	-	-	3,39	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Fecomércio (2012) e Santur (2012, 2013, 2014).

No que se refere aos atrativos turísticos, embora a pesquisa da Santur não especifique quais são esses atrativos, os atrativos naturais estão entre os mais citados pelos turistas, com destaque também para

atrativos histórico-culturais e visita a amigos/parentes, embora entendemos que este último configure-se como uma motivação e não um atrativo turístico do município.

Tabela 5 – Principais atrativos turísticos citados pelos turistas de Urubici

Atrativos Turísticos	2012			2013		2014	
	Jan (%)	Fev. (%)	Mar. (%)	Jan. (%)	Fev. (%)	Fev. (%)	Mar. (%)
Atrativos naturais	-	45,68	52,38	60,49	52,94	41,38	36,94
Visita Amigos/Parentes	-	20,99	19,05	23,46	27,45	17,24	11,71
Entretenimento	-	7,41	2,38	4,94	1,96	13,79	12,61
Compras	-	1,23	2,38	2,47	1,96	2,30	1,80
Atrativos Histórico-Culturais	-	23,46	21,43	6,17	15,69	10,34	14,4
Eventos	-	1,23	2,38	2,47	-	9,20	18,92
Religião/Peregrinação	-			2,47	-	3,45	-
Manifestações Populares	-			-	-	2,30	3,60
Tratamento de Saúde	-			-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Santur (2012, 2013, 2014).

Já a pesquisa da Fecomércio traz esses atrativos de forma especificada, e buscando-se aglutiná-los, 63,8% corresponderiam a atrativos naturais, 26,4% histórico-culturais, e 9,7% a outros, como no caso do mirante.

Tabela 6 – Pontos Turísticos mais requisitados pelos turistas de Urubici

Atrativos Turísticos	2012
	Jul./Ago. (%)
Morro da Igreja	14,6
Pedra Furada	13,9
Cascata Vêu de Noiva	10,6
Mirante	9,7
Serra do Corvo Branco	9,4
Cachoeira do Avencal	9,1
Igreja Matriz	8,3
Inscrições Rupestres	7,9
Gruta da Nossa Senhora de Lourdes	7,2

Morro do Campestre	6,2
Caverna Rio dos Bugres	3,0

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Fecomércio (2012).

Em relação ao gasto médio diário estimado por turistas, este se apresenta relativamente baixo em relação aos turistas nacionais na pesquisa realizada pela Santur; enquanto os índices apresentados pela Fecomércio consistiram numa estimativa média de gastos de R\$ 153,07 no comércio, R\$ 246,98 em hospedagem, R\$ 203,76 em alimentação, e R\$ 164,76 com transporte.

Tabela 7 - Gasto médio diário (R\$) estimado por turistas em Urubici

Turistas	2012			2013		2014	
	Jan.	Fev.	Mar.	Jan.	Fev.	Fev.	Mar.
Nacionais	83,10	111,06	88,66	84,57	133,59	61,79	91,86
Estrangeiros	291,15	75,00	-	180,00	-	73,33	333,33

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Santur (2012, 2013, 2014).

A pesquisa Fecomércio apresenta ainda algumas questões mais específicas buscando-se identificar o perfil socioeconômico dos turistas entrevistados, como a faixa etária, a qual se apresentou predominante entre 41 a 50 anos (23,70%) e 31 a 40 anos (22,40%), e uma renda familiar que variava de R\$ 1.126 a R\$ 4.854 (34, 09%). A maioria dos turistas estavam a primeira vez visitando Urubici (66,6%) e viajavam principalmente acompanhados da família (70,8%). Em relação ao comércio da cidade, 23,4% dos turistas não souberam avaliá-lo, no entanto, 62,66% declararam que pretendiam fazer compras no local. Cerca de 30,84% dos entrevistados afirmaram que não haviam visitado o comércio ainda, mas pretendiam ir, e apenas 6,49% afirmaram não pretender ir visitá-lo

Cabe ainda relatar que, além de turistas, Urubici costuma receber um grande número de visitantes, ou seja, pessoas que vêm de municípios próximos nos dias de finais de semana, feriados e, principalmente, quando há a incidência de neve na região, mas que não chegam a pernoitar no município. O grande número de visitantes e a baixa permanência média dos turistas tanto na estação de inverno quanto no verão, conforme apontaram os dados apresentados, pode estar relacionada, em parte, à falta de mais ações integradas com municípios da região na conformação de novos produtos como roteiros turísticos regionais, bem como, de lugares de interesse turístico e opções de lazer na cidade, e também de melhorias na infraestrutura turística da cidade.

2.4 A CIDADE DE URUBICI: A PAISAGEM NATURAL QUE MOLDA E A ESSENCIALIDADE RURAL

As casinhas originais de madeira com telhados de duas águas e lambrequins, já não existem mais. Deram lugar às casas de alvenaria cercadas com muros e portões, já mais recuadas da rua e de estilos variados. A cidade de Urubici se desenvolveu e cresceu, as ruas se estenderam, a Praça e a Esquina se ligaram, e a Igreja Matriz mudou. Mas a moldura, aquela que cerca a cidade se mantém. Com o crescimento da cidade, as bordas urbano-rural foram aos poucos se fundindo; mas é ainda a paisagem natural, os morros e o verde que permanecem destacados, fazendo da cidade de Urubici uma singularidade de tranquilidade e de beleza.

Figura 10 – Rua Cesário Amarante no Bairro da Praça (Década de 1950)



Fonte: Acervo Histórico e Cultural de Urubici, 2014.

Figura 11 - Vista do mirante localizado na SC-110 no acesso à Cidade de Urubici. Em primeiro plano, a cidade onde se destaca a Igreja Matriz



Foto: Da Autora, 2014.

A todo momento, a visão da paisagem natural nos acompanha na cidade, seja desde a Praça, da Esquina ou ao longo da avenida no Traçado, ora de maneira mais próxima ora mais distante. Abrigada num mar de verde, a cidade mantém sua atmosfera de cidade de interior, essencialmente rural. Essencialidade esta que está em tudo, na tranquilidade da cidade, nos trejeitos dos moradores, no cavalo amarrado no quintal da casa ou no morador lavando o seu cavalo na rua, como fariam os cidadãos com seus carros. O rural está presente no cotidiano do urbano de Urubici, fato que nos remete às colocações de Pieper e Vieira (2011) quando se referem à cidade contemporânea e ao espaço de confluência do rururbano, onde o urbano e o rural não corresponderiam apenas a um modo de produção característico, mas estariam também representados no modo de vida e nas suas relações sociais. Até mesmo caminhar pelos espaços públicos nos possibilita deparar com ruralidades na cidade de Urubici; são paisagens rurais que interrompem a monotonia da paisagem urbana de uso misto de comércio e residências da cidade, se fundindo às bordas naturais que a cercam, como se verifica na figura abaixo.

Figura 12 - Paisagem rural com muro típico, de taipa de pedra⁴⁸, na Avenida Adolfo Konder no Bairro do Traçado



Foto: Da Autora, 2013.

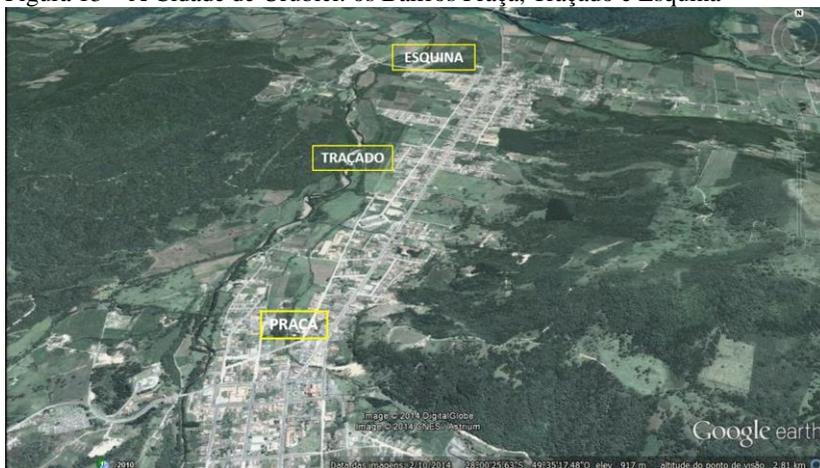
Assim, em Urubici, o rural e o urbano não se dissociam, estão contidos ou frequentemente referenciados um no outro. E o turismo tem também sua parcela nessa nova dinâmica, quando nos deparamos, por exemplo, com cada vez mais cidadãos buscando na ruralidade o espaço e o tempo para a recomposição física e mental, e com isso também a crescente instalação de empreendimentos turísticos, muitos deles providos de recursos tecnológicos e de indícios urbanos em meio à paisagem rural. Pelo que se verifica, o município de Urubici tem sido frequentemente palco da reaproximação do homem com o ambiente natural e o campo; se, para os moradores locais essa aproximação sempre existiu, em Urubici, os turistas encontram não somente o ambiente natural e o campo, mas uma cidade que traz em sua essência tudo isso, onde a natureza trata de emoldurar a cidade.

⁴⁸ Segundo consulta feita à Teixeira (2014), os muros em taipa de pedra “[...] configuram as mangueiras, lugares fechados com esses muros baixos, para confinar o gado nas fazendas e trilhas do Caminho das Tropas (Lages, SC) e em outros lugares do Sul. Essa arte construtiva vernacular era praticada pelos próprios peões, para demarcar também as passagens, caixas de estradas rurais, dos Campos de Viamão (RS) até Sorocaba (SP), levando mulas para a venda a mineradores (desde o final do séc. XVIII até meados do séc. XX) e outros produtos de subsistência”.

2.5 A PRAÇA, A ESQUINA E O TRAÇADO

Em meio à paisagem natural, a partir dos anos 1920, dois núcleos urbanos, separados por um longo banhado passaram a desenvolver-se de forma quase independente em Urubici (BURATTO *et al.*, 2013, p.07): a Praça e a Esquina, como são popularmente conhecidos o centro da cidade e o bairro Santa Catarina. Para quem não é de Urubici, ouvir falar em Praça e Esquina para se referir a bairros da cidade pode parecer estranho, mas para os moradores locais isso é tão natural que os nomes oficiais dos bairros é que podem causar certo estranhamento. Esta é uma questão tão enraizada no município que o próprio Hino Oficial de Urubici (ANEXO B) faz menção a esses bairros pelos seus nomes populares, referindo-se à força e ao ideal que estes representam ao município, assim como se verifica no verso Praça, Traçado e Esquina (ANEXO C), de autoria de Oliveira (2009, p.24 e 25), em que ressalta o autor serem esses os principais bairros de Urubici. E, afim de entendermos como se deu a consolidação desses importantes nós de centralidade da cidade de Urubici, a Praça e a Esquina, e do caminho do Traçado, é preciso retomarmos um pouco de sua história.

Figura 13 – A Cidade de Urubici: os Bairros Praça, Traçado e Esquina



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2014.

Foi na Praça que tudo começou, o primeiro núcleo do que viria a se tornar a cidade de Urubici formou-se na região da Praça, até hoje centro de Urubici. Conforme apresentado anteriormente, foi ali que chegaram e se instalaram os pioneiros do povoamento de Urubici, especialmente na

figura de Manoel Saturnino de Souza e Oliveira e de seus filhos na última década do Século XIX; onde foi aberta a primeira clareira e o primeiro rossio (Figura 5), no qual viria a ser instalada a Praça 14 de Dezembro e a primeira Capela da vila de Urubici no ano de 1917 (Figura 4) (BURATTO *et al.*, 2013, p. 18).

Segundo Buratto *et al.* (2013, p. 100-101), a Praça e a Esquina eram isoladas uma da outra devido as condições do terreno entre ambas, no qual um caminho seria aterrado tornando-se anos mais tarde na principal avenida da cidade, a Avenida Adolfo Konder. Provavelmente o distanciamento entre a Praça e a Esquina, cerca de 3 km, em conjunto com a dificuldade que se tinha na ligação entre ambas, tenha contribuído para o desenvolvimento desses dois polos na cidade, resultando numa certa “disputa” ou “rivalidade” entre esses bairros. Esta polaridade, Praça e Esquina, foi se construindo e se consolidando culturalmente no município, e até hoje serve de motivo de distinção entre os moradores quando se referem, por exemplo, aos clubes da cidade – o Clube da Praça e o Clube da Esquina -, seja na política, quando costumavam se referir aos candidatos da Praça e da Esquina, e assim por diante. Houve tempos, conforme relatos de historiadores do município entrevistados, que essa disputa entre Praça e Esquina era bastante acirrada, mas atualmente, a relação entre ambos é saudável e os “causos” ficaram para a história.

No entanto, rivalidades a parte, é interessante notarmos como não somente os nomes populares dos bairros se mantiveram através das gerações, como também eventos tradicionais do município, como é o caso do carnaval, ainda evidenciam essa relação. Conforme relatos de moradores entrevistados no município, o carnaval de Urubici se organiza em duas noites no Clube da Praça (Clube Recreativo União e Progresso) e duas noites no Clube da Esquina (Sociedade Recreativa Urubiciense), revezando-se entre os bairros a escolha do rei e da rainha do carnaval: se em um ano o rei é da Esquina, a rainha será da Praça e assim vice-versa. Situações curiosas que ajudam a manter viva a cultura do município, e que no entanto, apresentam-se pouco evidentes no contexto turístico da cidade.

Mas, é principalmente na Praça que Urubici se reencontra com grande parte de sua história. É na Praça, inclusive que se encontra a Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens (Figura 16), símbolo da religiosidade do povo urubiciense. A primeira sede da Igreja Matriz de Urubici foi construída no ano de 1935 (Figura 15), sendo anos mais tarde idealizado pelo Pe. José Espíndola, a construção de uma nova Igreja, concluída em 1973, oito anos após o início de sua construção. Assim, em frente à localização da singela Igreja Matriz de outrora, que se localizava

onde se encontra o atual salão paroquial, na rua Policarpo de Souza Costa, agigantou-se a nova Igreja Matriz, que hoje se constitui no principal atrativo turístico cultural da cidade de Urubici e um marco da cidade tanto para os moradores quanto para os turistas que visitam o município⁴⁹.

Figura 14 - O Bairro da Praça



Fonte: Google Imagens⁵⁰, 2015.

⁴⁹ Segundo relato de historiadora entrevistada no município, a construção da primeira Igreja Matriz não teria ocorrido no mesmo local da antiga capela por ter sido considerado, na época, o novo local mais adequado para sua construção. Para tanto, houve uma permuta entre a Igreja e o Estado, à quem pertencia as terras onde seria construída a Igreja Matriz, e o local onde se encontrava a antiga capela, anos mais tarde veio a abrigar a construção do Grupo Escolar Araújo Figueiredo localizada na Rua Hipólito da Silva Matos.

⁵⁰ Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/guiadeinverno/files/2011/07/006d7db4.jpg>>

Acesso em: 30 jan. 2015.

Figura 15 - A primeira Igreja Matriz, construída em 1935, e início da construção da atual Igreja Matriz (1968)



Fonte: Memórias de Urubici⁵¹, 2014.

Figura 16 - Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens



Fonte: Da Autora, 2014.

No **Lugar da Igreja Matriz**, em frente ao seu largo, encontra-se um conjunto histórico onde se destacam o prédio onde funcionava o Cine-Teatro Urubici e o Hotel Central (Figura 17). Estas construções são marcas daquela que teria sido a época de ouro de Urubici - o ciclo madeireiro - que compreendeu o período de 1950 a 1970.

Figura 17 – Conjunto arquitetônico de características Art-Decó localizado em frente ao largo da Igreja Matriz. Ao centro da foto, os prédios onde funcionaram o Cine-Teatro Urubici e o Hotel Central entre as décadas de 1950 e 1970.



Foto: Da autora, 2014.

O cinema, que era na época símbolo de prosperidade e modernidade das cidades, foi inaugurado em Urubici no ano de 1953. Em 1970, o cinema fechou pela primeira vez, sendo reaberto em 1971; pouco tempo depois foi vendido para uma empresa de Lages, e passou a funcionar apenas as terças-feiras e aos domingos e para aluguel para eventos de formatura. No entanto, com o declínio da economia madeireira em Urubici no final dos anos 70, o cinema fechou definitivamente suas portas em 1978 (BURATTO *et. al.* 2013, p. 78). O cinema, que era o local

⁵¹ Disponível em:<

<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>. Acesso em: 05 de abr. 2014.

de encontro principalmente dos jovens da época, possuía no alto do seu prédio um sistema de alto falantes conhecido por “Voz do Cine-Teatro Urubici”, onde se anunciava, após a missa de domingo, a programação do dia e, diariamente, os filmes da semana; além de serem transmitidas mensagens de patrocinadores, propagandas, músicas e, religiosamente, a Ave Maria, às 18h.

Ao lado do cinema, à esquerda na foto (Figura 17), já com a fachada modificada, era onde funcionava na época uma pequena vendinha da cidade, e o prédio à direita foi onde funcionou, entre as décadas de 1940 e início da década de 1950, a Casa de Saúde do Dr. Alfredo Oscar Becker, e que posteriormente deu lugar à instalação do Hotel Central, de propriedade do Sr. Manoel de Souza Costa (Figura 18). Segundo relato de Oliveira (2014), escritor de Urubici, o Hotel teria funcionado do final dos anos 50 até os anos 60, e conforme relembra Buratto⁵² (2014), era o local onde ficavam hospedados políticos e pessoas de renome da época.

Figura 18 – Fachada atual do prédio que abrigava o Hotel Central, localizado em frente ao largo da Igreja Matriz



Foto: Da Autora, 2014.

Nas proximidades do Lugar da Igreja Matriz, outras construções irão caracterizar ainda o conjunto histórico na região da Praça, muitas delas seguindo características da linguagem Art-Decó em seus motivos e fachadas. Como, por exemplo, algumas construções que abrigam comércios na Rua Cesário Amarante - principal rua que promove a ligação da cidade de Urubici com a SC-110 em direção a São Joaquim e

⁵² Segundo relato oral da historiadora de Urubici entrevistada.

onde costumam ocorrer os desfiles cívicos da cidade. Dentre elas, podemos destacar o prédio de cantos arredondados da antiga Casa do Povo (Figura 19), uma das primeiras lojas de armarinhos de Urubici, construída no início da década de 1950 e que teria funcionado até os anos 80, segundo relato de Oliveira (2014)⁵³. Assim com, a antiga sede do Clube da Praça, como é conhecido pelos moradores o Clube Recreativo União e Progresso de Urubici (Figura 20), que tem sua fachada caracterizada por platibandas e frisos em baixo e alto relevo; o primeiro clube de Urubici, fundado em 1920⁵⁴, e que teria funcionado nesta sede até os anos 80, quando mudou-se para nova localização nas proximidades do cemitério municipal.

Figura 19 - Rua Cesário Amarante; em destaque, o prédio onde funcionava o comércio “Casa do Povo”, e que abriga atualmente um comércio de verduras



Foto: Da autora, 2014.

Figura 20 – Prédio onde funcionava a sede do Clube da Praça, localizado em frente à Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo. Recentemente o prédio se tornou lugar de culto religioso, e atualmente encontra-se sem uso



Foto: Da Autora, 2014.

Em frente ao prédio que abrigava o Clube da Praça, configurando o **Lugar Comunitário** do Bairro da Praça, encontra-se o Grupo Escolar Araújo Figueiredo, e que corresponde à antiga localização da Praça 14 de Dezembro, onde foi construída a primeira Capela de Urubici em 1917. O Grupo Escolar ou Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo como passou a se chamar a partir de 1996, iniciou suas atividades em 1950; foi a primeira instituição de ensino do município, e até hoje continua em

⁵³ Segundo consulta feita ao escritor de Urubici.

⁵⁴ Segundo relato de Oliveira (2014), a primeira sede do Clube a Praça, quando foi fundado, era numa construção simples e de madeira localizada na Rua Manoel Silveira do Azevedo.

funcionamento. No interior da escola encontra-se um grande pátio por onde os alunos transitam, jogam conversa fora e brincam, inclusive de laço durante os intervalos. Sua construção (Figura 21) apresenta traços que parecem remeter à arquitetura institucional do período da Era Vargas (1930-1945), seguindo o modelo de construções racionalizadas e funcionais, e de traços modernos, assim como indica também o edifício da agência de Correios⁵⁵ (Figura 22) localizado logo na rua atrás da escola, embora construído já na década de 60 em Urubici.

Figura 21 - Escola de Educação Básica Araújo Figueiredo



Fonte: Google Imagens, 2014.

Figura 22 - Agência dos Correios



Foto: Da autora, 2014.

Pelo que se verifica, a Praça abriga um conjunto histórico formado por construções que possuem potencial para serem revitalizadas afim de abrigarem novas atividades de interesse turístico e cultural, e que, no entanto, em muitos casos encontram-se em desuso. São construções que se destacam não apenas pelas suas características arquitetônicas, algumas delas marcadas especialmente pelos traços da linguagem do Art-

⁵⁵ Conforme Ishida e Teixeira (2013, p. 81), que abordam o Art Decó em Lages-SC, foi durante o período Vargasista que ocorreu a disseminação das edificações dos Correios pelas principais cidades brasileiras, consolidando-se assim uma das estratégias modernizantes sob a égide do Estado Novo. Assim como as Unidades de Saúde e os Grupos Escolares, as agências de Correios corresponderiam uma imagem de um estado onipresente e modernizador, onde, segundo os autores, a linguagem arquitetônica a ser empregada nesse novo equipamento teria que ser necessariamente moderna, sendo portanto, o Art Decó o recurso compositivo mais empregado para sua construção em todo o Brasil. Sendo as características mais marcantes do Art-Decó, [...]os traços leves, sóbrios, geometrizados e que, segundo Lemme (1996), aproximavam-se do racionalismo modernista [...]” (PEIXER *et al.*, p. 31 e 32).

Decó, mas, especialmente, pelo valor simbólico que representam à história da cidade e aos moradores de Urubici. A própria Lei do Plano Diretor, Lei Complementar nº 1.400/2009, reconhece a importância destas construções quando dispõe da Política de Promoção e Valorização Cultural, Arqueológica, Paisagística, Cênica e Arquitetônica, definindo inclusive no Art. 86⁵⁶ da referida Lei, o interesse do município no tombamento do patrimônio arquitetônico envolvendo algumas das construções citadas.

A Praça, além de lugar de reencontro com a história da cidade, caracteriza-se também como importante centralidade institucional e administrativa do município. Além da Igreja Matriz, do Hospital São José⁵⁷, o único de Urubici e inaugurado em 1955, e das instituições de ensino como a Escola Estadual Araújo Figueiredo e o Colégio Santa Clara⁵⁸, a Praça abriga a sede da Prefeitura Municipal, instalada em prédio inaugurado em 1966 e que inicialmente iria abrigar o “Hospital Maternidade da Associação Beneficente Sagrado Coração de Jesus”⁵⁹. Nas proximidades da Prefeitura encontram-se também o Fórum do município, a Biblioteca Municipal, inaugurada em 1975 e que abriga atualmente em suas dependências o Acervo Histórico e Cultural de Urubici, além de secretarias municipais de saúde e de assistência social,

⁵⁶ Art. 86 - Fica definido por esta lei o interesse do Município no tombamento como patrimônio histórico, cultural, arqueológico, paisagístico, cênico e arquitetônico, como: *I – Patrimônio Arquitetônico: Prédio da Prefeitura Municipal de Urubici; Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens; Antigo Cinema, situado na Rua Boanerges Pereira de Medeiros; Bar do Ponto, situado no Bairro Esquina; Hotel Andermann, situado no Bairro Esquina; Casa em estilo Italiano da Família Ghizzoni.* (Lei Complementar nº 1.400/2009).

⁵⁷ O hospital de Urubici encontra-se localizado na rua Boanerges Pereira de Medeiros, e corresponde à localização da antiga casa paroquial, construída em 1936 e incendiada acidentalmente no ano de 1942 (BURATTO *et. al*, 2013, p.53).

⁵⁸ O Colégio Santa Clara localizado em frente ao Hospital São José, iniciou suas atividades em 1961 sob a direção da irmã Christolda, uma das irmãs franciscanas que vieram da Alemanha para administrar o hospital. O objetivo inicial do Colégio privado sem fins lucrativos vinculado à administração do hospital, era atender a formação de jovens mulheres para a carreira religiosa ou para os trabalhos do lar, no entanto, anos mais tarde teve sua atuação voltada para o ensino regular (BURATTO *et. al*, 2013, p.184).

⁵⁹ O prédio, de propriedade do Sr. Edmundo Ribeiro Rodrigues, antes mesmo de entrar em atividade como hospital, foi vendido à municipalidade. Desde então a prefeitura encontra-se instalada no local, onde também funcionou por mais de 30 anos o Fórum Municipal, que teve sua sede própria inaugurada em 1998, nas proximidades do antigo endereço.

a sede da Associação Núcleo de Aprendizagem Ana Guedes que oferece cursos de artesanatos à comunidade local, as instalações de uma pequena unidade do Sesc, e a agência bancária da Caixa Econômica Federal. No entanto, embora exista a concentração desses serviços nas imediações da sede administrativa do município, no local prevalece o uso de residências unifamiliares e a pouca apropriação dos espaços públicos; como se observa, por exemplo, em relação à Praça Francisco Pereira de Souza localizada em frente à Prefeitura, onde veículos estacionam à sua volta e alguns poucos usuários se abrigam durante o dia nas sombras de suas árvores⁶⁰.

Figura 23 – Prédio da Prefeitura Municipal e a Praça Francisco Pereira de Souza (1975)



Fonte: Memórias de Urubici⁶¹, 2014.

Figura 24 – Prédio da Prefeitura Municipal e a Praça Francisco Pereira de Souza (2014)



Fonte: Da autora, 2014.

Esta região, que caracteriza o **Lugar Institucional** do Bairro da Praça, não é apropriada pelos turistas que visitam a cidade. Faltam elementos que venham promover sua conexão com lugares de maior fluxo de turistas como, por exemplo, o local onde se encontra a Igreja Matriz, e com a própria Avenida Adolfo Konder, cujo início encontra-se nas proximidades. Bem como, faltam atrativos que busquem promover a apropriação desta região caracterizada pela baixa densidade de ocupação

⁶⁰ Com exceção de raros momentos, como se verificou durante a realização da pesquisa de campo, quando professores da rede de ensino municipal que encontravam-se em greve, concentraram-se no local afim de protestar e manifestar suas reivindicações junto à administração pública municipal.

⁶¹ Disponível em: <

<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>. Acesso em: 05 de abr. 2014.

e poucos usos diferenciados. O Acervo Histórico e Cultural de Urubici⁶², embora apresente peças interessantes envolvendo a cultura e a história do município, não é um local atrativo tanto para os turistas quanto para os próprios moradores. Como citado anteriormente, sua própria localização nas dependências da Biblioteca Municipal, no segundo andar de um prédio ao lado da Prefeitura Municipal, não favorece sua visitação; poucos são os turistas que têm conhecimento deste acervo na cidade de Urubici.

⁶² O Acervo Histórico e Cultural de Urubici foi criado em 2004, a partir da iniciativa da Associação de Pousadas de Urubici - POUSERRA, sua administração passou a ser desde 2006 pela Secretaria Municipal da Educação, Cultura e Desporto. O acervo já esteve instalado na Praça Caetano Vieira de Souza, numa antiga choupana que havia na praça, de onde foi removido pelas condições precárias do local.

No que se refere aos espaços públicos de lazer no Bairro da Praça, além da Praça Francisco Pereira de Souza, de pouca apropriação, encontra-se também, localizada em uma bifurcação no início da Avenida Adolfo Konder, a Praça Caetano Vieira de Souza. O **Lugar da Pracinha**, como é popularmente conhecida entre os moradores, é um espaço apropriado, um lugar de encontro para os moradores principalmente no final da tarde e nos finais de semana, onde crianças ficam a brincar e adultos a trocar conversas descompromissadas ou a observar o movimento da cidade. No que se refere aos turistas, seu espaço é pouco apropriado, ocorrendo algumas visitas especialmente pela presença de pequena casinha de madeira (Figura 27) onde são comercializados artesanatos, e que costuma funcionar geralmente nos finais de semana; na Pracinha também encontra-se o ponto de táxi do Bairro da Praça.

Figura 26 - Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, o ponto de táxi do Bairro da Praça e o predomínio de comércios e residências no entorno.



Foto: Da Autora, 2013.

Pelo que se verifica, os arredores da Pracinha são caracterizados pelo uso misto; o lado que compreende o início da Avenida Adolfo Konder, que possui um trânsito mais intenso, é caracterizado principalmente pela presença de edifícios de 2 pavimentos, em fita, com uso de comércios e residências, já a rua Policarpo de Sousa Costa, do lado oposto da Pracinha, possui um trânsito mais tranquilo e caracteriza-se principalmente pelo uso de residências unifamiliares.

Figura 27 - Casinha de artesanato localizada na Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, a rua Policarpo de Sousa Costa, com predomínio de residências unifamiliares.



Foto: Da Autora, 2014.

Aos fundos da Pracinha, quase despercebido - entre muros - passa o Rio do Riacho (Figura 28), importante recurso natural e paisagístico que corta a cidade de Urubici, com o qual, no entanto, não se estabelece conexão buscando valorizá-lo e integrá-lo a este espaço público de lazer. Inclusive, o possível caminho que configuraria este rio dentro da cidade é interrompido por propriedades de uso privado ao longo de sua extensão.

Figura 28 – Trecho do Rio do Riacho que corta a cidade. À esquerda, os “fundos” da Pracinha, e ao lado direito, propriedades privadas.



Foto: Da Autora, 2014.

Essa falta de conexão com o entorno se verifica também na relação entre a Pracinha e a Igreja Matriz, onde a presença de propriedades privadas às margens do Rio do Riacho interrompe a conexão entre esses importantes lugares da cidade (Figura 29). O próprio pergolado instalado na Pracinha, que indicaria um caminho encontra-se também desalinhado da Igreja Matriz, e não leva o transeunte a lugar nenhum (Figura 30). Assim, embora localizada nas proximidades do principal atrativo turístico da cidade, a Pracinha, como relatado anteriormente, se apresenta pouco atrativa e apropriada pelos turistas.

Figura 29 - Vista da Igreja Matriz. Em primeiro plano, propriedades privadas com fundos para o Rio do Riacho e a Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha).



Foto: Da Autora, 2014

Figura 30 - Vista do pergolado localizado na Praça Caetano Vieira de Souza (Pracinha). Ao fundo, é possível visualizar parte da Igreja Matriz



Foto: Da autora, 2013.

Neste sentido, podemos também relatar a falta de conexão envolvendo esta parte da cidade e o conjunto formado pela Igreja Matriz e o seu largo, e as construções históricas localizadas em frente ao local. A presença de propriedades privadas, que dividem a mesma quadra com a Igreja Matriz, se voltam de “costas” para o seu largo, interrompendo a visibilidade tanto da Igreja quanto do conjunto histórico (Figura 31) localizado em frente ao local. Pelo que se verifica, a Praça, embora abrigue elementos importantes como marcos, construções históricas e espaços públicos de lazer, estes encontram-se desconectados não favorecendo sua leitura e apropriação na cidade. Assim, acreditamos que trabalhar estas conexões, em conjunto com melhorias no entorno, poderá possibilitar a conformação de lugares mais estruturados e atrativos na cidade, resultando na maior apropriação destes lugares, bem como, favorecendo-se assim a paisagem urbana e a imagem da cidade.

E se na Praça é onde encontra-se materializada grande parte da história do município de Urubici, do outro lado da cidade, a Esquina, é o lugar onde tem se evidenciado grande parte do desenvolvimento de Urubici, sendo caracterizada como o principal centro comercial e financeiro da cidade. Na Esquina estão concentrados comércios variados e as principais instituições financeiras da cidade como o Banco do Brasil e o Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil - SICCOOB. Esta oferta de serviços e de comércio no bairro, em conjunto com sua localização estratégica - principal acesso à cidade para quem vem de localidades do interior e de municípios próximos como Rio Rufino e Bom Retiro – contribui inclusive para que, muitas vezes, as pessoas que vêm à cidade de Urubici nem cheguem a se dirigir à Praça, a não ser que tenham algo específico para fazer no local ou quando aquilo que procuram não foi possível encontrar na Esquina.

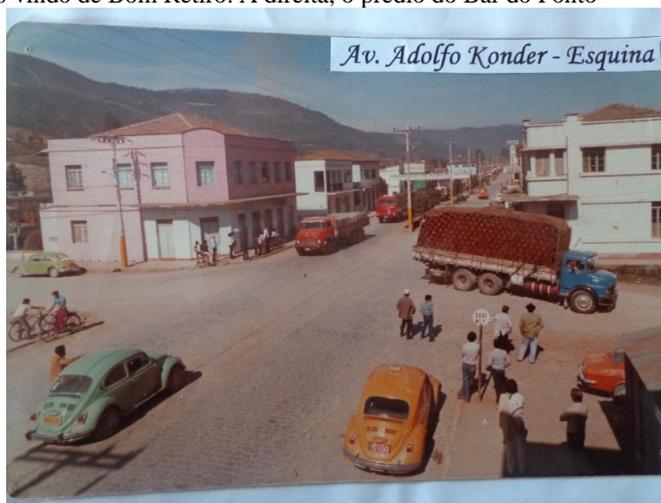
Trata-se do **Lugar da Principal Esquina da Cidade**, um importante nó onde se encontram as rodovias que cruzam o município de leste à oeste (SC-370) e de norte à sul (SC-110), onde encontram-se os únicos semáforos da cidade, e ponto de partida para acesso aos principais atrativos turísticos do município como o Morro da Igreja e a Serra do Corvo Branco, entre outros. Esta característica tem contribuído inclusive para uma maior tendência de crescimento da atividade turística nesta região da cidade, principalmente através da instalação de empreendimentos turísticos de meios de hospedagem e de alimentação. Pelo que verifica, na Esquina, novas construções vem surgindo contrastando com antigas lembranças que permanecem no bairro, como o Hotel Andermann (Figura 33), um dos primeiros hotéis do município construído no final dos anos 50 e início dos anos 60, e que atualmente não encontra-se em funcionamento, e o antigo Bar do Ponto, que caracterizou lugar de encontro de muitos moradores na cidade, e que hoje abriga comércio de vestuário na cidade.

Figura 33 - Hotel Andermann no Bairro da Esquina, propriedade de imigrantes letos de Urubici



Fonte: Memórias de Urubici⁶³, 2014.

Figura 34 – Bairro da Esquina (Década de 1970). Vista de quem chegava pela SC-110 vindo de Bom Retiro. À direita, o prédio do Bar do Ponto



Fonte: Acervo Histórico e Cultural de Urubici, 2014.

⁶³ Disponível em: <
<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>. Acesso em: 05
de abr. 2014.

Figura 35 – Bairro da Esquina (2013). Vista de quem chega pela SC-110 vindo de Bom Retiro. À direita, o prédio do antigo Bar do Ponto, e à esquerda um dos novos prédios de comércio da cidade



Foto: Da Autora, 2013.

Em relação aos espaços públicos de lazer existentes no Bairro da Esquina, podemos citar apenas a Praça Padre José Gonçalves Espíndola, localizada em frente ao largo da Igreja Santa Catarina, e em estado de abandono (Figura 36). Embora localizada em local de movimento da cidade, ao lado do Banco do Brasil, e nas proximidades do Centro de Atendimento ao Turistas e da sede do ICMBio, onde são fornecidas as autorizações para visita ao Morro da Igreja, a falta de infraestrutura desta praça não favorece sua apropriação por turistas e moradores. Anexo ao local foi construída uma Unidade Básica de Saúde municipal, cujas paredes laterais se voltam para a praça, dividindo este espaço público que seria voltado ao lazer (Figura 37).

Figura 36 - Praça Padre José Gonçalves Espíndola; ao fundo, a Igreja Santa Catarina no Bairro da Esquina



Foto: Da Autora, 2013.

Figura 37 - Em primeiro plano, parquinho e Unidade Básica de Saúde Municipal; ao fundo, a Praça Padre José Gonçalves Espíndola e a Igreja Santa Catarina no Bairro da Esquina



Foto: Da Autora, 2013.

A Igreja Santa Catarina (Figura 38) localizada em frente à Praça Padre José Gonçalves Espíndola apresenta também uma arquitetura peculiar, abrigando em seu pequeno largo o único termômetro em espaço público da cidade. O **Lugar da Praça Padre José Gonçalves Espíndola**, e o **Lugar da Igreja Santa Catarina**, juntamente com as edificações do entorno indicam um conjunto a ser configurado como lugar de interesse turístico na cidade. Mais recentemente, ao lado da Igreja Santa Catarina foi concluída a construção de um dos mais altos edifícios de Urubici, com

6 (seis) pavimentos, o qual embora possa favorecer a apropriação desta região pelo seu uso residencial nos pavimentos superiores e por abrigar em suas instalações a nova sede do Sesc de Urubici, contribuiu, em parte, para inibir a visibilidade da Igreja Santa Catarina (Figura 39).

Figura 38 - Igreja Santa Catarina e o seu pequeno largo, localizada em frente à Praça Padre José Gonçalves Espíndola



Foto: Da Autora, 2013.

Figura 39 – Local da nova sede do Sesc em Urubici instalada em um dos prédios mais altos da cidade; ao fundo, visão parcial da Igreja Santa Catarina e o seu largo



Foto: Da Autora, 2014.

Figura 40 - O Bairro da Esquina



Legenda	
1	Cruzamento principal da Esquina
2	Antigo Hotel Andermann
3	Prédio do Antigo Bar do Ponto
4	Praça Padre José Gonçalves Espíndola
5	Igreja Santa Catarina
6	Largo da Igreja Santa Catarina
7	Agência do Banco do Brasil
8	Sede do ICMBio
9	Sede do Sesc e Prédio Residencial
10	Unidade Básica de Saúde
11	Secretaria Municipal de Turismo e Centro de Atendimento ao Turista

Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

O Bairro da Praça, embora também lugar de estabelecimentos de comércio e serviços, se caracteriza, principalmente, como área residencial e institucional, onde concentram-se os principais equipamentos urbanos e comunitários do município. Assim, pelo que se verifica, podemos considerar a Praça e a Esquina como duas centralidades: a Praça enquanto centralidade institucional e núcleo de origem da cidade, e a Esquina enquanto centralidade comercial e financeira, motivada neste último caso especialmente pela sua localização estratégica no principal acesso à cidade de Urubici. Até mesmo no movimento cotidiano é possível notar certa distinção entre a Praça e a Esquina. Na Praça, por exemplo, as manhãs e os finais de tarde costumam ser um tanto mais pacatos, a não ser pelo barulho das entradas e saídas dos alunos das escolas.

Já a Esquina é mais constante nos seus fluxos, com o movimento do seu comércio, a vida parece caminhar um pouco mais acelerada, mas

ainda assim tranquila na cidade. No entanto, a vida noturna em ambos os bairros segue geralmente silenciosa, sendo inclusive a falta de entretenimento noturno na cidade um os pontos críticos apontados por turista e moradores entrevistados. A paisagem urbana de ambos também se apresenta pouco atrativa, sem elementos que os caracterizem enquanto áreas homogêneas distintas, e que busquem promover a “arte de relacionamento” apresenta por Cullen, como verificamos nos lugares desconectados tanto no Bairro da Praça como na Esquina. No entanto, elementos de relevância encontram-se presentes em ambos os bairros, os quais se trabalhada suas relações poderão resultar numa estrutura da cidade mais legível e mais apropriada por turistas e moradores. Assim, a análise nos mostra que a Praça e a Esquina se complementam, ambas desempenham papel de centralidade, cada uma com sua história e sua importância no contexto da cidade. E como protagonista da ligação entre esses dois importantes bairros de Urubici, apresenta-se o antigo caminho aterrado, a Avenida Adolfo Konder, que em sua extensão abrange grande parte do Bairro do Traçado.

2.5.1 Do Banhado ao Traçado

Até a década de 1920, a Praça e a Esquina eram isoladas uma da outra, o território entre as duas localidades consistia num banhado que dificultava essa ligação. O responsável pelo projeto da Avenida Adolfo Konder que ligaria os dois vilarejos, foi o agrimensor Carlos Karklis, imigrante de origem leta que liderou os trabalhos de drenagem e aterro do caminho; a melhoria na ligação entre essas duas localidades foi fundamental, contribuindo para o desenvolvimento do então distrito pertencente à São Joaquim, que veio a se tornar município em 1957 (BURATTO *et al.*, 2013, p. 100 e 101).

Segundo relatado de historiador entrevistado do município, a Avenida Adolfo Konder era um grande banhado, onde, de início, afim de se promover a passagem pelo local, foram colocadas toras de pinheiro com terra, o que teria originado o nome do Bairro do Traçado, que compreende quase que a totalidade desta importante avenida da cidade. Nas décadas de 1940 e 1950, o trecho ainda era muito crítico para o trânsito e muitos caminhões carregados de madeira ficavam frequentemente atolados no local. As melhorias foram ocorrendo progressivamente, no final dos anos 60, o trecho final da Avenida Adolfo Konder, na Esquina, recebeu calçamento de pedra, e o trecho seguinte que ia da Rua Manoel Pinto de Souza até o Ginásio de Esportes Noé da Costa Ribeiro, foi asfaltado em 1985 (BURATTO *et al.*, 2013, p. 101).

Figura 41 – Calçamento de pedra na Avenida Adolfo Konder (1982)



Fonte: Acervo Histórico e Cultural de Urubici, 2014.

Texto publicado no jornal local “O município”, em janeiro de 1982, nos auxilia a entender o que se passava naquela época na cidade de Urubici. Manifestando a preocupação da população com as condições de iluminação e trânsito na Avenida Adolfo Konder, confere a página de jornal o seguinte relato:

Foi implantada recentemente a nova rede de energia no município. Na avenida Adolfo Konder, foram mudados os postes para o centro da avenida, contrariando as normas técnicas brasileiras que proíbem a colocação de postes no centro de vias públicas sem os devidos canteiros e proteções. A iluminação continua precária e todos esperavam luminárias dos dois lados e com lâmpadas de mercúrio, o que infelizmente não ocorreu.

A poeira deixa os moradores irritados. O carro-pipa pouco resolve. Numa análise rápida, conclui-se que poderiam ser pagos quatro funcionários para trabalhar na fábrica de lajota da prefeitura.

Os buracos estão cada vez piores. E todos comentam a possibilidade do asfaltamento antes das eleições. Aproveitem agora, caso contrário, só em 1986.

Segundo se sabe, um grupo de senhoras, moradoras da avenida Adolfo Konder, pretende casos os problemas não sejam resolvidos, enviar um abaixo-assinado ao Secretário de Transportes e Obras, Espiridião Amin, para que este interceda junto ao governador do Estado, Sr. Jorge Konder

Bornhausen, no sentido de liberar recursos para as obras de pavimentação da aludida avenida”. (O Município, janeiro de 1982, n. 3, p. 15)⁶⁴

Ao que tudo indica a pressão funcionou, e em 1985 a Avenida Adolfo Konder recebe sua primeira camada de asfalto. Anos mais tarde, obras de melhorias foram realizadas na região, sendo em 2004 concluído o asfaltamento da Avenida Adolfo Konder até a avenida Prefeito Natal Zilli, que segue em direção à Bom Retiro.

Figura 42 - Primeira camada de asfalto na Avenida Adolfo Konder (1985)



Fonte: Memórias de Urubici⁶⁵, 2014.

A Avenida Adolfo Konder é a principal avenida da cidade de Urubici, com forma plana e reta, possui uma extensão de aproximadamente 3 Km, por onde hoje se estende o uso misto de comércio e residências, ora com edifícios dispostos em fita, ora isolados no lote. Cenário este, por vezes, interrompido por vazios urbanos que ressaltam a paisagem natural que cerca a cidade, ou ainda por apropriações temporárias que se instalam ao longo de sua extensão⁶⁶. As polaridades da Avenida Adolfo Konder abrangem as centralidades da Praça e da Esquina e são de maior densidade, a qual diminui ao longo de sua extensão no Bairro do Traçado. Hoje, o fluxo predominante no local

⁶⁴ *Apud* BURATTO, 2013, p. 114.

⁶⁵ Disponível em: <

<https://www.facebook.com/groups/691687887517358/?fref=ts>>. Acesso em: 05 de abr. 2014.

⁶⁶ Durante o período da pesquisa de campo, havia um circo na cidade, cuja estrutura se encontrava instalada no Traçado.

é de carros, muitos deles em alta velocidade. A falta de calçadas adequadas em alguns trechos e a ausência de ciclovias inibem ainda mais o trânsito de pedestres e ciclistas pelo local. Na década de 1970 chegou a existir transporte público entre a Praça e a Esquina, no entanto, hoje os únicos que transitam pela cidade são os ônibus escolares e os poucos intermunicipais que cortam ligeiramente a cidade. Assim, para aqueles que não dispõem de meio de transporte próprio, são as caronas com os velhos conhecidos que funcionam, ou então táxis para aqueles que preferem e podem pagar pelo serviço.

Todos os dias, seguindo a cultura de cidade do interior, das 12h às 13h30 da tarde o comércio da cidade fecha, inclusive os supermercados, e as pessoas se dirigem às suas casas para o almoço em família ou para os poucos restaurantes disponíveis na cidade. Nesse período, a Avenida Adolfo Konder fica mais silenciosa, mas logo que cessa esse intervalo o movimento é retomado até o cair da noite, quando volta a ser menos movimentada. No entanto, independente do período do dia, o trecho da avenida no Traçado caracteriza-se principalmente como um corredor sem a formação de lugares, ou seja, são poucos os elementos de pausa ou que buscam instigar a maior permanência no local e sua apropriação. Permanência no sentido de se proporcionar um tempo a mais na cidade, um tempo de apreciação e de lazer tanto para o transeunte corriqueiro quanto para os turistas que visitam o município.

Hoje, percorrer este caminho no Traçado é um tanto monótono, não se tem a linearidade, tampouco a visão serial ou a melódica⁶⁷ propostas por Cullen e Lynch respectivamente. Faltam referências, nós e marcos; estar no começo, no meio ou no fim deste caminho pouco difere. Não existem espaços de sub-centralidade capazes de configurar lugares, e espaços públicos de lazer. E, ainda que existam em sua extensão comércios e equipamentos turísticos como pousadas, hotel e restaurantes, não é possível verificar uma conexão entre esses elementos, ou em relação à uma proposta turística que implicasse em maior coesão da atividade na/com a cidade. Os estabelecimentos de comércio e os equipamentos turísticos no Traçado, e na cidade em geral, são em sua maioria visualmente pouco atrativos, carecem de elementos que facilitem a identificação dos mesmos e que os caracterizem de forma autêntica. Assim como ocorre em relação ao caminho do Traçado em geral, onde

⁶⁷ Segundo Lynch (2010, p. 110), “Os elementos e as características ao longo de uma via – marcos, mudanças de espaço, sensações dinâmicas – poderiam ser organizados como uma linha melódica, percebidos e imaginados como uma forma que é vivenciada a intervalos de tempo substanciais”.

elementos de paisagismo, por exemplo, poderiam contribuir para animar o seu trajeto tornando-o mais atrativo e, mais facilmente reconhecível em seus trechos.

Figura 43 - Visão panorâmica do Bairro do Traçado



Fonte: Google Imagens⁶⁸, 2015.

No Traçado se encontram as instalações do desativado Mercado do Produtor do Vale do Canoas, conhecido como **antigo Ceasa**. O local foi inaugurado em 1978, numa área de 39 mil m² recuada da Avenida Adolfo Konder. Foi a primeira unidade do Ceasa instalada numa zona produtora do Estado, sendo, na época, a escolha de Urubici atribuída pelo seu destaque na produção, especialmente, de tomates. No entanto, logo em 1981, o antigo Ceasa fechou, e desde lá foram poucos os usos de sua instalação, a qual atualmente encontra-se aparentemente em estado de abandono, abrigando em seu interior algumas poucas atividades da COOPERVALE e de algumas microempresas que tem seu uso permitido através de comodato⁶⁹. Aquele que foi o símbolo da economia de Urubici

⁶⁸ Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/victorcarvalho/5702132846/in/photostream/>>

Acesso em: 30 jan. 2015.

⁶⁹ Em 1989 o Mercado do Produtor do Vale Canoas foi transferido para o Estado por meio de convênio entre o governo federal, estadual e municipal. O Estado e o município tornaram-se acionistas do Mercado, no entanto, o controle está sob

de outrora, hoje passa despercebido pelos turistas que atravessam a cidade. Em frente ao antigo Ceasa também se encontra o tecido homogêneo da vila da Aeronáutica, um conjunto de pequenas casas onde residem os militares que trabalham no Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo - CINDACTA II instalado no Morro da Igreja em Urubici. Relatam também antigos moradores que um aeroclube esteve instalado no Traçado entre as décadas de 50 e 60.

Figura 44 - Mercado do Produtor do Vale do Canoas (Década de 1970)



Fonte: Acervo Histórico e Cultural de Urubici, 2014

o Estado que sede as instalações para o município de Urubici em contrato de comodato (BURATTO et al., 2013, p. 243).

Figura 45 - O Bairro do Traçado



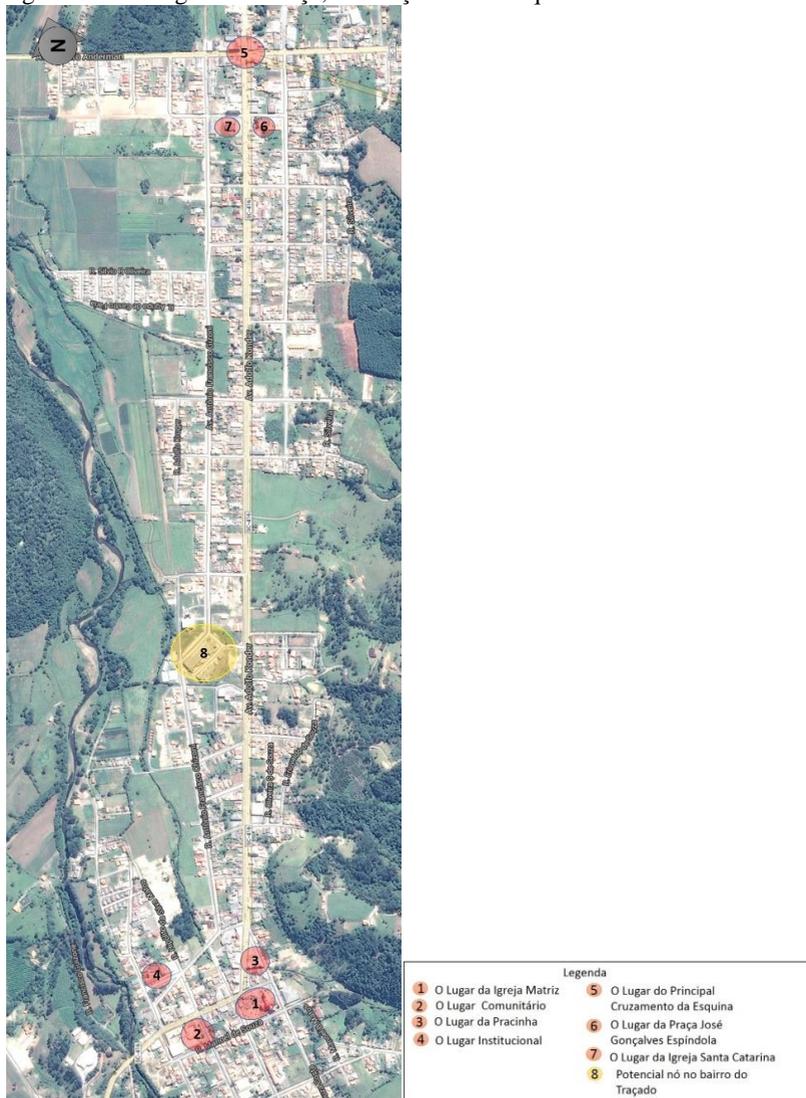
Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

Assim, podemos entender a Avenida Adolfo Konder como estruturante na Arquitetura da Cidade de Urubici, enquanto principal

caminho que liga as duas centralidades da cidade, a Praça e a Esquina, e também como elemento histórico e simbólico do desenvolvimento de Urubici. Entre as décadas de 50 e 70 passaram por este caminho inúmeros caminhões carregados de toras de madeira que expressavam o progresso do ciclo madeireiro da época, se configurando até os dias atuais como o lugar onde se desfila pela cidade, percorrido por carreatas em datas festivas, e por carros anunciando os eventos da região ou a promoção do dia no comércio da cidade. No final de 2013, paralela à Avenida Adolfo Konder (oeste) foi concluída a Avenida Antônio Francisco Ghizoni que também passou a ligar os bairros da Praça e da Esquina. Com o desenvolvimento dessa nova avenida, não se sabe ainda ao certo como irão se configurar os fluxos dentro da cidade; o que se sabe é que, certamente, o caminho da Avenida Adolfo Konder e sua história permanecerão enquanto símbolo de progresso e de união do município de Urubici.

No entanto, pelo que se verifica, os espaços de centralidade compreendidos pela Praça e pela Esquina, e os espaços públicos da cidade, que inclui este importante caminho no Traçado, parecem não formar um sistema, ou seja, parecem não se conectar e se articular entre si de modo a explicitar a estrutura espacial da cidade, favorecendo sua apropriação. De modo que esta análise da cidade de Urubici, em que percorremos pelos seus bairros principais, nos permitiu a identificação de 7 lugares envolvendo os bairros da Praça e da Esquina, e um nó potencial a ser estruturado enquanto sub-centralidade no Bairro do Traçado (Figura 46), os quais deverão se apresentar norteadores das recomendações a serem propostas, em conjunto com a análise da percepção dos turistas e moradores em relação à Cidade e o Turismo em Urubici apresentadas no capítulo a seguir.

Figura 46 - Os lugares da Praça, do Traçado e da Esquina



Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

CAPÍTULO 3 - A CIDADE E O TURISMO NA PERCEPÇÃO DOS TURISTAS E MORADORES

Apresentamos neste capítulo a análise e interpretação dos dados da pesquisa de campo, que compreendeu a etapa de aplicação de questionários (APÊNDICE B) junto aos turistas e moradores do município. O período de realização da pesquisa de campo ocorreu durante os meses de setembro de 2013, e março e julho de 2014⁷⁰, sendo realizada na ocasião da primeira visita do mês de março, a aplicação piloto dos questionários. No total, foram aplicados 40 questionários, sendo 23 com turistas⁷¹ e 17 com moradores do município. A delimitação do universo de sujeitos entrevistados, encontra seu embasamento nas considerações de Duarte, quando aborda as reflexões da pesquisa de campo na pesquisa qualitativa. Segundo a autora,

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro de entrevistas dificilmente pode ser determinado *a priori* – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados originais” ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas. [...] Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos (DUARTE, 2002, p. 143-144).

A aplicação dos questionários com os turistas ocorreu em locais diferentes da cidade, nos bairros da Praça e da Esquina, e na área rural, neste último caso, junto aos hóspedes de dois equipamentos de hospedagem rural localizados no bairro São Francisco e no distrito de Santa Terezinha. Em relação aos moradores, a aplicação dos questionários ocorreu principalmente junto aos estabelecimentos de

⁷⁰ 14 e 15 de setembro de 2013; 04, e 16 a 20 de março; e 19 e 20 de julho de 2014.

⁷¹ Para esta pesquisa não foi considerada a distinção usual entre turistas e visitantes, sendo todos tratados nos relatos como turistas.

comércio da cidade, e em algumas abordagens em espaços públicos e também na área rural do município, como ocorreu entre os turistas. A coleta de informações nas áreas urbana e rural se deu em busca de se obter a percepção dos diferentes perfis de moradores e de turistas que visitam o município.

Enquanto estratégia de investigação qualitativa, as perguntas dos questionários foram elaboradas quase que em sua totalidade por perguntas abertas, buscando-se obter, na forma de relatos, a opinião e percepções dos turistas e moradores. Envolveu também a realização de dois desenhos por parte dos respondentes, um que se referia ao desenho da cidade de Urubici, e outro que envolvia a indicação de sua localização para que, supostamente, um amigo que não conhecesse Urubici, pudesse encontrá-lo no município. O intuito desses desenhos era obter e analisar os elementos da imagem da cidade presentes nos relatos, bem como a leitura que ambos, turistas e moradores têm sobre a cidade, servindo como subsídio à análise das percepções e da apropriação em relação à estrutura, à paisagem urbana e à imagem da cidade de Urubici.

Desta forma, considerando-se a característica da pesquisa, optou-se por não se mensurar os dados de forma estatística, mas sim a partir da leitura dos pontos que se apresentaram mais recorrentes e/ou se destacaram entre os relatos. Com exceção dos dados que se referem ao perfil dos turistas e moradores, para os quais se buscou trazer em percentuais um breve retrato dos mesmos. As opiniões e relatos serão identificados a partir das iniciais T para turistas e M para moradores, seguidos de algarismos que servirão para diferenciá-los. Tanto entre os turistas quanto entre os moradores, não se verificaram variações significativas entre as respostas de homens e mulheres, de modo que não haverá distinção de gênero na transcrição dos relatos.

3.1 A PERCEPÇÃO DOS TURISTAS

Dentre os 23 turistas que participaram da pesquisa, 65% eram do sexo feminino e 35% do sexo masculino, principalmente na faixa etária de 40 a 49 anos (26%), seguido de maior incidência de turistas entre a faixa etária de 18 a 39 anos. A grande maioria era proveniente de Santa Catarina (78%), principalmente da capital Florianópolis e do município de Blumenau, seguido de turistas do estado de São Paulo (13%) e do Paraná (9%), o que corrobora os dados apresentados nas pesquisas realizadas pela Santur e pela Fecomércio apresentadas no Capítulo 2. A ocupação profissional dos turistas questionados se apresentou variada, sendo a parcela mais significativa correspondente a servidores públicos

(18%), seguido de empresários, funcionários de empresa privada e professores, cada um deles correspondendo a 13% dos respondentes. O destino turístico de Urubici já era conhecido pela grande maioria dos turistas, ou seja, 65% dos respondentes já haviam visitado o município, sendo que 35% deles já haviam estado de 2 a 3 vezes em Urubici, o que podemos atribuir em parte à proximidade do município com importantes polos emissores de turistas como Florianópolis, por exemplo. O turismo e o lazer, com 87%, são identificados como a principal motivação de visita a Urubici pelos turistas que participaram da pesquisa.

Em relação à média de permanência⁷², 70% responderam que iriam ficar de 3 a 2 dias no município, seguido de 26% que não iriam pernoitar no município e 4% que ficariam por período superior a 3 dias. Neste caso, vale lembrar que o período de aplicação da pesquisa, no mês de julho, que corresponde à alta temporada do turismo em Urubici, pode ter favorecido o maior índice de permanência no município. No momento de aplicação dos questionários, buscou-se levantar há quanto tempo os turistas encontravam-se no município, sendo que 57% declararam que encontravam-se há 1 dia, 39% há 2 dias, e apenas 4% encontravam-se há mais de 2 dias no município. A formulação desta pergunta buscava identificar possíveis diferenciações nos relatos dos turistas de acordo com o tempo que se encontravam no município; no entanto, verificou-se que este ponto não se apresentou como uma variável, e sim quando se tratava de turistas mais frequentes do município em relação àqueles que estavam pela primeira vez visitando Urubici, quando notou-se um olhar mais apurado por parte dos que conheciam melhor o município. Entre os meios de hospedagem mais utilizados pelos turistas, foram declaradas as pousadas (70%), seguido de casa de parentes (12%), outros (12%), e hotel (6%).

Os dados obtidos mostram que 87% dos turistas viajavam acompanhados, sendo que 78% destes acompanhados da família. Neste sentido, a característica dos turistas pesquisados parece corroborar a

⁷² Com relação ao tempo de permanência no município, convencionou-se, neste caso, entendê-lo a partir do número de pernoites no município, sendo menos de 1 dia (sem pernoite), 2 dias (1 pernoite), 3 dias (2 pernoites) e mais de 3 dias (mais de 2 pernoites). Essa definição se deu em razão da forma como os entrevistados tinham o entendimento da pergunta, uma vez que as respostas não apresentavam o dia correspondendo ao período integral de 24h, mas sim, como o número de dias da semana que ficariam no município. Por exemplo, muitos turistas respondiam, vou ficar 2 dias em Urubici (sábado e domingo), mesmo que tivessem chegado no sábado no município.

especificidade do turismo de Urubici, o qual vem se caracterizando principalmente como um destino turístico de família, onde acreditamos que o período de férias escolares (julho), que coincide com o período de alta temporada do município, contribui para essa caracterização. Fato este que pode configurar-se como um ponto positivo para o município, seja do ponto de vista econômico, quando esse tipo de viagem geralmente demanda maior planejamento e conseqüentemente uma maior pré-disposição em despender com serviços e atividades envolvendo o turismo, seja do ponto de vista da oferta de serviços e atrativos turísticos do município, uma vez que, em se tratando de um público abrangente, expandem-se as possibilidades de diversificação dessa oferta no município.

Para a grande maioria dos turistas abordados, o turismo de Urubici estava correspondendo às suas expectativas. Neste caso, pode-se verificar que, no geral, os turistas atribuíam o seu contentamento principalmente à oferta de atrativos naturais e à receptividade do município. Ou seja, os depoimentos demonstram que a grande motivação dos turistas visitarem Urubici está relacionada aos seus atrativos naturais e à tranquilidade que o município oferece, e isso os turistas têm encontrado no local. De modo que, a infraestrutura e os serviços turísticos, num primeiro momento, pareceram pouco interferir na experiência destes turistas, sendo estes aspectos pouco apontados pelos mesmos; com exceção de alguns relatos que abordaram a falta de infraestrutura, do preparo do comércio para receber o turista e de opções do que se fazer no município. Ou, no caso de turistas mais frequentes, que já possuíam uma maior familiaridade com o destino, e que manifestaram uma visão mais crítica, como se verifica num dos depoimentos.

“O turismo ainda é uma atividade que parece permear a cidade. Não é incorporada como um grande produto que o município tem oportunidade de usufruir, alguns lugares que estão trabalhando com o turismo recebem muito bem, o caso da Acolhida na Colônia e alguns restaurantes e pousadas [...]. Urubici precisa estar melhor preparada para receber o turista pois a divulgação feita é maior do que a oferta que se encontra para o turismo, como sinalização, orientação e até mesmo receptivo. Dependendo por onde se chega à cidade, nem se tem a certeza que chegou numa cidade turística. Tudo está muito solto e fica claro o pouco envolvimento da gestão pública e trade turístico no processo” (T.8).

Esta questão apontada pelo turista, de que “*Dependendo por onde se chega à cidade, nem se tem a certeza que chegou numa cidade turística*” (T.8), pode ser verificada em diferentes momentos nos relatos. Ou seja, de diversas modos é apontado que o turismo encontra-se pouco referenciado e presente na cidade de Urubici, com exceção, neste último caso, no que se refere à oferta de pousadas e de equipamentos de alimentação que tem se apresentado crescente na cidade. No que se refere aos espaços públicos, esta ausência parece estar ainda mais perceptível, quando não se verifica a estruturação dos lugares ou a presença de elementos que busquem incorporar a atividade turística à realidade urbanística da cidade, nem mesmo nos espaços de centralidades. A Praça Caetano Vieira de Souza, por exemplo, que se constitui num dos poucos espaços públicos de lazer da cidade, aparece em apenas alguns relatos como local visitado pelos turistas, indicando sua pouca atratividade e apropriação por este tipo de usuário.

A cidade foi visitada por todos que responderam os questionários, inclusive por aqueles que se encontravam hospedados em localidades rurais. E, quando questionados quanto ao que fizeram ou visitaram na cidade, as respostas mais frequentes se referiam à visita à Igreja Matriz e ao uso de equipamentos de alimentação (restaurantes, padarias, etc.) na cidade. O comércio em geral, com exceção dos citados anteriormente, não foi mencionado pelos turistas, salvo um deles que relatou ter visitado a “casinha de artesanato” localizada na Praça Caetano Vieira de Souza e outro que mencionou ter ido à uma agência de turismo na cidade. Pelo que se verifica, o comércio da cidade está voltado principalmente para os moradores locais, faltam comércios na cidade que apresentem uma proposta turística, e, inclusive o próprio horário de funcionamento destes estabelecimentos não favorece sua visitação pelos turistas, uma vez que não costumam funcionar nos finais de semana e feriados, salvo algumas exceções⁷³.

Segundo afirmam alguns comerciantes entrevistados, não compensa manter o estabelecimento aberto durante os finais de semana e feriados, uma vez que se torna mais oneroso por conta dos funcionários e demais custos. E até mesmo por uma questão cultural do município, que mantém o costume e a tradição de fechar os estabelecimentos comerciais durante o horário de almoço, inclusive os supermercados; ademais, a sazonalidade do turismo também é uma dificuldade apresentada pelos

⁷³ Nos finais de semana e feriados, apenas os equipamentos de alimentação e alguns poucos comércios mais voltados ao turismo que vendem artesanatos e *souvenirs* abrem durante o dia.

comerciantes. No entanto, por outro lado, não deixa-se de observar uma pouca disposição dos comerciantes em se apropriar da atividade turística do município, no sentido, inclusive, de ofertarem produtos e serviços que venham ao encontro da atividade, e que apresentem maior atratividade aos turistas a partir, por exemplo, da valorização de produtos locais. Neste sentido, deixa-se de se aproveitar um grande potencial da cidade no que se refere ao incremento do comércio e na geração de emprego e renda no município e região.

Ainda em relação aos locais que teriam visitado na cidade de Urubici, alguns turistas tiveram dificuldade de entender que nos referíamos à cidade, e acabaram indicando os atrativos naturais como Morro da Igreja/Pedra Furada, Cascata Véu de Noiva, entre outros. Inclusive, esta é uma dificuldade que se fez presente em vários momentos durante a aplicação dos questionários, ou seja, mesmo havendo a orientação de que se tratava de uma pesquisa focada na cidade, entendida esta como núcleo central e urbano do município, muitos evocavam em suas respostas os atrativos naturais e aspectos da ruralidade do município. Inclusive, essa não dissociação da cidade de Urubici de seus atrativos naturais localizados nas áreas rurais, fica ainda mais evidente quando abordamos as questões da imagem da cidade. Com a exigência de autorização para visita ao Morro da Igreja fornecida pelo ICMBio, a sede deste instituto, localizada no Bairro da Esquina, apresentou-se como um dos locais visitados na cidade pelos turistas, inclusive sendo mais citada do que o próprio Centro de Informações Turísticas do município localizado nas proximidades.

Para a grande maioria dos turistas, a cidade de Urubici é pouco atrativa, sendo apontado como principal atrativo, e praticamente o único na cidade, a Igreja Matriz. Foram vários os depoimentos que se aproximaram do relato de que *“A cidade em si não tem nada de atrativo. Tem a Igreja”* (T.19), ou que caracterizavam a cidade de Urubici como uma típica cidade do interior, com poucos atrativos. Um dos turistas, se referindo à atratividade da cidade, relata, *“Nada. A cidade em si, nada. Ela incorpora algumas coisas da classe média. Não lembra em nada o meio rural. Não tem a beleza de um lugar que trabalha a região de um lugar frio”* (T.12). Neste caso, o depoimento destaca a falta de conexão da cidade com sua atratividade rural e com a própria característica de ser um destino turístico de inverno, o que reforça mais uma vez as colocações feitas anteriormente em relação à pouca presença do turismo de Urubici na cidade, ou seja, da ausência de elementos que busquem referenciar os seus atrativos, assim como as características e a cultura local, envolvendo

especialmente o espaços públicos e de centralidades da cidade, e a paisagem urbana no geral.

Os dados coletados demonstram que a cidade de Urubici, de pouca atratividade, vem se configurando mais como um suporte à atividade turística pela concentração de equipamentos de meios de hospedagem e de alimentação. A declaração de um dos turistas, que nos diz que a cidade “*Não tem muita coisa. Vim mais para o rural*” (T.10), nos reforça uma característica bastante peculiar do turismo de Urubici: a cidade não se apresenta como um elemento motivador para os turistas, e sim os atrativos naturais, o frio e o sossego do meio rural. Aspectos subjetivos como a cidade é “bonita”, “hospitaleira”, “tranquila”, ou “pouco acolhedora”, foram também utilizados para qualificar a cidade e em alguns casos enquanto definição de sua atratividade. Os espaços públicos e de centralidades não foram citados, com exceção da Igreja Matriz e a Praça Caetano Viera de Souza, a qual neste último caso foi citada apenas uma vez entre os turistas, o que vem refletir mais uma vez a pouca atratividade e apropriação destes espaços pelos turistas que visitam o município.

Quando questionados sobre o lugar que mais gostaram e/ou chamou-lhes a atenção na cidade, a Igreja Matriz foi novamente o grande destaque, onde a arquitetura, por sua escala e forma que se diferencia do seu entorno foram os principais motivos de sua indicação. Apresenta-se inclusive como um elemento de surpresa, como se verifica no relato de um dos turistas: “*A Igreja Matriz. Porque foi uma surpresa. Não estava indo ver a Igreja e quando a vi, achei ela grande, bonita*” (T.11). Além da Igreja Matriz, a Avenida Adolfo Konder também foi um lugar destacado na percepção de alguns dos turistas, principalmente pela sua forma urbana, uma avenida larga e extensa dentro de uma cidade do interior, como apontado por um dos turistas. Apenas um dos turistas mencionou o rio que passa atrás da Praça Caetano Vieira como um lugar que lhe chamou a atenção, o que vem reforçar a observação de que há pouca visibilidade dos rios que cortam a cidade, e que somente se tornam mais perceptíveis na escala de quem está caminhando a pé pela cidade, como no caso deste turista. Assim como o rio, o entorno natural, ao qual podemos também atribuir a característica de bordas foi mencionado apenas por um dos turistas. Ou seja, estes importantes elementos paisagísticos não encontram-se valorizados e articulados na cidade, como no caso dos rios, de modo a integrá-los e evidenciá-los na paisagem urbana e na imagem da cidade. Fizeram também parte dos relatos, o mirante localizado no acesso ao município pela rodovia SC-110 em direção à São Joaquim, especialmente pela vista panorâmica que proporciona da cidade, e a Praça Caetano Vieira de Souza, neste caso, nas

palavras do próprio turista, por ser *“Uma praça num bico de rua, por parecer um lugar programado para receber pessoas”* (T.8).

Com relação às construções que mais chamaram a atenção dos turistas, o mesmo se repetiu em relação à questão anterior. A Igreja Matriz correspondeu à resposta da maioria, principalmente pela sua arquitetura e grandes dimensões, as quais inclusive foram alvo de crítica por alguns dos turistas. Como relatado nos depoimentos, *“A Igreja, pelo seu tamanho desproporcional à comunidade. O povo é simples e acolhedor, e a Igreja é grande, monumental, fria”* (T.7), ou ainda, *“A Igreja. Porque achei diferente. Não dá pra identificar o estilo, se faz parte da cidade, parece que foi plantada”* (T.12). Outra parcela significativa dos turistas declarou que nenhuma construção teria lhes chamado a atenção. Num dos casos, foram citadas *“as casinhas da Aeronáutica”* localizadas na Avenida Adolfo Konder, e que teriam se tornado perceptíveis principalmente porque o turista que as citou havia percorrido a pé o trecho de sua localização. Chamaram também a atenção de um dos turistas, o único hotel localizado na Avenida Adolfo Konder, pelo seu tamanho e pelas suas características arquitetônicas, bem como, a presença de casas de madeiras na cidade.

As construções históricas em frente à Igreja Matriz foram citadas apenas por um dos turistas, assim como o prédio da prefeitura, que, neste último caso, foi mencionado por um turista mais frequente do município. Ou seja, o conjunto histórico do município, representado em parte por estes marcos não se fez visível e perceptível à maioria dos turistas, o que pode ser atribuído à falta de medidas que busquem a valorização e a apropriação desses lugares, conferindo-lhes novos usos, inclusive de interesse turístico; e também às questões envolvendo o projeto urbano da cidade, na busca por atribuir maior visibilidade e conectividade destes elementos com o seu entorno e os espaços públicos da cidade. Ademais, é preciso transmitir a história e o significado desses lugares, contextualizá-los na cidade e junto à atividade turística do município, possibilitando que os mesmos sejam valorizados e apropriados tanto por turistas quanto por moradores.

No que se refere à paisagem da cidade, a grande maioria dos turistas relatou que a considera *“bonita”, “linda”,* principalmente pela beleza natural do seu entorno. No entanto, na opinião de um dos turistas, esse entorno contrasta com a qualidade da paisagem da cidade nos seus aspectos mais urbanísticos, conforme relata, *“O entorno que se vê ao longe belíssimo, a cidade fria, desordenada sem identidade arquitetônica, apesar de uma grande avenida”* (T.8). Para um dos turistas, a primeira impressão da paisagem não foi das mais positivas,

segundo relatou, “*Não agradou à primeira vista. Não acolhe o turista. Não consegui identificar a característica da cidade. Me pareceu uma rua de passagem*” (T.12). Relato este que nos reporta às citações de Fernandes *et al.* (2012, p. 16) quando tratamos no capítulo 1 da paisagem urbana e da imagem da cidade, onde pontua o autor a importância da paisagem para a atividade turística. Segundo argumenta o autor, a paisagem é o primeiro contato que indicará ao turista que ele se encontra fora do seu local de residência, ou seja, trata-se da primeira impressão “visual” do local visitado, sendo sua qualidade imprescindível para aguçá-los os sentidos dos visitantes.

Além da falta de uma “identidade arquitetônica”, a pouca arborização da cidade e a monotonia da paisagem urbana também se apresentaram como fatores críticos apontados pelos turistas; como nos revela um deles, a paisagem é “*Pouco arborizada. Parece ser um pouco repetitivo. É tudo meio igual*” (T.11). Neste caso, podemos nos voltar às considerações feitas por Cullen (1984, p. 14) quando se refere ao convencionalismo como uma fonte de tédio, enquanto a aceitação da disparidade uma fonte de animação à paisagem urbana, podendo contribuir inclusive para tornar a cidade mais visível e legível. E, pelo que se verifica em Urubici, essa monotonia se faz presente principalmente na Avenida Adolfo Konder no Traçado, onde faltam elementos que venham a animar o seu longo percurso, criando espaços de pausa, o que contribuiria para reduzir a percepção de distância e provocar o reconhecimento de diferentes trechos.

Quando solicitado aos turistas que pontuassem algo de que teriam sentido falta ou gostariam que houvesse na cidade de Urubici, pode-se perceber na análise dos dados, dois perfis de turistas: aqueles que tinham uma visão mais crítica, e que buscavam pautar suas opiniões em experiências que tiveram em outras cidades turísticas, e aqueles que demonstraram estar satisfeitos em relação à cidade de Urubici ou que preferiram se abster por não possuírem uma opinião a respeito. Neste sentido, pode-se também identificar dois tipos de opiniões entre os turistas: os que acreditavam que a cidade deveria ser melhor estruturada e aproveitada turisticamente, e os que pareciam não se importar com a cidade, uma vez que a vinda à Urubici se dava justamente para se desligar da cidade, para curtir a natureza e o meio rural.

Ao que tudo indica, a cidade tem se configurado como uma região apenas de fluxos, carente de espaços de permanência para os que transitam pelo local. Como revela um dos turistas, faltam “*Mais espaços para ficar na cidade. Parece que é só uma passagem. Não tem espaços para parar*”, (T.10), assim como também faz parte dos relatos a

necessidade de melhorias no paisagismo, nas praças da cidade, bem como, a existência de uma ciclovia. Outro grande anseio entre os turistas se refere à falta de atrativos culturais na cidade; segundo os turistas deveria existir eventos e espaços culturais na cidade, bem como a própria cultura local deveria estar mais presente na cidade, pois conforme um dos relatos, “*Falta ornamentação e divulgação da cultura local na cidade*” (T.7). Muitos turistas também manifestaram seus anseios em relação à melhoria da infraestrutura turística da cidade que incluíam a sinalização turística, mais opções de restaurantes, cafés, e bares com horários propícios, além de questões mais pontuais como serviços de pagamento com cartão de crédito, por exemplo.

A partir de alguns depoimentos, pode-se verificar que o fato de Urubici ser uma cidade simples, tranquila, de pequena escala, é um motivo de encantamento para os turistas, de modo que essa essência da cidade de Urubici deve ser mantida, no entanto, buscando-se caracterizá-la com suas próprias referências culturais e de belezas naturais. Ainda, segundo a opinião de um dos turistas, a cidade “*Poderia seguir o mesmo estilo da área rural. Que fizesse você se sentir que está no mesmo lugar. Não parece que você está em Urubici. [...]*” (T. 10). Ponto este que podemos relacionar às questões postas por Norberg-Schulz (2010, p. 454) referenciadas no capítulo 1, quando defende o autor que “O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado”, e também às colocações de Proença Leite e Arantes no que se refere às intervenções urbanas envolvendo os centros históricos das cidades e os usos do patrimônio cultural edificado na dimensão urbana.

Em relação ao que poderia tornar a cidade de Urubici mais atrativa para o turismo, a questão cultural se destacou novamente entre os depoimentos, muitos se referiram aos produtos locais, com a sugestão de criação de espaços de degustação e de pontos de vendas desses produtos na cidade, e inclusive de serviços de café colonial. A utilização de construções históricas para o turismo também fez parte das sugestões, assim como melhorias na sinalização turística, no paisagismo, no comércio em geral, e nas opções de lazer para os adolescentes. No entanto, os dados apontam que, o fato da cidade vir a tornar-se mais atrativa não seria um fator determinante para que os turistas estendessem sua estadia no município; neste caso, as opiniões se dividiram, alguns declararam que ficariam por mais tempo, relatando que dois dias são suficientes para se conhecer os principais atrativos turísticos do município, não havendo atualmente mais opções do que se fazer se

prolongada o período de estadias, enquanto outros se apresentaram indiferentes.

Em relação à participação dos turistas em eventos do município, apenas dois dos entrevistados relataram que já haviam participado, o que pode indicar o pouco apelo turístico dos eventos realizados no município ou ainda a falta de divulgação dos mesmos junto a esse público. Muitos turistas tiveram dificuldade em sugerir atividades e programações que gostariam que houvesse no município, e entre aqueles que se manifestaram, as atividades e os eventos envolvendo a cultura local foram os mais citados. Como sugere um dos turistas, seria interessante que houvessem *“Espaços que primassem pela culinária local, música, dança local. Gostaria de ver essa cultura local. Restaurantes com comida típica, etc.”* (T.12), a realização de feiras de rua na cidade também fez parte das sugestões.

Um dos turistas interessados na cultura local ainda sugere, *“Tinha que ter alguém para contar a história do lugar, da cultura do município. Para o turista não chegar direto na parte rural, e conhecer a cidade primeiro”* (T.10). Alguns turistas chegaram a sugerir um transporte turístico para visitação dos atrativos do município, bem como a realização de atividades como caminhadas, montanhismo e balonismo considerando o potencial e os recursos naturais do município, além da instalação de um cinema e de um boliche para entretenimento noturno.

Quando solicitado aos turistas que relatassem a primeira imagem que lhes vinha   mente quando pensavam na cidade de Urubici, os atrativos e aspectos naturais do município como Morro da Igreja/Pedra Furada, Serra do Corvo Branco, foram os mais citados, seguidos de imagens que se referiam ao clima frio do município como neve e lareira. Ou seja, mais uma vez, mesmo havendo o esclarecimento de que se tratava de uma imagem relacionada   cidade, os atrativos naturais foram os mais citados, o que vem a indicar a ausência de elementos na cidade capazes de serem evocados na mente dos turistas, com exceção da Igreja Matriz que apareceu em alguns dos relatos, e a Avenida Adolfo Konder mencionada por um dos turistas. Como demonstra o relato de um dos turistas, a imagem que ele tem da cidade   um *“Vazio. No turismo não representa muita coisa. São atende para serviç os de banco, etc.”* (T.11).

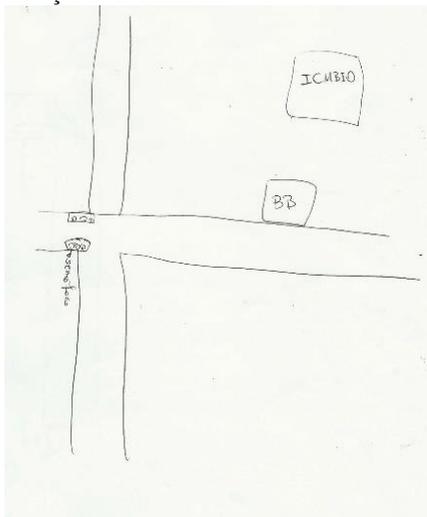
No que se refere ao desenho da cidade (Figura 47), para a maioria dos turistas, a cidade de Urubici se resumiu na presenç a de 03 elementos principais: o cruzamento do Bairro da Esquina, geralmente acompanhado de seus semáforos, a Avenida Adolfo Konder no Traçado indicada por uma reta, e a Igreja Matriz na Praç a, sendo que o caminho que promove a ligação entre o cruzamento da Esquina e a Igreja Matriz se apresenta

geralmente como um caminho vazio. Os caminhos são os elementos que mais aparecem no desenho da cidade de Urubici pelos turistas, sem que haja, no entanto, a presença de elementos em sua extensão indicando uma composição da cidade. Ou seja, os elementos, principalmente os marcos referências para os turistas, aparecerem de forma isolada nos desenhos, como no caso dos semáforos na Esquina e a Igreja Matriz na Praça.

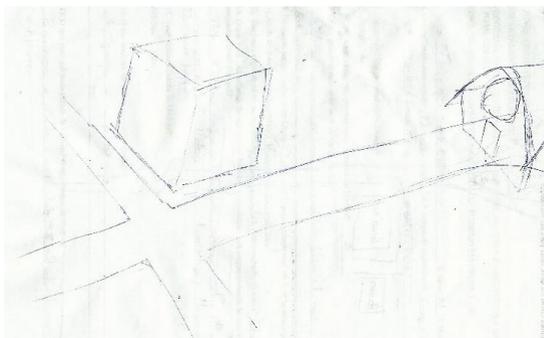
Figura 47 – Os principais elementos da cidade de Urubici na percepção dos turistas: o cruzamento no Bairro da Esquina, a Avenida Adolfo Konder no Traçado e a Igreja Matriz no Bairro da Praça



Fonte: T.4, 2014.



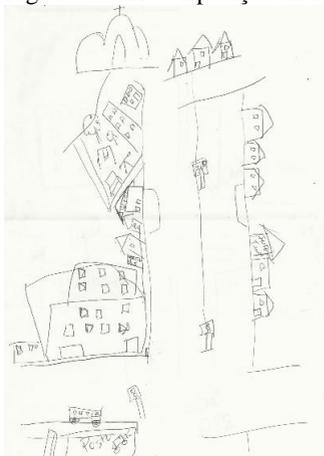
Fonte: T.11, 2014.



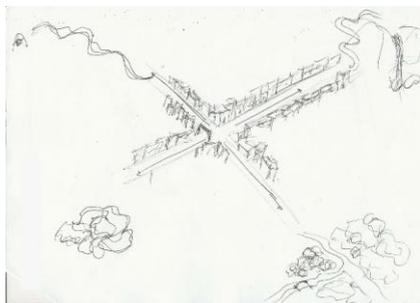
Fonte: T.22, 2014.

No Bairro da Esquina também apareceram retratados, de forma isolada, o prédio de vários pavimentos localizado no principal cruzamento do bairro, o Banco do Brasil e a sede do ICMBio em suas proximidades, estes últimos identificados principalmente por seus usos, sendo o Banco do Brasil utilizado como referência à localização da sede do ICMBio. No caso do Banco do Brasil, o seu destaque também pode ser atribuído à sua localização visível nas proximidades de áreas de circulação abertas, como o pequeno largo da Igreja Santa Catarina e o espaço público de lazer, a Praça Padre José Gonçalves Espíndola, que, no entanto, encontra-se abandonada, não sendo retratada em nenhum dos desenhos apresentados da cidade. No que se refere à falta de elementos retratados entre as duas centralidades da cidade, a Praça e a Esquina, esta vem indicar uma lacuna a ser preenchida na cidade. Para um dos turistas, inclusive, a cidade de Urubici é representada como uma “pista de pouso desativada”, reta, plana, larga, longa e vazia. Ou seja, poucos são os desenhos que indicam uma composição da cidade, conectando os diferentes bairros e indicando a apropriação dos seus usos, salvo algumas exceções como demonstram os desenhos abaixo (Figura 48).

Figura 48 – A composição da cidade de Urubici na percepção dos turistas



Fonte: T.8, 2014.



Fonte: T.10, 2014.

Neste último desenho é interessante inclusive notarmos a indicação dos fluxos para fora da cidade, uma vez que os atrativos do município se encontram-se principalmente nessas regiões, se configurando a cidade principalmente como um lugar de passagem interligando esses diferentes pontos. Para alguns turistas, a cidade de Urubici é ainda representada

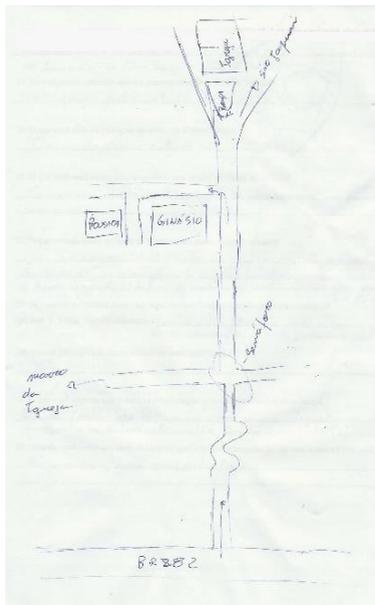
pelos seus atrativos turísticos, ora de forma única como a Pedra Furada ou a Igreja Matriz, ora apresentando vários deles ligados por caminhos. Imagens que remetem à paisagem natural e ao clima frio do município também foram apresentados representando o desenho da cidade pelos turistas. Ou seja, no geral, verificou-se que a cidade de Urubici apresenta poucos elementos de imaginabilidade, e que os mesmos se dão especialmente relacionados ao cruzamento e seus semáforos na Esquina, o caminho no Traçado, e à Igreja Matriz na Praça; sendo, em grande parte dos desenhos, a cidade representada como um grande vazio, com poucos marcos e representados de forma isolada, sem uma composição com o entorno e com a totalidade da imagem. Nota-se ainda, a pouca presença do comércio da cidade nos desenhos, bem como das bordas como os rios e a paisagem do entorno formada por morros e vegetação.

A característica de Urubici ser uma cidade pequena, de forma urbana simples, constituída de dois núcleos de centralidade e um caminho principal, favorece a orientação dos turistas. Quando solicitado aos turistas que fizessem um desenho partindo-se de uma situação hipotética, na qual teriam que indicar a um amigo, que não conhecesse Urubici, como encontrá-los no município, apenas dois dos turistas apresentaram pequenos equívocos de orientação nos seus desenhos. Ou seja, a questão da orientação dentro da cidade não se apresentou como um aspecto problemático aos turistas, sendo os elementos referenciados próximos de sua realidade; no entanto, a monotonia no caminho do Traçado dificultou a caracterização de seus trechos pelos turistas. Um dos referenciais que mais apareceram no desenho dos turistas foi o acesso ao município pela BR-282, indicando-o como o acesso principal utilizado pelos turistas abordados. Este fato este que se vê inclusive refletido na orientação de vários desenhos apresentados, quando frequentemente a Igreja Matriz aparece desenhada na parte superior ou então no canto direito da folha, sugerindo-se assim a Esquina, representada na forma de um cruzamento e pela presença de semáforos, como principal portão de entrada destes turistas.

Um dos turistas identificou uma grande cuia de chimarrão usada para propaganda, que se encontra no acesso ao município pela BR-282, como um marco, o que não se verifica em relação aos portais turísticos do município, os quais não foram apresentados em nenhum dos desenhos, o que indica sua pouca visibilidade, ausência de forma e identidade na percepção dos turistas. As curvas sinuosas da estrada que liga o acesso pela BR-282 até a cidade de Urubici também foi retratada por alguns dos turistas indicando sua peculiaridade de forma e ritmo (Figura 49), de modo que esta estrada, conhecida como Serra do Panelão, sugere grande

potencial para se trabalhar as questões apresentadas por Lynch *et al.* em “*The view from the road*” referenciadas no capítulo 1, onde trabalhar a sequência visual envolvendo as curvas e a paisagem local poderão resultar numa experiência mais positiva e prazerosa aos que transitam por esta estrada; assim, nesse momento, já se iniciaria a construir uma primeira imagem do destino visitado.

Figura 49 - Referências na cidade de Urubici no desenho do turista, destaque para a forma da Serra do Panelão no acesso à cidade

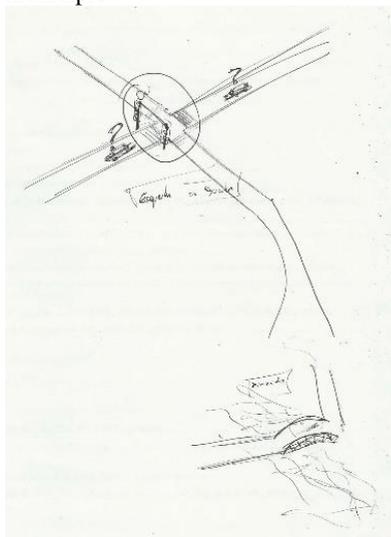


Fonte: T.22, 2014.

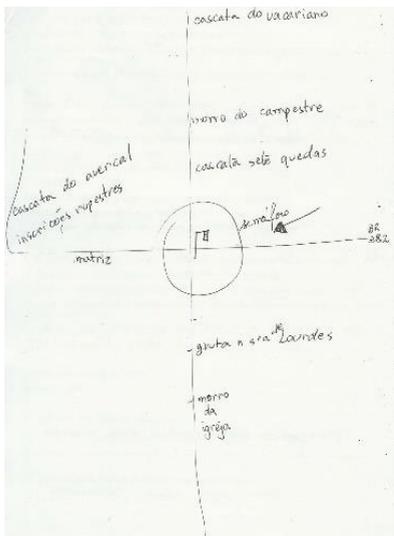
Partindo-se dos elementos que se apresentam mais frequentes enquanto referenciais na percepção dos turistas, é interessante notarmos como o cruzamento da Esquina com os seus semáforos apresenta-se como um nó dentro da cidade conforme ilustração dos turistas, bem como o fato dos atrativos naturais continuarem servindo de referenciais para orientação da cidade (Figura 50). Ou seja, mesmo localizados fora da cidade, eles encontram-se referenciados nos desenhos sugerindo uma indicação da cidade e servindo como pontos de orientação. Alguns turistas apenas referenciaram os atrativos turísticos ícones do município, como o Morro da Igreja e a Igreja Matriz na cidade, e um dos turistas ainda se utilizou como pontos referenciais o prédio comercial de vários pavimentos localizado no cruzamento principal da Esquina e o posto de

gasolina localizado na frente do mesmo. Neste último desenho, verificou-se um pequeno erro em relação à indicação de São Joaquim.

Figura 50 – Principais referências na cidade de Urubici na percepção dos turistas: o cruzamento da Esquina e seus semáforos, e atrativos turísticos do município



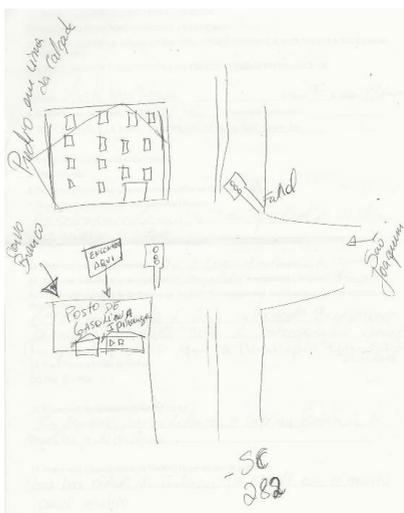
Fonte: T.10, 2014.



Fonte: T.14, 2014.



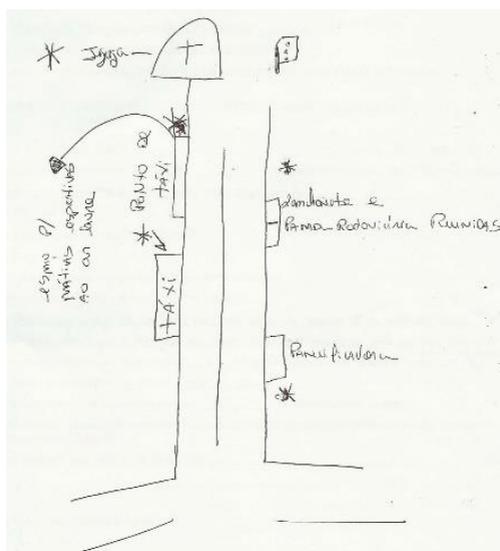
Fonte: T.17, 2014.



Fonte: T.8, 2014.

Outros entrevistados tiveram dificuldade em responder a esta questão, e desenharam apenas o local onde se encontravam como, por exemplo, a oficina na cidade, a casa de um parente ou um estabelecimento comercial, elementos estes insuficientes para a situação hipotética que exige orientação. Um dos turistas chegou apenas a desenhar a Igreja Matriz onde se encontrava, neste caso, por se tratar de um atrativo ícone, ímpar do município, este entendido pelo turista como um elemento suficiente para indicar sua localização. Alguns turistas ainda se utilizaram de referenciais com os quais apresentavam alguma familiaridade a partir de seus usos, como no caso da turista que indicou em seu desenho (Figura 51) estabelecimentos comerciais como a panificadora, a lanchonete e a parada rodoviária do município, o ponto de táxi, e o espaço para práticas esportivas ao ar livre, todos localizados no Bairro da Praça. Neste último caso é interessante notarmos como o ponto de táxi e o espaço para práticas esportivas aparecem dissociados da Praça Caetano Vieira de Souza onde se localizam, não aparecendo no desenho da turista este espaço público de lazer. Neste desenho também é possível verificar um pequeno erro em relação à localização dos semáforos da cidade, que encontram-se na realidade no Bairro da Esquina.

Figura 51 - Referências na cidade de Urubici na percepção do turista (Bairro da Praça)



Fonte: T.12, 2014.

Em relação aos espaços públicos de lazer, apenas um pequeno número de turistas fez referência à Praça Caetano Vieira de Souza, e apenas um dos turistas sinalizou a Praça Padre José Gonçalves Espíndola enquanto referência na Esquina, associada, neste último caso, ao Banco do Brasil e à Igreja Santa Catarina localizada nas proximidades. A Praça Francisco Pereira de Souza localizada em frente à Prefeitura Municipal não apareceu em nenhum dos desenhos apresentados, o que sugere a pouca visibilidade ou apropriação deste espaço público pela maioria dos turistas da cidade. Neste sentido, é interessante também notarmos como os locais como as construções históricas do município que se concentram principalmente na Praça, e até mesmo o antigo Ceasa no Traçado, não aparecem em nenhum momento nas referências e na imagem da cidade solicitada aos turistas, o que indica a pouca visibilidade dos mesmos na paisagem urbana, e especialmente, a falta de apropriação desses lugares e seus significados no contexto turístico da cidade.

3.2 A PERCEPÇÃO DOS MORADORES

Dentre os 17 moradores que responderam aos questionários, 59% eram do sexo feminino e 41% do sexo masculino, com a faixa etária principalmente entre 40 a 49 anos (35%) e 30 a 39 anos (23%). Em relação à ocupação profissional, a maioria se dividiu entre administrador, comerciário e funcionário de empresa privada os quais corresponderam cerca de 17% cada, seguido de atividade rural/agricultor e servidores públicos, ambos equivalentes a 12 %. A grande maioria relatou que morava em Urubici desde que nasceu, sendo que 41% moravam há mais de 40 anos no município. Dentre os moradores, 35% declararam morar no Bairro da Praça, seguido de maiores índices de moradores no distrito de Santa Terezinha e no Bairro da Esquina, os quais corresponderam aproximadamente a 17% cada; sendo que, do total de moradores respondentes, 58% residiam na cidade de Urubici, nos bairros da Praça, Traçado ou Esquina.

Na opinião de grande parte dos moradores, Urubici tem um grande potencial para se desenvolver no turismo, e relatam que a atividade já vem crescendo a cada ano. No entanto, alguns descontentamentos em relação à atividade são apontados especialmente no que se refere à falta de união do *trade* turístico e de engajamento da gestão pública municipal, assim como em relação à necessidade de melhorias na infraestrutura turística e na divulgação do turismo no município. O fato do turismo ser uma atividade bem quista pelos moradores configura um aspecto bastante positivo do município; ter o apoio da população significa ter bases sólidas

para o desenvolvimento da atividade, ou seja, uma maior garantia de que o processo de desenvolvimento da atividade se dê de forma mais participativa e compartilhada entre os diversos envolvidos. Esta receptividade da população local em relação ao turismo é facilmente reconhecida na hospitalidade com a qual os turistas são recebidos no município, inclusive, na opinião dos moradores, esse é um dos grandes motivos das pessoas visitarem Urubici. Até mesmo quando questionados sobre o que consideravam típico/característico de Urubici, a hospitalidade foi uma das respostas mais citadas entre os moradores, em conjunto com as belezas naturais e as hortaliças.

As hortaliças, embora tenham sido citadas por vários moradores, em nenhum momento fizeram-se presentes nos depoimentos dos turistas, o que vem a indicar a falta de divulgação deste importante produto local junto a este público. Ou melhor, a falta de inserção das hortaliças no contexto turístico de Urubici como um todo, a qual poderia se dar, por exemplo, através de sua introdução nos artesanatos e *souvenirs* do município, de sua transformação em produtos agregados como compotas, conservas, entre outros produtos de interesse turístico. Além das hortaliças, foram também apontados pelos moradores como típico/característico de Urubici, aspectos da gastronomia como a paçoca de pinhão, o frio, a cultura das etnias presentes no município, além dos festejos e os rodeios nas comunidades, e a Igreja Matriz citada por um dos moradores. Com relação ao que gostariam que houvesse na programação de eventos/atividades no município, foram relatadas principalmente atividades culturais e artísticas, opções de entretenimento noturno e para os finais de semana, *shows* abertos para a população, cinema, além de eventos gastronômicos, *workshops* de danças e de cicloturismo, entre outros que envolvam a comunidade. São também sugeridos por alguns moradores, o incentivo aos segmentos de turismo de negócios e eventos e de turismo religioso, na tentativa de amenizar a sazonalidade do município.

No que se refere à cidade de Urubici, embora relatada como um bom lugar para se morar, os moradores também a consideram pouco atrativa para o turismo. Entre os atrativos citados pelos moradores está basicamente a Igreja Matriz, salvo alguns depoimentos que incluíram os Clubes recreativos da cidade, a Pracinha (Praça Caetano Vieira de Souza), o novo Sesc instalado na Esquina e os restaurantes da cidade. Aspectos subjetivos como cidade calma, tranquila, sem violência, com natureza e sem poluição foram mencionados como atrativos da cidade também pelos moradores. A Igreja Matriz também foi citada entre os moradores como um dos lugares que mais gostam e/ou lhes chamam a atenção na cidade,

principalmente pela sua estrutura e beleza, assim como, o espaço público da Pracinha, que desperta interesse principalmente por ser um espaço de lazer, de encontro e de movimento de gente na cidade. Um dos moradores citou ainda a Avenida Adolfo Konder, por acreditar no futuro promissor do local, segundo relatou, “[...] *futuramente [a avenida] deverá se tornar o “point” da população com jardins, calçadão, divertimentos, ciclovias, e etc.*” (M.13).

No entanto, alguns moradores ainda tiveram dificuldade em responder a esta pergunta e associaram esses lugares que lhes chamavam a atenção ao Morro da Igreja e a outros atrativos do município localizados fora da cidade. Um dos relatos vem reforçar essa dificuldade em se evocar lugares na cidade; segundo a opinião de um morador não existe um lugar que ele mais goste ou que lhe chame atenção na cidade, para ele a cidade é apenas o lugar que vai à trabalho, segundo enfatiza, “*Não existe um espaço público para as pessoas se encontrarem. As pessoas saem mais para o interior para fazerem esses encontros*” (M.16). Essa falta de espaços de lazer para os moradores é evidenciada em vários momentos nos relatos.

Em relação às construções que lhes chamam a atenção na cidade, a Igreja Matriz novamente é o grande destaque, principalmente pela sua arquitetura considerada incomum. Alguns moradores também citaram o conjunto histórico em frente à Igreja Matriz, e o antigo Moinho São Francisco localizado às margens do Rio Urubici, este último apontado apenas por um dos moradores, que considera esta construção um importante resquício da colonização italiana em Urubici (M.2). Pelo que se verificou, alguns lugares chamam a atenção dos moradores pelo potencial que apresentam enquanto importantes lugares da história da cidade de Urubici, e também, muitas vezes pelo descaso com os quais são tratados. Outros aparecem nos relatos pelo contraste que sugerem em relação ao seu entorno como, por exemplo, o prédio comercial de vários pavimentos localizado na Esquina, bem como alguns restaurantes da cidade que apresentam suas fachadas com características rústicas, feitas em madeira. Os portais turísticos de Urubici, localizados nos acessos ao município pela SC-101, também aparecem como lugares de destaque, especialmente por parecem algo inacabado.

Em relação à paisagem da cidade, no geral os moradores a consideram bonita e, inclusive, fazem referência às suas bordas, aos morros do entorno, como componentes de sua beleza. Algumas ressalvas são feitas em relação à falta de manutenção e de cuidado dos próprios moradores com as fachadas das casas e dos comércios, e o ajardinamento das propriedades. Como relatado por um dos moradores, “*Hoje ela [a*

paisagem] é mais bonita. Falta ainda um pouco de capricho para que as pessoas pintem suas casas, cuidem dos jardins. Para que elas fiquem mais harmoniosas” (M.17). Já no que se refere ao lazer na cidade, a queixa sobre a falta de opções é unânime entre os moradores; segundo relatam, diante desta carência, o lazer dos moradores acaba se limitando a encontros com amigos em suas próprias casas ou em restaurantes da cidade, ou então aos clubes da cidade que possuem piscinas, conforme apontado por um dos moradores. Dentre os poucos espaços públicos de lazer da cidade, a Pracinha é a mais apropriada pelos moradores. Conforme afirma um dos moradores, a cidade oferece *“Muita pouca coisa. Não há local para encontro de adolescentes. Não há local público com wi-fi. As praças estão abandonadas, bem como os brinquedos (públicos). Os encontros são realizados em residências (grupos) ou nos bares e restaurantes”* (M.7).

Deste modo, quando questionados em relação ao que mais sentiam falta ou gostariam que tivesse na cidade de Urubici, assim como em relação ao que tornaria a cidade mais agradável para os moradores, novamente reafirmou-se a necessidade de mais opções de lazer. Entre os anseios dos moradores foram citados a abertura de um cinema, a realização de *shows* e eventos musicais na cidade, além da criação de um parque e de locais de entretenimento especialmente para os jovens e para as crianças. Outros focaram nas questões envolvendo a infraestrutura da cidade, como melhorias na coleta de lixo e a instalação de lixeiras na cidade, melhorias nas praças, a implantação de ciclovias, e de linha de ônibus que possa levar as pessoas da Praça à Esquina e vice-versa.

Quanto ao que poderia tornar a cidade de Urubici mais atrativa para o turismo, muitos se referiram à realização de eventos distribuídos ao longo do ano, um dos moradores inclusive chega a sugerir a criação de um centro de eventos no município. Outro destaque entre as sugestões se refere à readequação paisagística e arquitetônica da cidade; conforme sugere um dos moradores, seria interessante *“Mudar o visual da cidade em relação à construção (arquitetura); dar uma “cara para a cidade”* (M.8). Também fizeram parte das sugestões, a diversificação da oferta turística na cidade e a divulgação dos produtos locais, conforme pontuado por um dos moradores, o ideal era que existisse na cidade *“Mais empresas de atrativos turísticos: museus, cachaçarias. Coisas que ocupariam o tempo do turista. Falta atrativos turísticos não naturais (Ex: mostra de fotografias antigas). Restaurante de comida típica serrana, feijão tropeiro, quítera... Todos acabam investindo em pousadas”* (M.17). Outro morador complementa relatando a necessidade de um lugar onde os turistas pudessem passar mais tempo na cidade, onde pudessem ver as

hortaliças, o artesanato local, o que é realmente do município. Um dos depoimentos parece resumir grande parte dos anseios apresentados; segundo defende o morador, para a cidade se tornar mais atrativa seria necessário, *“Eventos durante todo o ano, pontos turísticos mais organizados e limpos, readequação paisagística e arquitetônica das principais vias, e, principalmente, comércio, serviços, hospedagens e gastronomia unidos e organizados”* (M.7).

Assim como ocorreu entre os turistas, quando solicitado que relatassem a primeira imagem que lhes vinha quando pensassem na cidade de Urubici, o Morro da Igreja/Pedra Furada e as belezas naturais foram também imagens citadas por muitos moradores, além de aspectos como neve, lareira e vinho que remetem ao clima frio de Urubici. Mais uma vez reforça-se a ausência de elementos da cidade capazes de serem evocados por aqueles que responderam os questionários, como relata um dos moradores, *“Me vem natureza. Na cidade não tem nada que vem à mente”* (M.1), sendo a Igreja Matriz citada em poucos relatos e o semáforo da Esquina por um dos entrevistados. Um dos moradores se referiu à ruralidade presente na cidade, o que lhe vem à mente é a imagem *“Da rusticidade, do rural mesmo sendo uma cidade. Tem animais na cidade. Remete a tempos antigos”* (M.17). Alguns relatos citam ainda aspectos subjetivos como tranquilidade e sossego da cidade.

No que se refere ao desenho da cidade de Urubici, a familiaridade dos moradores com o ambiente construído permitiu-lhes um maior grau de detalhamento e de referências em seus desenhos. Ou seja, diferente dos turistas, os desenhos dos moradores em sua maioria indicam uma composição de cidade, ou seja, existe uma maior compreensão da cidade pelos moradores que lhes permite melhor contextualizar e relacionar os elementos no seu espaço. A Avenida Adolfo Konder, por exemplo, um dos elementos que mais apareceram nos desenhos dos moradores, geralmente é retratada acompanhada de usos mistos em sua extensão (Figura 52), o que raramente se verificou nos desenhos dos turistas, onde esse caminho da cidade foi representado quase sempre vazio.

No entanto, os elementos que se destacaram no desenho da cidade tanto entre os turistas quanto entre os moradores foram o cruzamento da Esquina, o caminho do Traçado e a Igreja Matriz. A diferença recai no grau de importância que parecem assumir cada um destes elementos na percepção destes diferentes públicos. Ou seja, no caso dos turistas, por exemplo, a Igreja Matriz é o marco que prevaleceu nos desenhos, enquanto entre os moradores é o caminho do Traçado que assume o protagonismo entre os elementos representados. Neste sentido, podemos também relacionar a imagem da cidade à questão da apropriação, sendo

os elementos destacados de acordo com os usos e significados que estes assumem junto aos diferentes públicos, turistas e moradores. É interessante também notar que a orientação dos desenhos entre os turistas e moradores também apresentaram variações, ou seja, no caso dos moradores a Esquina é representada frequentemente na parte superior do desenho, em direção norte, enquanto entre os turistas, a Esquina aparece geralmente na parte inferior, o que pode ser atribuído possivelmente à orientação do município conhecida pelos moradores.

Figura 52 - A presença de usos mistos na Avenida Adolfo Konder no desenho da cidade pelos moradores



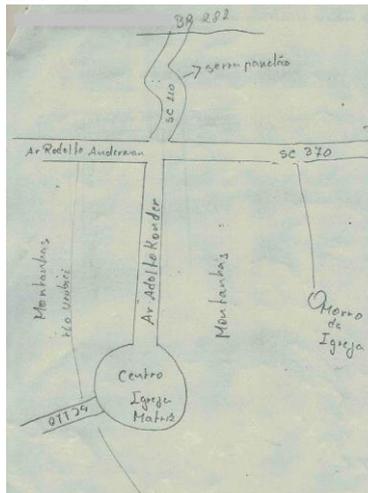
Fonte: M.17, 2014.

Fonte: M.6, 2014.

Assim como ocorreu entre os turistas, a forma urbana do cruzamento da Esquina se configurou como um dos elementos mais destacados entre os moradores, apresentando-se como um nó dentro da cidade e acesso aos principais atrativos do município, conforme relatado por um dos moradores. No que se refere à forma urbana, cabe notar sua importância na apreensão da imagem da cidade; assim como se verificou entre os turistas, as curvas características da Serra do Panelão, o cruzamento da Esquina, a reta da avenida Adolfo Konder no Traçado, bem como a forma peculiar da Igreja Matriz foram apreendidas e representadas pelos moradores, tornando esses lugares imediatamente reconhecíveis nos desenhos apresentados. Já as bordas, como os rios que cortam a cidade e as montanhas que a rodeiam, se apresentaram pouco

visíveis aos moradores, estando presentes em apenas alguns dos desenhos (Figura 53).

Figura 53 – A presença das bordas no desenho da cidade de Urubici pelos moradores



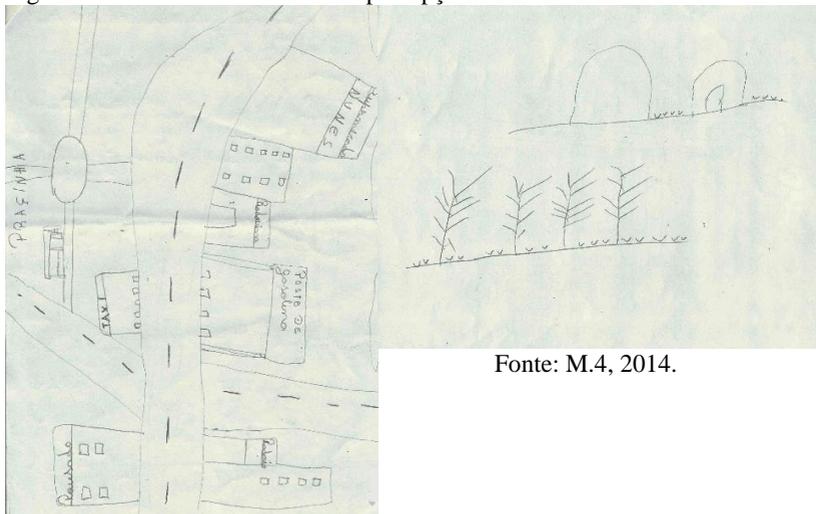
Fonte: M.2, 2014.



Fonte: M.7, 2014.

Ainda que mais completos em relação aos desenhos apresentados pelos turistas, os relatos dos moradores também indicam a pouca presença de elementos na cidade capazes de serem evocados na sua imagem. O que se verifica entre os moradores é a maior presença de referências envolvendo comércios e residências, o que pouco se verifica em relação aos turistas. Ou seja, para os moradores, na maioria dos casos, a cidade se apresentou como uma composição na qual se buscou estabelecer uma relação entre os elementos e o entorno, sugerindo uma maior totalidade da imagem da cidade; inclusive ruas paralelas à avenida principal da cidade começaram a surgir nos desenhos apresentados. E mesmo naqueles desenhos em que os moradores se limitaram a retratar uma parte do mesmo bairro como a Praça ou a Esquina, verifica-se a composição dos elementos com o entorno. A Pracinha, local de lazer da cidade, apareceu apenas em um dos desenhos da cidade, o que pode indicar sua pouca apropriação ou característica de baixa imaginabilidade na percepção dos moradores. E assim como ocorreu entre os turistas, atrativos naturais do município foram utilizados para representar a cidade (Figura 54).

Figura 54 - A cidade de Urubici na percepção dos moradores

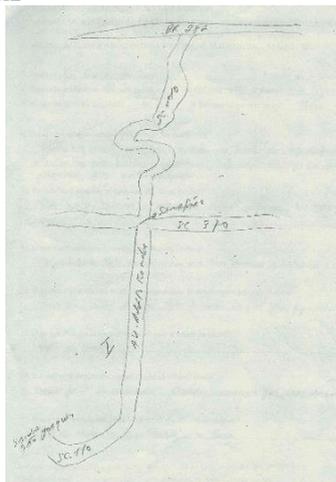


Fonte: M.4, 2014.

Fonte: M.5, 2014.

No caso dos moradores, quando consideram a situação hipotética na qual teriam que indicar a um amigo que não conhecesse Urubici como encontrá-los no município, assim como se verificou entre os turistas, a BR-282 se caracterizou como o principal acesso à cidade de Urubici. Além do cruzamento da Esquina com seus semáforos, o elemento que mais apareceu enquanto referência na cidade para os moradores foi a Avenida Adolfo Konder, e diferente dos turistas, a Igreja Matriz não apareceu em nenhum dos desenhos apresentados (Figura 55).

Figura 55 – O cruzamento da Esquina e seus semáforos e a Avenida Adolfo Konder como principais referências na cidade na percepção dos moradores, e a ausência da Igreja Matriz



Fonte: M.4, 2014.

O reconhecimento dos únicos semáforos da cidade enquanto marcos na cidade, leva alguns moradores a utilizá-los como os únicos referências na indicação de uma localização, apontando-se apenas a direção e a distância a percorrer a partir deste ponto. No entanto, embora sejam tomados como marcos e o cruzamento da Esquina enquanto importante nó da cidade, verifica-se ausência de interesse visual nesse lugar da cidade, onde os próprios relatos dos moradores e seus desenhos refletem essa característica. O fato da Esquina se apresentar como prevacente nos relatos dos moradores também reflete seu papel de centralidade na cidade.

É interessante notarmos como, nesta questão, a leitura da cidade pelos moradores se reduziu principalmente aos caminhos, enquanto que, entre os turistas, estes desenhos se apresentaram mais detalhados, com maior presença de referenciais que provavelmente fizeram parte da experiência do turista no destino. Ou seja, diferente do primeiro desenho da cidade, este se apresentou de modo mais simplificado entre os moradores, que retrataram de forma mais pontual e objetiva os referenciais afim de indicar sua localização, ao contrário dos turistas, que sentiram a necessidade de serem mais detalhistas neste caso, o que pode ser atribuído à maior familiaridade dos moradores com o espaço da cidade. Os próprios atrativos naturais, que encontram-se fora da cidade,

e que se apresentaram frequentes nos desenhos dos turistas para referenciar a cidade de Urubici, foram retratados em apenas um dos desenhos dos moradores. Ou seja, cada um dos públicos - turistas e moradores – apresentou a leitura da cidade a partir das suas experiências; para os turistas foi importante referenciar certos elementos que na visão dos moradores não fizeram-se presentes, como, por exemplo, a Igreja Matriz, importante marco da cidade que neste caso não apareceu em quase nenhum dos desenhos apresentados pelos moradores.

No geral, temos uma cidade reconhecida por poucos elementos entre turistas e moradores, onde as imagens consensuais compreendem lugares da cidade que, no entanto, apresentam-se em grande parte desarticulados e destituídos de atratividade, indicando o seu potencial em serem estruturados. A paisagem urbana ganha pouco destaque na apropriação da cidade tanto para turistas quanto para moradores, além de não incorporar aspectos turísticos do município, a falta de composição entre elementos importantes presentes na cidade, como os rios, o conjunto histórico, o comércio, e os espaços públicos, por exemplo, não favorecem sua atratividade e reconhecimento. No que se refere ao turismo na cidade de Urubici, verifica-se que, as expectativas e anseios relatados pelos turistas vão ao encontro das sugestões feitas pelos moradores afim de tornar a cidade mais atrativa, de modo que os apontamentos de ambos servem de base para a construção das recomendações apresentadas.

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Quanto ao enfoque qualitativo e à metodologia adotada, podemos considerar que demonstraram-se adequados ao objetivo da pesquisa: investigar a relação Cidade e Turismo no município de Urubici, buscando desvelar seu potencial para a configuração de lugares urbanos capazes de promover maior circulação e permanência dos turistas também na cidade, e de contribuir para a qualidade de vida urbana dos moradores. Os métodos empregados, que envolveram questões da área do Turismo e da Arquitetura da Cidade, permitiram investigar e levantar aspectos necessários ao alcance dos objetivos específicos, que compreenderam: identificar de que forma a Cidade de Urubici participa da atividade turística do município, e como é percebida e apreendida pelos turistas e moradores do município; levantar os principais anseios e expectativas dos turistas e moradores no que se refere à Cidade de Urubici e em sua relação com o turismo; identificar elementos de potencial e/ou de interesse turístico na Cidade de Urubici envolvendo aspectos da Arquitetura da Cidade e da cultura local; e elaborar, a partir dos levantamentos realizados, recomendações envolvendo a Arquitetura da Cidade e o Turismo na Cidade de Urubici, com ênfase nos espaços públicos e nas centralidades, bem como em elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade.

No entanto, relatar as dificuldades nos leva à autorreflexão e permite, a partir dessas avaliações, o aprimoramento no processo de pesquisa. Neste caso, a logística para a pesquisa de campo, acabou por demandar maior planejamento em relação ao deslocamento ao município, à estadia e à organização do tempo para otimização da pesquisa *in loco*, sendo fundamental neste processo a receptividade dos moradores de Urubici em participar e compartilhar informações de interesse da pesquisa, e a aproximação com escritores e interessados pela história de Urubici.

No que se refere às dificuldades quanto a aplicação dos questionários, principalmente junto aos turistas que dispunham geralmente de curto período de permanência no município e já contavam com atividades programadas durante o dia, foi fundamental e estratégica a abordagem deste público junto aos equipamentos onde encontravam-se hospedados. Assim como se demonstrou estratégica a abordagem dos moradores junto a estabelecimento comerciais da cidade para a aplicação dos questionários. Em relação às questões que solicitavam a realização de desenhos envolvendo a cidade de Urubici, mesmo havendo resistência por parte dos respondentes, o que foi verificado inclusive no teste de

aplicação do instrumento, considerou-se importante mantê-las pelo retorno representariam para a pesquisa. Neste caso, é interessante notar que a resistência em desenhar se manifestou principalmente entre os próprios moradores de Urubici, e, tanto entre os moradores quanto entre os turistas, esta resistência se apresentou relacionada à uma autocrítica dos respondentes em relação às suas habilidades em desenhar. Por vezes, também alegavam trata-se de uma questão muito complexa, ou então, atribuíam esta dificuldade à falta de elementos que a Cidade de Urubici lhes representava.

Outros pontos foram se apresentando e sendo identificados ao longo da pesquisa de campo como, por exemplo, a dificuldade de alguns respondentes em apontar proposições e/ou críticas em relação à Cidade de Urubici, inclusive, por vezes, pelo próprio desinteresse que alguns demonstraram ter em relação à cidade. Este fato nos chegou a gerar questionamentos em relação ao objeto da pesquisa - a Cidade de Urubici - no entanto, o próprio convencimento ocorreu a partir da identificação de uma parcela significativa de turistas e moradores interessada pelo turismo também na cidade, e pelos próprios relatos, dados e observações levantadas *in loco* que permitiram constatar a importância da participação da cidade no que se refere à oferta de serviços de meios de hospedagem e de alimentação, e o potencial desta cidade para a configuração de lugares de atratividade turística e de apropriação dos moradores.

4.1 CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES ACERCA DA CIDADE DE URUBICI

A pesquisa permitiu constatar que a Cidade de Urubici desempenha papel complementar no turismo do município, que se destaca principalmente nos segmentos de ecoturismo e de turismo rural. Esta complementaridade se refere, sobretudo e quase que estritamente, à oferta de equipamentos de meios de hospedagem e de alimentação, não abrangendo a totalidade da cidade e, em especial, seus espaços públicos e de centralidades.

Ou seja, pelo que se identificou, tanto as principais centralidades da cidade - os bairros da Praça e da Esquina - quanto o caminho principal que promove a ligação entre ambos - a Avenida Adolfo Konder que se estende pelo Bairro do Traçado - não configuram lugares de apropriação turística no seu sentido mais pleno. A apropriação turística que hoje existe da Cidade de Urubici se apresenta como uma apropriação efêmera e pontual, por onde percorrem, de passagem, os turistas que vão em busca dos atrativos do município, localizados quase que exclusivamente fora da

cidade. Ou então, por onde transitam de forma breve os turistas que encontram-se hospedados na cidade, ou que frequentam os poucos restaurantes dispersos ao longo de sua avenida principal, a Avenida Adolfo Konder no Bairro do Traçado.

A falta de articulação entre os espaços públicos e de centralidade, e de reforço de elementos importantes da paisagem urbana e da imagem da cidade, deixam de evidenciar a estrutura da cidade e de favorecer sua legibilidade, bem como de configurar lugares apropriados e de atratividade turística. Como exemplo, podemos citar a Igreja Matriz no Bairro da Praça, principal e único atrativo turístico da cidade percebido por turistas e moradores e que, no entanto, desempenha de modo pontual esse papel. Os turistas estacionam seus veículos nas proximidades da Igreja Matriz, a visitam rapidamente, e dali partem, geralmente para fora da cidade em busca de outros atrativos do município. Ou seja, a Igreja Matriz se caracteriza apenas como um atrativo a ser visitado, sem configurar, em conjunto com o seu entorno, um lugar de atratividade turística capaz de estimular um maior tempo de permanência dos turistas na cidade.

Deste modo, a partir do que foi apresentado, envolvendo as abordagens teóricas e a análise dos resultados da pesquisa de campo, buscamos a seguir tecer considerações e traçar recomendações voltadas à maior participação da Cidade de Urubici na atividade turística do município. Tanto as considerações quanto as recomendações partem especialmente do potencial atrativo da Cidade de Urubici e do papel desempenhado pela sua arquitetura junto à atividade turística, enquanto estrutura de legibilidade e de apropriação da cidade. Com base na leitura que fizemos da cidade de Urubici apresentada no Capítulo 2 (Figura 46) e na análise das percepções de turistas e moradores levantadas no Capítulo 3, identificamos como estratégica a articulação dos lugares identificados nos Bairros Praça, Esquina e Traçado enquanto conjuntos, buscando reforçá-los enquanto Nós de centralidade e de espaços públicos integrados na estrutura da cidade (Figura 56).

Figura 56 – Os Nós de centralidade e de espaços públicos na Cidade de Urubici



Fonte: Adaptado pela autora do Google Maps, 2015.

Assim, no contexto desta proposta para a Cidade de Urubici, elencamos as seguintes recomendações:

4.1.1 Quanto à Estrutura Morfológica da Cidade, sua Paisagem e Imagem

- Estruturar e reforçar espacialmente os **nós** de centralidade (Praça e Esquina), o **caminho** principal (Avenida Adolfo Konder), os

marcos (Igreja Matriz, Prefeitura Municipal, etc.), as **áreas homogêneas** (Bairros da Praça, do Traçado e da Esquina), e valorizar as **bordas** da cidade (os rios que permeiam a cidade e as montanhas que a rodeiam), facilitando sua compreensão e reforçando sua imagem;

- Elaborar um **plano visual**⁷⁴ para a Cidade de Urubici sugerindo a localização ou a preservação de marcos, o desenvolvimento de hierarquia visual das vias públicas, o estabelecimento de configurações distintas entre os bairros, e o reforço dos “Nós” da cidade;
- Trabalhar a arte **do relacionamento** e a **sequência visual** na Cidade de Urubici a partir da articulação dos elementos da paisagem urbana, envolvendo especialmente a configuração dos espaços públicos e a organização dos usos na cidade. A sequência visual poderia ser trabalhada principalmente ao longo da Avenida Adolfo Konder, no Bairro do Traçado, buscando caracterizar diferentes trechos, e tornar a cidade mais legível e apropriada por turistas e moradores;
- Estabelecer incentivos fiscais buscando-se promover melhorias na paisagem urbana envolvendo as **fachadas dos comércios e os jardins frontais das residências**, respeitando-se as individualidades, mas buscando-se promover uma harmonia na totalidade. Neste caso, a implantação e/ou o apoio do município para manutenção de um horto comunitário se apresenta como uma medida estratégica;
- Estabelecer incentivos fiscais e instrumentos legais voltados à **revitalização e à preservação de construções históricas** da cidade para que constituam-se enquanto marcos na paisagem urbana;
- Estabelecer instrumentos que busquem incentivar a **concentração de usos e atividades como restaurantes, bares e comércios em determinadas áreas da cidade**, buscando-se favorecer a imagem e a apropriação da cidade;

⁷⁴ Segundo Lynch (2011, p. 130), o “plano visual” consiste num conjunto de recomendações e controles envolvendo a forma visual em escala urbana, buscando-se reforçar a imagem pública do ambiente, em especial, a qualidade da imagem inscrita na mente do usuário. Conforme defende o autor, um instrumento que lidaria, acima de tudo, “[...] com as inter-relações dos elementos, com sua percepção em movimento e com a concepção da cidade como forma visível total” (LYNCH, 2011, p. 130).

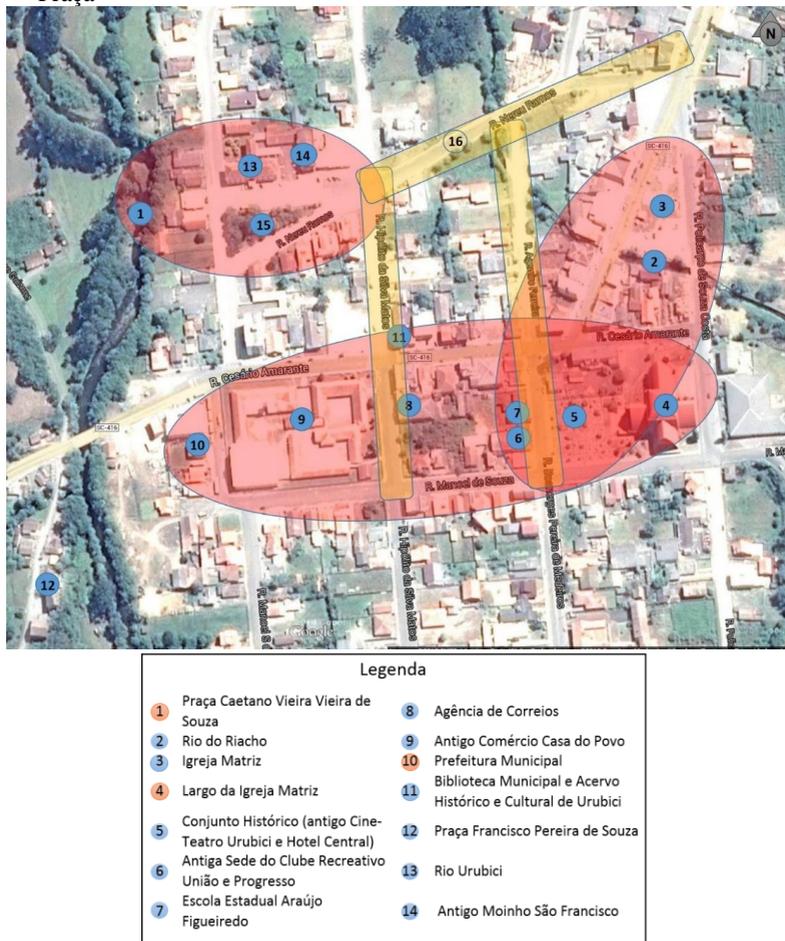
- Trabalhar o paisagismo **dos espaços públicos** da cidade através, por exemplo, da implantação de jardins e de arborização pública, de iluminação e sinalização pública, bem como através da instalação de mobiliário urbano nos caminhos e nas praças da cidade. O paisagismo pode se configurar como recurso estratégico na caracterização de diferentes trechos da Avenida Adolfo Konder e de outros lugares da cidade;
- Implantar **sinalização turística que contribua para a legibilidade da cidade** nos acessos, nos caminhos, e junto aos atrativos turísticos da cidade. A sinalização turística pode inclusive contribuir para a apropriação da cidade em percursos a pé. Junto aos atrativos, a sinalização interpretativa se apresenta como recurso estratégico, afim de se promover o conhecimento e a maior valorização dos atrativos turísticos e dos lugares visitados. Alguns espaços públicos da cidade como as praças, e o mirante localizado próximo à cidade, de onde é possível vislumbrar toda a Cidade de Urubici, se apresentam como locais estratégicos para a instalação de totens com informações e mapas turísticos de Urubici.

Em relação aos Bairros da Praça, do Traçado e da Esquina, recomendamos:

4.1.2 Quanto ao Nó Central no Bairro da Praça

- Promover a **estruturação do Nó central do Bairro da Praça a partir da integração entre os lugares identificados no bairro** - o Lugar da Igreja Matriz, o Lugar Comunitário, o Lugar da Pracinha e o Lugar Institucional – buscando-se a configuração de um conjunto articulado capaz de reforçar esta centralidade, tornando a estrutura da cidade mais legível e apropriada por turistas e moradores;

Figura 57 – Recomendação de estruturação do Nó Central no Bairro da Praça



Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

- **Estruturar o Lugar da Igreja Matriz**, promovendo a articulação da Igreja Matriz como seu entorno, formado pelo seu largo⁷⁵ e pelo conjunto de construções históricas de

⁷⁵ A maior integração com o largo da Igreja Matriz e sua apropriação, poderia também ser estimulada com o acesso usual à Igreja, que inclui a visitação de turistas geralmente por uma de suas portas localizada do lado oposto do largo, vindo a ocorrer pela sua porta principal, a qual tem abertura para o largo.

características Art-Decó (Figura 58). Essa articulação busca configurar este importante marco e atrativo turístico da cidade como indutor do processo de melhorias e de apropriação de seu entorno e de áreas adjacentes como o Lugar Comunitário, o Lugar da Pracinha e o Lugar Institucional.

Figura 58 - A Igreja Matriz e seu largo, e o conjunto de construções históricas em frente



Fonte: Google Imagens⁷⁶, 2015.

- **Estruturar o Lugar Comunitário** e promover sua integração com o Lugar da Igreja Matriz a partir de elementos de paisagismo e de arborização pública, do incentivo para melhorias e atribuição de novos usos para as construções históricas do local, com a diversificação dos usos, e com o fortalecimento do comércio na área, especialmente na Rua Cesário Amarante, onde o comércio já encontra-se mais presente;
- **Estruturar o Lugar da Pracinha** e promover sua integração com o entorno e o Lugar da Igreja Matriz, a partir de melhorias que busquem qualificar este espaço público de lazer e seu entorno, propiciando também sua apropriação por turistas. Na estruturação da Pracinha, o Rio do Riacho é um elemento importante a ser considerado e integrado como recurso paisagístico e de lazer na cidade, podendo vir também a se

⁷⁶ Disponível em: <<http://saojoaquimonline.net/wp-content/uploads/2009/07/Urubici-Festival.jpg>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

configurar como elemento de integração com o Lugar da Igreja Matriz. Buscando ressaltar ainda esta integração, o pergolado instalado na Pracinha também poderia ser readequado e alinhado ao ponto focal das cúpulas da Igreja Matriz.

Figura 59 – O Lugar da Igreja Matriz e vista parcial do Lugar da Pracinha



Fonte: Google Imagens⁷⁷, 2015.

Afim de contribuir para a apropriação do Lugar da Pracinha, o comércio do seu entorno poderia ser incentivado para a venda de produtos e serviços de interesse turístico e artesanatos locais e da região. E, afim de contribuir para o trânsito de pedestres entre a Pracinha e o comércio, faixas de pedestres poderiam ser implantadas no entorno do local. Considerando que o Bairro da Praça também corresponde a um dos acessos à cidade de Urubici, poderia ser discutida pelo município a instalação de um pequeno posto de apoio para informações turísticas no Lugar da Pracinha, bem como a instalação de local adequado para o

⁷⁷ Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/victorcarvalho/5701563929/in/photostream/>>.

Acesso em: 30 jan. 2015.

embarque e desembarque de ônibus intermunicipais que atualmente ocorrem no entorno da Pracinha;

- Incentivar a **diversificação de usos no Lugar Institucional** do Bairro da Praça, voltados para uma perspectiva turística e de lazer para os moradores. A ideia compreende incentivar a maior apropriação deste lugar da cidade por turistas e moradores, podendo vir a se configurar, a partir da instalação de bares e restaurantes e de melhorias no seu entorno, num local de lazer noturno na cidade. Neste entorno estão a Praça Francisco Pereira de Souza e o prédio histórico da Prefeitura Municipal, o qual, neste último caso, poderia ser revitalizado e ter sua iluminação externa trabalhada afim de destacá-lo na paisagem urbana e enquanto marco da cidade, bem como buscando incentivar a apropriação noturna deste lugar da cidade. Incentivos afim de promover maiores índices de ocupação para edificações no local, também poderiam contribuir para maior apropriação deste lugar da cidade. A apropriação diurna, especialmente nos finais de semana, também poderia ser incentivada através da realização de feiras de rua, e exposição e comercialização de produtos e artesanatos do município e região.

Afim de se promover a maior apropriação desta área da cidade, apresenta-se também como estratégico, reforçar os caminhos de conexão entre o Lugar da Igreja Matriz, o Lugar da Pracinha, e o Lugar Comunitário (Figura 57). Este reforço poderia ocorrer através de incentivos que buscassem promover a densificação e diversificação de usos nesses caminhos, bem como através da implantação de sinalização turística, arborização pública e elementos de paisagismo. Neste caso, o trecho do Rio do Riacho no Bairro da Praça também poderia ser trabalhado, afim de se configurar como um elemento de integração entre estes lugares da cidade, incentivando percursos a pé ao longo de suas margens;

- Estabelecer medidas e utilizar instrumentos legais buscando-se promover a valorização **dos rios** que permeiam o Bairro da Praça **enquanto caminhos para percursos agradáveis e elementos de integração** dos lugares do bairro. Tanto o Rio do Riacho quanto o Rio Urubici são bordas que permeiam a cidade, e que poderiam ter o seu aspecto paisagístico melhor aproveitado, tornando-os mais visíveis em seus trechos, e valorizados enquanto recurso natural presente na Arquitetura da Cidade. Como citado anteriormente, o Rio do Riacho poderia se configurar como elemento de integração entre os Lugares da Pracinha e da Igreja Matriz, e com as proximidades do Lugar Institucional da cidade, podendo vir a se tornar áreas verdes de

lazer na cidade. Em relação ao Rio Urubici, verifica-se potencial para a estruturação de um parque linear com o objetivo de aliar a conservação e a preservação dos recursos naturais com atividades de lazer na cidade. Dentre estas atividades, podem ser citadas como exemplo, a implantação de rotas de ciclovias e caminhos de pedestres na várzea do rio, respeitando-se à legislação vigente;

- Estabelecer incentivos para que o **comércio da Praça também se volte para uma perspectiva turística** através da comercialização de artesanato, *souvenirs* e outros produtos e serviços de interesse turístico;
- Promover, através de incentivos fiscais e instrumentos legais, a **revitalização de construções históricas** com a atribuição de novos usos, voltados especialmente para atividades culturais e de interesse turístico. Como exemplos, podem ser citados espaços culturais e de incentivo à cultura do município, pontos de encontro como cafés e restaurantes, entre outros. Dentre estas construções, podem ser relacionados no Bairro da Praça, os prédios que abrigavam o Cine-Teatro Urubici, o Hotel Central, e a sede do Clube da Praça, os quais caracterizam um conjunto histórico de linguagem Art-Decó na cidade e que se encontra atualmente em desuso. Paralelamente a estas medidas, a sensibilização da população quanto ao patrimônio histórico e cultural do município e a importância de sua valorização e preservação se apresenta como questão estratégica a ser trabalhada pelo município, o que inclui a educação patrimonial junto às escolas locais;
- Promover a **estruturação e a consolidação de atrativos culturais no Bairro da Praça**, como o Acervo Histórico e Cultural de Urubici, a partir de melhorias envolvendo sua localização, o incremento, a catalogação e manutenção de suas peças, bem como a capacitação de profissionais para sua gestão e atendimento ao público. Neste caso, a realocação do Acervo Histórico e Cultural de Urubici para uma das construções históricas localizadas no Bairro da Praça, seria também uma forma de incentivar a valorização e a preservação destas construções. As instalações do antigo Moinho Ghizzoni, o qual atualmente encontra-se abandonado com maquinário e utensílios ainda no seu interior, também apresenta potencial como atrativo cultural no Bairro da Praça, se apresentando estratégica a definição de incentivos para sua revitalização voltada para fins turístico e cultural. Neste caso, seriam também necessárias melhorias envolvendo o acesso e o entorno do local, o qual encontra-se às margens do Rio Urubici;

- Formatar um **tour guiado pelo Bairro da Praça** que possibilite aos turistas e moradores conhecer a história e a cultura do município. Além da visita à Igreja Matriz, o *tour* compreenderia um percurso a pé por construções históricas do bairro, onde os participantes possam obter relatos que permitam contextualizá-las e valorizá-las enquanto marcos na estrutura da cidade. Para tanto, seriam necessários estudos e levantamentos envolvendo estas construções, incentivos para melhorias das mesmas, além da capacitação de profissionais que possam conduzir o percurso no bairro. Neste caso, a implantação de sinalização turística e interpretativa em alguns locais também se apresenta estratégica.

4.1.3 Quanto ao Nó de Centralidade no Bairro da Esquina

- Promover a **estruturação do Nó de centralidade da Esquina a partir da integração entre os lugares do bairro** - o Lugar do seu Cruzamento Principal, o Lugar da Igreja Santa Catarina e o Lugar da Praça José Gonçalves Espíndola (Figura 60).

Figura 60 – Recomendação de estruturação do Nó de centralidade no Bairro da Esquina



Legenda	
1 Cruzamento principal da Esquina	7 Agência do Banco do Brasil
2 Antigo Hotel Andermann	8 Sede do ICMBio
3 Prédio do Antigo Bar do Ponto	9 Sede do Sesc e Prédio Residencial
4 Praça Padre José Gonçalves	10 Unidade Básica de Saúde
5 Espindola	11 Secretaria Municipal de Turismo e Centro de Atendimento ao Turista
6 Igreja Santa Catarina	
6 Largo da Igreja Santa Catarina	

Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

- Trabalhar a estruturação do Lugar do Cruzamento da Esquina enquanto principal portão de entrada da Cidade de Urubici e de acesso aos principais atrativos turísticos do município, buscando qualificá-lo para a receptividade e orientação dos turistas, e para favorecer a imagem da cidade. Considerando-se que a paisagem urbana corresponde à primeira impressão “visual” e um dos primeiros indícios de receptividade da cidade aos turistas, poderiam ser trabalhados os elementos de paisagismo e a implantação de sinalização turística no local. A forma urbana do bairro, que possibilita a partir de seu cruzamento principal vislumbrar a extensão da cidade pela Avenida Adolfo Konder, também favorece que aspectos interessantes da paisagem urbana sejam trabalhados no local;

Figura 61 - O Bairro da Esquina. Em destaque, o local onde funcionava o Hotel Andermann, o cruzamento principal do bairro; na parte superior, a Igreja Santa Catarina e o seu largo, e a Praça Padre José Gonçalves Espíndola



Fonte: Adaptado do Google Imagens⁷⁸, 2015.

- Promover a **integração do Lugar da Igreja Santa Catarina e seu pequeno largo com o Lugar da Praça Padre José Gonçalves Espíndola**, buscando configurá-los em conjunto como um espaço de lazer no Bairro da Esquina. Para tanto, seriam necessárias melhorias envolvendo a estruturação e ativação da Praça José Gonçalves Espíndola, e melhorias no seu entorno, o que inclui a Igreja Santa Catarina e seu pequeno largo. Neste último caso, poderiam ser realizadas melhorias, buscando promover seu reconhecimento na estrutura da cidade. O paisagismo poderia se configurar num elemento de integração entre estes lugares do bairro, bem como a implantação de faixa de pedestres na Avenida Adolfo Konder poderia facilitar a travessia entre os mesmos. No largo da Igreja Santa Catarina, o único termômetro instalado em local público da cidade, poderia ganhar maior evidência considerando-se a característica de Urubici de destino turístico de inverno, o que poderá em conjunto com melhorias do entorno, vir a favorecer a apropriação turística deste lugar da cidade. Afim de reforçar a integração entre estes

⁷⁸ Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/victorcarvalho/5690679521/in/photostream/>.

Acesso em: 30 jan. 2015.

lugares e o Lugar do Principal Cruzamento da Esquina, poderiam ser incentivadas e promovidas melhorias no comércio e no paisagismo ao longo do caminho (trecho da Avenida Adolfo Konder) que liga os mesmos.

Figura 62 – A Igreja Santa Catarina e seu pequeno largo, e, em frente, vista parcial da Praça Padre José Gonçalves Espíndola



Fonte: Google Imagens⁷⁹, 2015.

- Trabalhar diretrizes e incentivos para a **organização e qualificação do comércio da cidade**, uma vez que o Bairro da Esquina é a principal centralidade comercial de Urubici. Juntamente com parceiros, como a CDL de Urubici, o município precisaria trabalhar questões como os horários restritos de funcionamento do comércio, o incentivo para a diversificação da oferta, e outras dificuldades de serviços enfrentadas pelos turistas junto aos estabelecimentos. No que se refere à diversificação do comércio, além da oferta de produtos típicos do município de Urubici e região, o incentivo poderia se estender para a oferta de produtos especializados que se voltem para o contexto turístico do município, como, por exemplo, lojas de equipamentos para

⁷⁹ Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/victorcarvalho/5701563615/in/photostream/>.

Acesso em: 30 jan. 2015. Na época em que foi tirada esta foto, não havia sido ainda construído o prédio de 6 pavimentos que abrigaria o Sesc, localizado atualmente na esquina do lado da Igreja Santa Catarina.

prática de esportes de aventura e de artigos relacionados ao frio, entre outros;

- **Estruturar o Centro de Atendimento ao Turista**, o qual poderia vir a ter uma estrutura própria para atendimento aos turistas, desmembrando-o da estrutura física da Secretaria de Turismo do Município. Considerando que o local onde encontra-se atualmente é de pouca visibilidade e de estrutura precária, poderia ser estudado pelo município a construção de uma nova sede no próprio Bairro da Esquina, ou junto às instalações do antigo Ceasa (Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas) no Bairro do Traçado, o qual apresenta potencial para se tornar um espaço turístico da cidade, conforme uma das recomendações apresentadas.

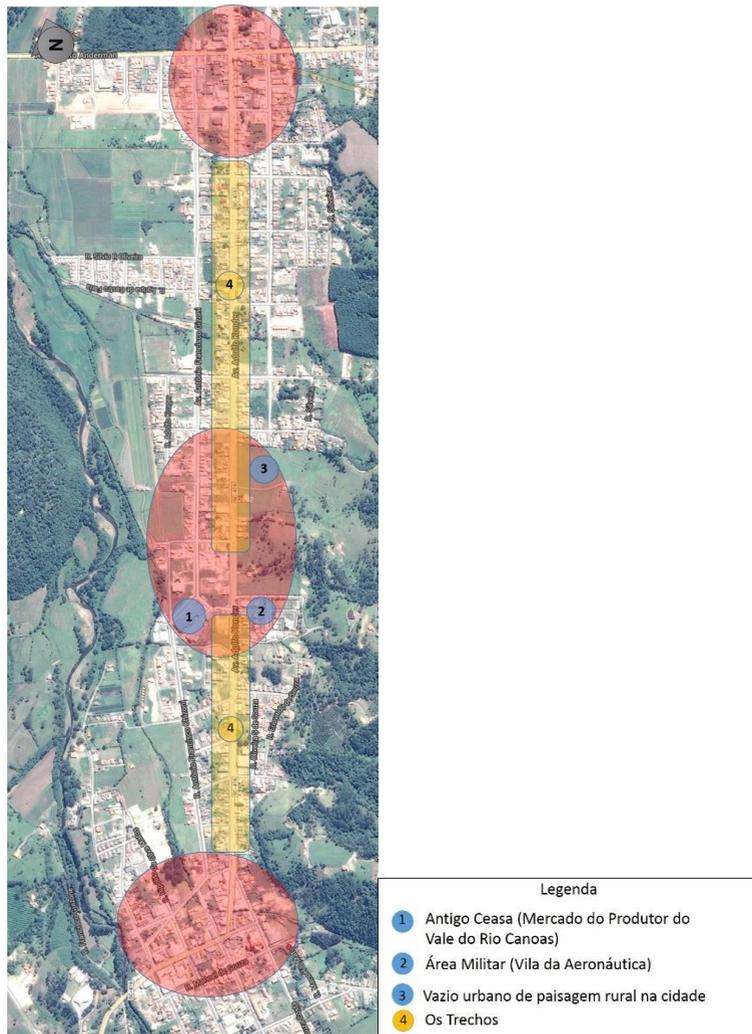
Além de melhorias estruturais, poderiam ser promovidas melhorias no que se refere à qualificação dos serviços prestados, envolvendo, por exemplo, o atendimento bilíngue, o fornecimento de material de divulgação do turismo do município, e a implantação/aprimoramento de sistema de gestão informatizado e integrado. Parcerias com o ICMBio, entidade responsável por gerenciar o Parque Nacional de São Joaquim e por fornecer a autorização para visitação do Morro da Igreja, também poderiam ser firmadas possibilitando uma melhor receptividade dos visitantes junto ao Centro de Atendimento ao Turista do município. Atualmente, o ICMBIO não se encontra em local visível e não dispõe de estrutura adequada para a receptividade e atendimento dos turistas, podendo o instituto vir a ter um espaço cedido junto à estrutura do Centro de Atendimento ao Turista para esta finalidade.

4.1.4 Quanto a um Novo Nó de Centralidade no Bairro do Traçado

- **Promover a estruturação de um novo Nó de centralidade no Bairro do Traçado**, a partir da reestruturação do antigo Ceasa (Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas) e do seu entorno. Essa nova sub-centralidade, localizada a cerca de 1,07 Km do início da Avenida Adolfo Konder no Bairro da Praça, e a 1,82 Km do cruzamento principal do Bairro da Esquina, possibilitaria a configuração de dois trechos na Avenida Adolfo Konder no Bairro do Traçado (Figura 63). A “quebra” desta longa avenida que promove a ligação entre os nós de centralidade do Bairro da Praça e da Esquina se tornaria estratégica considerando-se que a

percepção de distância exerce influência direta na apropriação dos caminhos pelos diferentes usuários.

Figura 63 – Recomendação de estruturação de novo Nó de centralidade no Bairro do Traçado



Fonte: Adaptado do Google Maps, 2015.

- Reestruturar o local do **antigo Ceasa (Mercado do Produtor do Vale do Rio Canoas)** tornando-o um espaço turístico e de uso

dos moradores. O local poderia abrigar exposições e a comercialização de produtos típicos do município e da região, possibilitando atribuir uma dimensão turística aos produtos locais, como as hortaliças, por exemplo. Neste sentido, poderiam ser promovidos e incentivados no município, cursos e oficinas que buscassem promover a agregação de valor destes produtos, como a produção de conservas, pães e bolos caseiros, artesanato, entre outros exemplos que possam vir ao encontro do interesse dos turistas e valorizar os produtos e a cultura local.

A disposição do antigo Ceasa na estrutura do Bairro do Traçado, recuado da Avenida Adolfo Konder, favorece a estruturação de um espaço público de lazer no local. Este espaço de pausa e permanência poderia contribuir tanto para a apropriação do Bairro do Traçado, como também para a paisagem urbana e a imagem da cidade. Nas proximidades do antigo Ceasa, um vazio urbano de paisagem rural também se destaca na estrutura da cidade, o qual poderia ser incentivado a se voltar para uma perspectiva turística e de lazer na cidade, oferecendo, por exemplo, passeios e aluguel de cavalos no local, e inclusive passeios de charrete na cidade. Neste caso, seriam necessárias discussões e planejamento do município em relação ao trânsito desses animais na cidade;

- Promover a **caracterização de dois trechos da Avenida Adolfo Konder** ao longo do Traçado, tornando-os mais distintos e reconhecíveis na estrutura da cidade. Neste sentido, poderiam ser trabalhados aspectos como a organização dos usos ao longo do caminho, bem como o paisagismo e a arborização em sua extensão, contribuindo para animar o seu percurso e favorecer a imagem da cidade. O caminho do Traçado, a Avenida Adolfo Konder, poderia vir a se configurar em mais do que um lugar de passagem, possibilitando aos transeuntes transitórios e permanentes, uma experiência positiva e um tempo a mais na cidade;
- Promover melhorias que tornem a **Avenida Adolfo Konder adequada para os diferentes usuários**. Enquanto caminho principal da cidade que se estende pelo Bairro do Traçado e que liga as centralidades da Praça e da Esquina, esta avenida poderia ser estruturada buscando incentivar sua apropriação pelos diferentes tipos de usuários: pedestres, ciclistas, motociclistas e automóveis. Sua forma urbana, de característica plana e reta,

favorece a realização de melhorias e sua apropriação por diferentes usuários.

O município, em conjunto com os demais órgãos competentes, poderia, portanto, incentivar esta apropriação a partir da implantação de ciclovia que possibilitasse o trânsito de ciclistas de forma mais segura, bem como, através da adequação dos passeios para os pedestres, o que inclui o atendimento às normas de acessibilidade. A arborização do caminho também se apresenta estratégica afim de proporcionar áreas de sombreamento tanto para os ciclistas quanto para os pedestres. Assim como a inserção de elementos que possam auxiliar na redução da velocidade dos veículos que transitam pelo local, como lombadas, faixas de pedestres elevadas, e até mesmo rotatórias trabalhadas em conjunto com elementos de paisagismo, as quais poderiam contribuir para o reconhecimento dos diferentes trechos da avenida. A possibilidade de disponibilizar transporte público para o trânsito na cidade também poderia ser estudada pelo município.

Figura 64 - A Avenida Adolfo Konder, no Bairro do Traçado, sendo utilizada por ciclistas e veículos



Fonte: Google Imagens⁸⁰, 2015.

⁸⁰ Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-eEm8eVL8QIY/T9klrPxnOqI/AAAAAAAAAGmQ/w_aScX8jBsI/s1600/DSC07187.JPG>. Acesso em: 30 jan. 2015.

4.1.5 Recomendações e o Plano Diretor

Em análise do Plano Diretor do município (Lei Municipal Complementar n° 1400/2009), verificamos que muitas das recomendações apresentadas vão ao encontro dos objetivos e estratégias que prevê a legislação. Essa confluência não se refere apenas à Política de Turismo, mas se estende por múltiplas abordagens do Plano Diretor como, por exemplo: a Política de Promoção e Valorização Cultural, Arqueológica, Paisagística, Cênica e Arquitetônica do município, onde são listados bens de interesse de tombamento⁸¹ do município e que são objeto das recomendações apresentadas; a Política de Sistema Viário, a qual contempla a criação de programa de urbanização de vias (pavimentação, calçadas, mobiliário urbano, implantação de ciclovias, iluminação pública e paisagismo na cidade) e a implementação do Plano de Arborização de vias públicas; a Política de Meio Ambiente, quando esta se refere ao aproveitamento de áreas verdes localizadas na área urbana para o lazer, e inclusive a recuperação de áreas de lazer nas várzeas dos rios Urubici e Riacho; e a Política da Cobertura Vegetal e Unidades de Conservação, a qual relaciona dentre suas ações estratégicas, a implementação de programa de recuperação, ampliação e manutenção de praças e áreas verdes no município.

Da mesma forma, verificamos questões transversais às recomendações propostas referidas na Política de Esporte e Lazer, quando esta contempla a ampliação de áreas de lazer no município; na Política da Educação, que aborda de forma enfática a Educação Ambiental e Turística no município; e na Política de Abastecimento Público, quando esta se refere, por exemplo, à revitalização de rede municipal de mercados públicos para venda de produtos locais, à implantação de hortas comunitárias, à comercialização direta entre produtores rurais e população, e a realização de feiras livres no município.

A Lei Municipal Complementar n° 1406/2009, que institui o Sistema Municipal de Unidades de Conservação da Natureza, Parques Urbanos e Áreas Verdes de Complemento Urbano, vem ainda complementar o rol de questões confluentes às recomendações, quando aborda especialmente os Parques Lineares e relaciona enquanto

⁸¹ Como bens de Patrimônio Arquitetônico de interesse de tombamento do município relaciona: o Prédio da Prefeitura Municipal de Urubici, a Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens, o Antigo Cinema, o Bar do Ponto e o Hotel Andermann na Esquina, e a Casa em estilo Italiano da Família Ghizzoni na Praça.

estratégicos para o município a oferta de espaços urbanizados com equipamentos sociais e de áreas verdes de complemento urbano. Verifica-se, portanto, que várias são as abordagens no Plano Diretor que vão ao encontro das recomendações apresentadas, o que nos auxilia na confirmação da pertinência das análises e percepções que pudemos levantar no município, bem como possibilita incorporar a estas recomendações o teor que implica esta legislação. No entanto, ao mesmo tempo que nos fornece o respaldo de legislação vigente, a abordagem do Plano Diretor nos permite também estender a crítica no que se refere à pouca aplicabilidade do que prevê a legislação, a qual por vezes esbarra em questões políticas e de gestão do município, na dotação orçamentária voltada ao setor, entre outras questões.

Neste sentido, cabe também ressaltarmos a importância de serem trabalhados, paralelamente às recomendações propostas, o fortalecimento da gestão pública municipal enquanto protagonista do planejamento e da organização da atividade turística em Urubici, a qualificação e a profissionalização do turismo em diversos âmbitos, bem como o fortalecimento de entidades representativas do setor, em especial o Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, possibilitando que tenha maior participação nos debates e nas decisões envolvendo o turismo no município.

Assim, esperamos com esta pesquisa contribuir para que Urubici possa vislumbrar novas perspectivas no desenvolvimento de sua atividade turística, envolvendo, neste caso, especialmente sua relação com a cidade. Pelo que verificamos, o que parece se configurar em Urubici, é uma cidade que tem se beneficiado economicamente do turismo de forma direta e indireta, principalmente através dos meios de hospedagem e equipamentos de alimentação, mas que não tem verificado um retorno desta atividade no seu sentido mais público; ou seja, naquilo que implica em melhorias envolvendo os seus espaços públicos e de centralidades, a paisagem urbana e os aspectos da imagem da cidade. Deste modo, as recomendações que aqui se apresentaram, resultado dessa imersão na Cidade de Urubici, indicam a necessidade de se integrar lugares e espaços públicos e de centralidades, buscando-se reforçar importantes nós de centralidade da cidade, e, neste conjunto estruturado, configurar maior atratividade turística e qualidade urbana para os moradores na cidade. Bem como possibilitando-se, em conjunto com o resgate dos elementos da paisagem urbana e da imagem da cidade, uma estrutura mais legível e, portanto, mais apropriável por turistas e moradores de Urubici. No entanto, tratam-se de recomendações iniciais a serem discutidas no

município, podendo emergir novas possibilidades que busquem conformar lugares de atratividade turística na cidade, favorecer a sua imagem, e proporcionar maior qualidade urbana aos moradores.

Por fim, esta pesquisa nos permitiu também vislumbrar novas perspectivas de estudos envolvendo a Arquitetura da Cidade em sua relação com o Turismo, despertando o interesse de investigar, por exemplo, como destinos turísticos de diferentes regiões do Brasil, que se destacam também enquanto destinos turísticos de inverno, vêm se desenvolvendo diante a sazonalidade do turismo, e, especialmente, o papel que tem desempenhado a Arquitetura da Cidade na estruturação e no planejamento turístico destas cidades. Outras possibilidades também se abrem em relação à continuidade de pesquisas envolvendo a Cidade de Urubici, como a realização de estudo envolvendo a elaboração de um plano visual da cidade, voltado também para uma perspectiva turística. Podemos concluir que, adentrar na área da Arquitetura da Cidade nos permitiu uma nova leitura da Cidade de Urubici, a qual revelou ser mais do que complementar - essencial - a compreensão dos elementos da Arquitetura da Cidade e suas inter-relações no planejamento turístico das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSARAH, M. G. dos R. *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura, 1999.
- APPLEYARD, D., LYNCH, K., MYER, J. R. *The View from the Road*. Cambridge MA: MIT Press, 1964.
- ARANTES, A. A. A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência. In: Antonio Arantes, *Paisagens paulistanas*. Transformações do espaço público. Campinas: editora da Unicamp, 2000.
- ARANTES, A. A. O Patrimônio Cultural e seus usos: a dimensão urbana. In: *Habitus*. Goiânia, v. 4, n.1, p.425-435, jan./ jun.2006.
- ASSEN DE OLIVEIRA, L. Caminhos da centralidade na cidade contemporânea, um jogo de escalas. In: ASSEN DE OLIVEIRA, L; DO AMARAL E SILVA, G. P.; ROSSETTO, A. M. (Orgs.) *Arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas*. Itajaí: Univali, 2011. (p. 21-46)
- AUGÉ, M. *Não-Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BARRETTO, M. *Turismo e legado cultural*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- BARRETTO, M. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Turismo).
- _____. *Planejamento e organização em turismo*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- BASTEZINI, D. A. *Sistematização de dados turísticos para geração de informações que subsidiem o planejamento da atividade inserida no desenvolvimento de Urubici*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, 2011.

BOULLÓN, R. C. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. *Segmentação do Turismo*. Marcos Conceituais. Brasília, DF, [entre 2003 e 2006].

_____. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. *Segmentação do turismo e o mercado*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo: uma Viagem de Inclusão*. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

_____. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2013-2016*. O Turismo fazendo muito mais pelo Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2013.

_____. *Lei Federal n.º 11.771/08, de 17 de setembro de 2008*. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei no 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei nº 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/legislacao/legislacao_geral/11771_lei.html>. Acesso em 16 out. 2012.

_____. *Decreto Federal n.º 7.381, de 2 de dezembro de 2010*. Regulamenta a Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/legislacao/legislacao_geral/D7381.html>. Acesso em 16 out. 2012.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001*. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm>.
Acesso em: 25 de nov. de 2014.

_____. Senado Federal. Secretaria Especial de Informática. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/con1988.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2014.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DA SILVA, A. G. C. Make Up Urbanism: the gap between promise and a performance of Florianópolis (Brazil). *Dissertation zur Erlangung des akademischen Grades Doktor-Ingenieur (Dr.-Ing.) na der Fakultät Architektur der Bauhaus-Universität Weimar*, 2010.

DA SILVA, K. de O. *Canais de distribuição de micro e pequenos meios de hospedagem no destino periférico Urubici/SC*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú, 2014.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. *Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições*. Campinas: Editora Alínea, 2002.

DENCKER, A. F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo*. São Paulo: Futura, 1998.

DO AMARAL E SILVA, G. P. Acerca da estrutura e centralidade na cidade contemporânea. In: ASSEN DE OLIVEIRA, L.; DO AMARAL E SILVA, G. P.; ROSSETTO, A. M. (Orgs.). *Arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas*. Itajaí: Univali, 2011. (p. 99-118)

DO AMARAL E SILVA, G. P. Abordagem perceptiva e tipomorfológica no ensino de projeto. In: *Actas Seminario Internacional y Workshop Hipotesis de Paisaje*, Córdoba, 2001.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

EPPINGHAUS, A. G. *Influência do projeto no processo de apropriação dos espaços públicos em áreas residenciais: o caso da Barra da Tijuca*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.fau.ufrj.br/prologar/dissert_a_eppinghaus.htm>. Acesso em: 02 jun. 2011.

FECOMÉRCIO SC. *Pesquisa Fecomércio Turismo de Inverno 2012*. Disponível em: < http://www.fecomercio-sc.com.br/produtos-servicos/pesquisas_turismo.html>. Acesso em 15 de nov. 2012.

FERNANDES *et al.* A paisagem urbana e a formação da imagem turística da cidade de Curitiba: a percepção de visitantes. In: *Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*. Turismo e Paisagem: relação complexa. Universidade de Caxias do Sul, 16 e 17 de novembro de 2012. Disponível em: <http://http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semintur_7/gt13/arquivos/13/04_10_18_Fernandes_Souza_Tonon_Gandara>. Acesso em: 18 out 2013.

FERRARA, L. A. Os lugares improváveis. In: Yázigí, E. (Org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002 (Turismo Contexto). (p. 65-82)

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, L. da S. *Revista da ANPEGE*, v. 7, n. 7, p. 49-59, jan./jul. 2011. Disponível em: < <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/112/RA7f>>. Acesso em: 21 out. 2012.

GÂNDARA, J. M. G. A imagem dos destinos turísticos urbanos. In: *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*. Número Especial – 2008. V

Semana de Turismo ECA-SP. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismo> cultural. Acesso em: 19 out. 2013.

HASSENPFUG, D. Sobre centralidade urbana. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 085.00, *Vitruvius*, jun. 2007. Tradução de Adriana Gondran Carvalho da Silva. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/235>. Acesso em: 26 set. 2014.

ISHIDA, A. *et al. Memórias, ausências e presenças do art-deco em Lages*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

ISRAEL, J. C. *Aspectos da organização agrária e da produção familiar no município de Urubici: O caso das hortaliças*. Dissertação de mestrado submetida ao curso de mestrado em geografia, área de concentração: desenvolvimento regional e urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia. Florianópolis, 1991.

KOHLSDORF, M. E. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

LANCI DA SILVA, M. G. A imagem da cidade turística: promoção de paisagens e de identidades culturais, São Paulo, ano 05, n. 053.11, *Vitruvius*, out. 2004, *Arquitextos*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/543>. Acesso em: 18 dez. 2013.

LEITE, R. P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol.17, n. 49.

LEFEBVRE, H. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. (p.107-121)

LODGE, David. *Paradise News*. Penguin Books: England, 1992.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades)

MARX, M. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: Editor da Universidade de São Paulo, 1991. (Coleção cidade aberta)

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In: Yázigi, E. (Org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002 (Turismo Contexto). (p. 29-64)

MORAES, C. C. de A. Turismo – segmentação de mercado: um estudo introdutório. In: ANSARAH, M. G. (Org.). *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura, 1999. (p. 13-32)

MOTTA L. A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo global. In: Antonio A. Arantes (Org.), *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papirus, 2000, 256-288.

NORBERG-SCHULZ, C. O Fenômeno do lugar. In: NESBITT, K. (Org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

OLIVEIRA, A, P. *Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, V. *Urubici Prosas e Versos*. Out., 2009.

PANERAI, P. O retorno à cidade: o espaço público como desafio do projeto urbano. In: *Projeto*, n.173, São Paulo, abr. 1994. (p. 78-82)

PANERAI, P. A prática do urbanismo. In: *Revista de Urbanismo e Arquitetura*. Vol. 4, n. 1, Salvador, jul.- dez.1996.

PESAVENTO, S. J. Dossiê História, Memória e Centralidade Urbana. *Revista Mosaico*, vol. 1, n. 1, jan./jun., 2008. (p.3-12).

PIAZZA, W. F. *As grutas de São Joaquim e Urubici* (notas de pesquisa). Universidade Federal de Santa Catarina. Instituto e Antropologia. Série Arqueologia 1, 1966.

RODRIGUES, J. G. *Urubici e sua história*, 1978 – 1981. [s.l]: [s.n.], [19-]. MEDIGRAF: Lages.

ROLNIK, R. *10 Anos do Estatuto da Cidade: Das Lutas pela Reforma Urbana às Cidades da Copa do Mundo*. Disponível em: <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/07/10-anos-do-estatuto-da-cidade.pdf>>. Acesso em: 26 de nov. 2014.

ROLNIK, R. Estatuto da Cidade: Instrumento para as cidades que sonham crescer com justiça e beleza. In: SAULE JÚNIOR, N.; ROLNIK, R. *Estatuto da Cidade: novos horizontes para a reforma urbana*. São Paulo, Pólis, 2001. (Cadernos Pólis, 4). Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/833/833.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2014.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1988. (Coleção primeiros 203 passos)

ROSSETTO, A. M. Políticas Públicas na estruturação da cidade: a construção de centralidades territoriais. In: ASSEN DE OLIVEIRA, L, DO AMARAL E SILVA, G. P., ROSSETTO, A. M. (Orgs.). *Arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas*. Itajaí: Univali, 2011. (p. 251-259)

ROSSI, A. *A Arquitetura da cidade*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Coleção a)

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, nº 19, p. 93-111, 2006. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/geosp/Geosp19/Artigo_Sobarzo.pdf>. Acesso em 09 abr 2011.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. SANTUR - Santa Catarina Turismo S/A. Diretoria de Planejamento e Desenvolvimento Turístico. Programa de Promoção do Turismo Catarinense. Estudos e Pesquisas de Turismo - *Estudo da Demanda Turística - Alta Estação 2012*. Município de Urubici. Sinopse 2012 janeiro/fevereiro/março.

_____. *Estudo da Demanda Turística Alta Estação 2013*. Município de Urubici. Sinopse 2013 janeiro/fevereiro.

_____. *Estudo da Demanda Turística Alta Estação 2014*. Município de Urubici. Sinopse 2014 fevereiro/março.

SOUZA, C. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 20-45, jul/dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2012.

VILLAÇA, F. *Estatuto da Cidade: Para que serve?* Disponível em: <<http://raquelrolnik.wordpress.com/2012/10/26/estatuto-da-cidade-para-que-serve/>>. Acesso em: 26 de nov. 2014.

YÁZIGI, E. A importância da paisagem. In: Yázigi, E. (Org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002 (Turismo Contexto). (p. 11-27)

Yázigi, E. (Org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002 (Turismo Contexto).

APÊNDICE A – LISTA DE ENTREVISTADOS

Eloi Tadeu Costa - Vice-Prefeito de Urubici

Paulo Cesar Nunes - Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Turismo

Sérgio José de Lima - Assessor de Imprensa da Prefeitura e Representante da Instância de Governança da Região Turística da Serra Catarinense

Patrícia de Souza Rodrigues – Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto

Marcos Mulbach - Presidente do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR

Mariana Messinger - Presidente da Associação de Pousadas e Hotéis de Urubici – POUSERRA

Julieta Alice Burratto – Professora e escritora de livro sobre Urubici

Valdir Willemann Oliveira – Professor e escritor de livros sobre Urubici

Luís Gonzaga B. de Souza – Historiador e funcionário da Secretaria de Turismo do Município

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS**1 – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TURISTAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO, HISTÓRIA
E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU CIDADE

1. Nome: _____ 2. Sexo: _____ 3. Idade: _____

4. Cidade/Estado onde reside: _____ 5. Ocupação profissional: _____

6. Tel: _____ 7. E-mail: _____

8. É a primeira vez que você visita Urubici? () Sim () Não

9. Se não é a primeira vez, quantas vezes já esteve em Urubici? _____

10. Qual o principal motivo de você vir visitar Urubici?

11. Há quanto tempo você está em Urubici? _____

12. E quanto tempo você irá ficar no município? _____

13. Onde você encontra-se hospedado? _____

14. Você está viajando só ou acompanhado? _____

15. Acompanhado, de quem? _____

16. O que você está achando do turismo em Urubici? O município está correspondendo às suas expectativas enquanto turista? Por quê?

17. Você visitou a Cidade de Urubici? () Sim () Não

18. O que você fez ou visitou na cidade? Onde?

19. O que você achou da Cidade de Urubici? O que ela tem de atrativo?

20. Qual o lugar que você mais gostou e/ou chamou-lhe a atenção na cidade? Por quê?

21. Alguma construção lhe chamou atenção na cidade? Por quê?

22. O que você acha da paisagem da Cidade de Urubici? Por quê?

23. O que você mais sentiu falta ou gostaria que tivesse na cidade de Urubici?

24. O que poderia tornar a Cidade de Urubici mais atrativa para o turismo?

25. Se a Cidade de Urubici fosse mais atrativa você ficaria por mais tempo no município?

() Sim () Não Complementações: _____

26. Você já participou de algum evento no município? Qual (is)?

27. O que você gostaria que tivesse na programação de eventos/atividades do município?

28. Quando você pensa na Cidade de Urubici, qual a primeira imagem que lhe vem à mente? Por quê?

29. Você poderia desenhar a Cidade de Urubici?

30. Considerando uma situação hipotética: Um amigo que não conhece Urubici veio lhe encontrar. Você poderia desenhar como ele deve fazer para lhe encontrar?

2 – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO, HISTÓRIA
E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU CIDADE

1. Nome: _____ 2. Sexo: _____ 3. Idade: _____

4. Ocupação profissional: _____ 5. Tel: _____ 6. E-mail: _____

7. Há quanto mora em Urubici? __ 8. Em que bairro você mora? ____

9. O que você acha do turismo em Urubici? Por quê?

10. Por que você acha que as pessoas vêm visitar Urubici?

11. O que você considera típico/característico de Urubici?

12. O que você gostaria que tivesse na programação de eventos/atividades do município?

13. Com que frequência você costuma vir ou ir à Cidade de Urubici?

14. E o que você geralmente costuma fazer na cidade? Onde?

15. O que você acha da Cidade de Urubici? O que ela tem de atrativo?

16. Qual lugar você mais gosta e/ou chama-lhe a atenção na cidade?
Por quê?

17. Quais as construções que mais lhe chamam a atenção na cidade?
Por quê?

18. O que você acha da paisagem da cidade de Urubici? Por quê?

19. O que a cidade oferece para o lazer dos moradores? Onde você costuma se encontrar com os amigos nas horas de lazer? O que vocês geralmente fazem? (Diferentes períodos do dia)

20. O que você mais sente falta ou gostaria que tivesse na Cidade de Urubici?

21. O que poderia tornar a Cidade de Urubici mais atrativa para o turismo?

22. É mais agradável para os moradores?

23. Quando você pensa na Cidade de Urubici, qual a primeira imagem que lhe vem à mente? Por quê?

24. Você poderia desenhar a Cidade de Urubici?

25. Considerando uma situação hipotética: Um amigo que não conhece Urubici veio lhe encontrar. Você poderia desenhar como ele deve fazer para lhe encontrar?

APÊNDICE C – POLÍTICAS PÚBLICAS

1. POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO

As políticas públicas correspondem ao conjunto das decisões e ações desencadeadas pelos governos com a finalidade de atender a sociedade nos seus diversos setores e âmbitos, trata-se de um processo que envolve vários atores e graus de decisão podendo contar, além do poder público, com parcerias da iniciativa privada e de organizações não governamentais. Às esferas do governo cabe a incumbência de propor ações orientativas, estratégicas e preventivas por meio de políticas públicas no atendimento dos anseios da sociedade, embasadas em decisões conjuntas, sem que haja a prerrogativa hierárquica de interesses de atores ou grupos específicos.

Souza, especialista em política pública no Brasil, realiza uma revisão da literatura sobre o tema, nos apresenta diversas definições, e conclui que,

Pode-se, então, resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (SOUZA, 2006, p. 26).

Conforme argumenta Barretto, o papel das políticas públicas no turismo,

[...] é de propiciar o desenvolvimento harmônico da atividade, cabendo ao Estado construir a infraestrutura de acesso e a básica urbana e prover de superestruturas jurídicas (como secretarias ou semelhantes), com o papel de planejar e controlar os investimentos do estado, para que retornem como benefícios a sociedade (BARRETTO, 2003).

Assim, entendemos que é através das políticas públicas que podemos orientar o planejamento sobre um foco comum, buscando-se conciliar os interesses múltiplos para a construção de uma proposta de bem coletivo; neste sentido, o crescimento do turismo e os impactos gerados pela atividade têm exigido cada vez mais a formulação de políticas públicas que venham pautar o seu desenvolvimento, ressaltando-

se a necessidade de que as políticas públicas sejam de fato implantadas e continuadas, e que abarquem uma visão holística considerando-se a transversalidade do turismo com outros setores.

No âmbito nacional, a criação do Ministério do Turismo no ano de 2003 colocou em evidência a importância da atividade na conjuntura do país, e permitiu avanços na perspectiva de consolidar o turismo como uma atividade agregadora e integrada a um modelo de desenvolvimento sustentável. A Lei Geral do Turismo (Lei Federal nº 11.771⁸², de 17 de setembro de 2008) constituiu-se no instrumento que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, definindo as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico, disciplinando também sobre a prestação de serviços turísticos. A legislação federal, além de dispor sobre o Plano Nacional de Turismo - PNT, instituiu o Sistema Nacional de Turismo formado pelo: Ministério do Turismo, Instituto Brasileiro de Turismo – EMBATUR, Conselho Nacional de Turismo, e Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo, podendo ainda integrá-lo, os fóruns, conselhos e órgãos estaduais de turismo, bem como, as instâncias de governança macrorregionais, regionais e municipais.

Segundo nos apresenta Souza, depois de desenhadas e formuladas as políticas públicas, estas se desdobram em “planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas”, implicando, em sua elaboração, processos subsequentes envolvendo sua execução, e sistemas de acompanhamento e avaliação (2006, p. 26). Neste sentido, mais recentemente, foi lançado pelo Ministério do Turismo o Plano Nacional de Turismo 2013-2016, intitulado “O turismo fazendo muito mais pelo Brasil”, cujo documento apresenta as orientações estratégicas para o desenvolvimento da atividade no Brasil, tendo como visão de futuro transformar o Brasil no terceiro maior PIB turístico do mundo até 2022, o que exigirá um crescimento médio anual médio de mais de 8% da atividade no país. O PNT 2013-2016 tem como insumo básico o documento referencial “Turismo no Brasil 2011-2014, e tem como uma de suas principais diretrizes, a Regionalização do Turismo, a qual desde 2004 vem se apresentando como uma política estruturante do Ministério do Turismo, constituindo-se referencial da base territorial do Plano Nacional de Turismo.

A Regionalização do Turismo é vista como

⁸² Revoga a Lei nº 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei nº 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências.

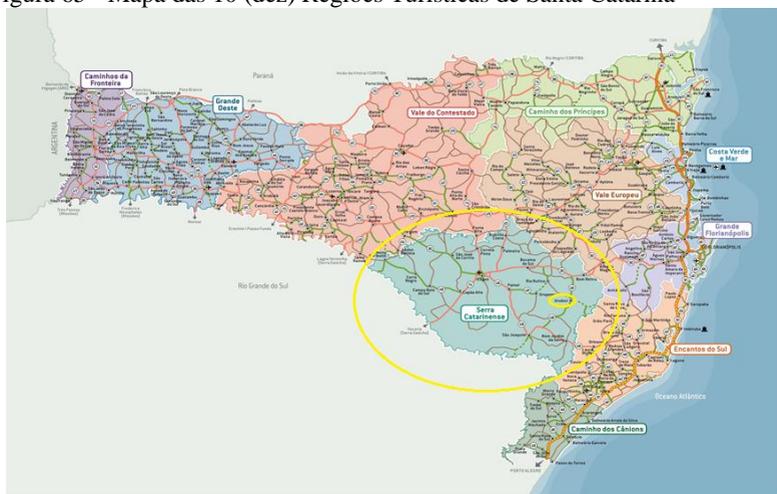
[...] um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada, com base nos princípios da flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e na sinergia de decisões, como estratégia orientadora dos demais macroprogramas, programas e ações do PNT (BRASIL, 2013).

Com o processo de regionalização do turismo, os estados foram divididos em regiões turísticas com o propósito de se promover a estruturação, o ordenamento e diversificação da oferta turística no país, bem como, de estimular a atividade para que se estendesse por outras regiões do Brasil, sendo que cada região turística conta com uma estrutura de gestão regional, as instâncias de governança regional⁸³, assim definidas pelo MTur. Em Santa Catarina, a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte - SOL⁸⁴, vem trabalhando suas políticas públicas alinhadas ao modelo de gestão descentralizada instituído pelo MTur. Assim, em 2009 foi configurado o mapa turístico do Estado, dividido em 10 (dez) regiões turísticas: Caminho dos Príncipes, Costa Verde e Mar, Grande Florianópolis, Encantos do Sul, Caminho dos Cânions, Vale Europeu, Vale do Contestado, Grande Oeste, Caminhos da Fronteira e Serra Catarinense, onde encontra-se o localizado o município de Urubici (Figura 65).

⁸³ Organizações “[...] com participação do poder público e dos atores privados dos municípios componentes das regiões turísticas, com o papel de coordenar o Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil em âmbito regional”, e que poderão ser configuradas como fóruns, conselhos, associações, consórcios, comitês, entre outros (BRASIL, 2013).

⁸⁴ Quando da sua criação, no ano de 2003, correspondia à Secretaria da Organização do Lazer - SOL, sigla que perdurou mesmo com a mudança para Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte.

Figura 65 - Mapa das 10 (dez) Regiões Turísticas de Santa Catarina



Fonte: Santur (2012).

O recorte em regiões turísticas partiu de critérios como afinidades geográficas, territoriais, características culturais, sociais, entre outras, e durante esse processo de regionalização formaram-se também as respectivas Instâncias de Governança Regionais, as quais participaram posteriormente da elaboração dos Planos de Desenvolvimento Regional do Turismo do Estado de Santa Catarina 2010/2020⁸⁵. No final do ano de 2013, como parte da Política Nacional de Turismo, o mapa de regionalização do turismo foi revisado em todas as Unidades da Federação, resultando em Santa Catarina um novo recorte com 132 municípios. Ainda como parte integrante do Programa de Regionalização do Turismo do MTur, cabe citarmos os 65 Destinos Turísticos Indutores⁸⁶, os quais são considerados indutores no processo de desenvolvimento de suas respectivas regiões por possuírem infraestrutura básica e turística e atrativos qualificados, e cuja estruturação consistiram numa das metas do “Plano Nacional de Turismo 2007/2010 - Uma viagem de inclusão”. No estado de Santa Catarina estes destinos indutores são

⁸⁵ Antecedeu este documento, o Plano de Desenvolvimento Integrado do Lazer elaborado em 2004, o qual abrangia as três áreas, Turismo, Cultura e Esporte.

⁸⁶ Os destinos foram priorizados a partir da avaliação de diversos estudos e pesquisas realizados como o Plano de Marketing Turístico Internacional — Plano Aquarela (2003-2006; 2007-2010), o Plano de Marketing Turístico Nacional — Plano Cores do Brasil (2005), e outros estudos envolvendo as potencialidades desses destinos realizados pelo MTur.

representados pelos municípios de Florianópolis, Balneário Camboriú e São Joaquim, este último motivado principalmente pela questão estratégica enquanto destino turístico de inverno no Estado.

No âmbito estadual, a política de turismo tem seu embasamento no Plano Estadual da Cultura, do Turismo e do Desporto do Estado de Santa Catarina - PDIL, instituído pela Lei Estadual nº 13.792, de 18 de julho de 2006, a qual estabelece políticas, diretrizes e programas para as áreas da cultura, do esporte e do turismo do estado. A referida lei encontra-se regulamentada pelo Decreto Estadual nº 2.080, de 03 de fevereiro de 2009, no qual desdobram-se os subprogramas e as classificações dos projetos a serem submetidos ao apoio financeiro do Sistema Estadual de Incentivo à Cultura, ao Turismo e ao Esporte – SEITEC, divididos, no caso do Programa de Desenvolvimento do Turismo, em 8 (oito) subprogramas: Informações e Estudos Turísticos; Elaboração de Pesquisas Mercadológicas e Estudos de Mercado; Estruturação de Atrativos e Espaços Turísticos; Sustentabilidade de Destinações Turísticas; Regionalização do Turismo; Sensibilização e Conscientização Turística; Capacitação de Recursos Humanos para o Turismo e de Qualificação dos Serviços Turísticos; e Apoio à Promoção e Comercialização do Produto Turístico Catarinense.

O SEITEC corresponde ao sistema de incentivo do governo do estado de Santa Catarina para as áreas de turismo, cultura e esporte, instituído pela Lei nº 13.336, de 08 de março de 2005, e regulamentado pelo Decreto nº 1.309, de 13 de dezembro de 2012 e suas alterações, tratando-se, portanto, do instrumento e dos mecanismos de fomento do estado para as respectivas áreas através de seus fundos - Funturismo, Funcultural e Fundesporte. Em conjunto com a SOL, compõe a estrutura de gestão descentralizada do turismo do Estado, o Conselho Estadual do Turismo, órgão colegiado de caráter consultivo e deliberativo formado por representantes do *trade* turístico e representantes indicados pelo Governador do Estado. No que se refere à promoção e divulgação do turismo do Estado, este é realizado pela Santa Catarina Turismo S/A – SANTUR, empresa mista vinculada à Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, responsável pela elaboração de material promocional, ações de divulgação e de fornecimento de informações turísticas, participação em feiras e eventos do setor, pelo Plano de Marketing do Turismo do Estado, entre outras atividades.

Seja no âmbito federal, estadual ou municipal, são muitos ainda os desafios que assolam a consolidação e efetivação das políticas públicas do turismo. Segundo Becker (1996 *apud* FERREIRA, 2011, p. 50), “[...] o turismo no Brasil é especializado por dois padrões de desenvolvimento:

o padrão desenvolvimentista, no sentido de crescimento a qualquer preço, rápido, desenfreado, e também uma tentativa de se ordenar e disciplinar o uso do território”. A existência de uma política pública nacional de turismo é imprescindível como subsídio às outras esferas enquanto instrumento norteador e balizador de atuação da atividade nos âmbitos nacional, estadual e municipal, cabendo à União,

[...] regular a competição entre os estados; estabelecer as regras do jogo; disciplinar o uso do solo; controlar as parcerias estabelecendo limites e estímulos para a prevenção de problemas territoriais genuinamente oriundos da atividade turística, como a fragmentação do território, desigualdades socioespaciais, especulação do setor imobiliário e demais formas de diferenciação espacial (BECKER, 1996, *apud* FERREIRA, 2011, p. 50).

Para Ferreira (2011, p. 49), “As políticas públicas de turismo vêm ocupando, paulatinamente, espaços no âmbito do planejamento e da gestão pública no Brasil em suas diferentes escalas”. Contudo, coloca a autora em discussão a questão das diretrizes nacionais frente às fragilidades locais afirmando que, embora o turismo seja importante para a economia do país, “[...] ainda carece de políticas e planos locais sistematizados, tanto para o planejamento quanto para o ordenamento territorial da atividade” (FERREIRA, 2011, p. 49).

Neste sentido, ressaltamos a importância da atuação do órgão estadual de turismo enquanto intermediador no alinhamento e nos desdobramentos das políticas públicas nacionais junto às regiões e municípios, processo este que envolve substancialmente serem considerados os diferentes níveis de desenvolvimento do turismo existentes, de modo que mesmo frente às especificidades e limitações que poderão ser encontradas, não haja um descompasso no entendimento das políticas nacionais e no provimento de uma atividade de qualidade seja no âmbito nacional, estadual ou municipal. Tanto o desenvolvimento quanto a efetivação de uma política pública depende de um esforço coletivo e conjunto, e ainda que haja morosidade do setor público, presença de interesses políticos, insuficiência de legislação adequada, ou ainda fragilidades institucionais que implicam na falta de continuidade das ações e de instrumentos de gestão efetivos; é preciso caminhar para que essa coletividade se fortaleça e que os desafios que assolam o turismo sejam superados em prol de um desenvolvimento sustentável da atividade.

2. POLÍTICA URBANA

A Política Urbana no Brasil tem seu embasamento na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a qual dispõe nos Arts. 182 e 183, Título VII, Capítulo II, sobre a Política Urbana. Segundo define a Constituição Federal, o objetivo da política de desenvolvimento urbano, executado pelo poder público municipal, consiste em ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes, sendo o Plano Diretor definido como o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana. Após treze anos da publicação da Constituição Federal, a Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade, veio regulamentar os Arts. 182 e 183, estabelecendo as diretrizes gerais da política urbana e dando outras providências afim de regular o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança, do bem estar dos cidadãos e do equilíbrio ambiental.

O Estatuto da Cidade vem tratar da questão urbana e inseri-la na pauta de discussão da política nacional, configurando nova regulamentação para o uso do solo urbano. Além das diretrizes gerais da Política Urbana, o Estatuto estabelece os instrumentos para sua implementação, dando-se ênfase especialmente ao Plano Diretor e à gestão democrática da cidade, sendo, neste último caso, o planejamento participativo umas das tônicas dessa nova política. Em 2003, a criação do Ministério das Cidades⁸⁷ veio confirmar essa nova agenda da política nacional, e passa a ser o órgão norteador na definição da política nacional de desenvolvimento urbano, incumbido, entre outras competências, de auxiliar os estados e municípios na implementação do que rege o Estatuto da Cidade.

No entanto, embora considerado um avanço na política urbana brasileira, o Estatuto da Cidade traz consigo algumas questões discutíveis, e se torna alvo também de críticas de estudiosos da área. Para Villaça (2012), em artigo que discute a finalidade do Estatuto da Cidade, esta é uma lei que mais dificulta do que facilita. Segundo argumenta o autor, o desdobramento que consiste o Estatuto da Cidade aumenta o risco do mesmo ser incompleto, consistindo num detalhamento falso desnecessário, no qual sequer, ressalta o autor, buscou-se definir a propriedade urbana. Villaça parte de uma crítica geral à legislação brasileira, considerando-a marcada pela produção de leis desnecessárias,

⁸⁷ O Ministério das Cidades foi instituído em 1º de janeiro de 2003, através da Medida Provisória nº 103, depois convertida na Lei nº 10.683, de 28 de maio do mesmo ano.

de cumprimento facultativo ou impossível, e argumenta que, assim como muitas leis no Brasil, o Estatuto da Cidade veio “de cima para baixo”, ou seja “[...] da razão pura para a prática social, do pensamento para a sociedade” (VILLAÇA, 2012). Para o autor, grande parte do que essa legislação prevê veio para dirimir dúvidas hipotéticas ou polêmicas advindas da razão abstrata e não da prática social de fato, uma vez que existem poucas experiências no Brasil sobre temas que a legislação aborda, como o direito de preempção, a outorga onerosa do direito de construir, operações urbanas, entre outros; além da existência de inúmeros dispositivos do Estatuto sem sanções penais, o que contribui também para desmoralizar a referida lei.

Rolnik, em artigo que trata dos 10 anos do Estatuto da Cidade (2013), também nos apresenta questões reflexivas acerca deste tema, considerado o marco regulatório da política urbana no Brasil. A autora parte da hipótese de que todo o processo - incluindo a formulação, aprovação, aplicação e interpretação do Estatuto da Cidade, tem sido uma história de disputa entre projetos distintos de Reforma Urbana no país. Dentre suas contribuições, destacamos, em especial, a crítica que lança em relação aos Planos Diretores; segundo apresenta a autora, embora tenha ocorrido o aumento significativo no número de municípios com planos diretores, pesquisas apontam que a aplicação destes mesmos instrumentos ou a sua articulação com o território e com estratégias de desenvolvimento urbano tem se mostrado muito deficiente.

Neste contexto, é recorrente nos deparamos com Planos Diretores que contemplam generalidades, sem que haja o embasamento e o cruzamento com questões pertinentes à realidade local dos municípios, que resultam da reprodução de Planos Diretores de outros municípios, ou que não incorporam legislações existentes, previsão de sanções, e que se dão de forma desvinculada do orçamento municipal, entre outras questões. Fato este que vem também refletir na falta de apropriação e de efetividade deste importante instrumento de gestão municipal que, por vezes, desde sua concepção já nasce fadado à sua inaplicabilidade. Ou seja, se verifica a generalizada incorporação dos instrumentos previstos no Estatuto da Cidade nos Plano Diretores pelos municípios; no entanto, como argumentado, "Muitos planos apenas transcreveram os trechos do Estatuto, outros incorporaram os instrumentos sem avaliar sua pertinência em relação ao território e à capacidade de gestão do município, outros, ainda, incorporaram alguns fragmentos de conceitos e ideias do Estatuto de modo desarticulado com o próprio plano urbanístico [...]" (SANTOS JUNIOR; MONTANDON, 2011. pg. 31-34 *apud* ROLNIK), sendo,

portanto, frequente uma generalizada inadequação da regulamentação dos instrumentos e a efetividade dos mesmos nos Planos Diretores.

Conforme expressa o § 2º, do Art. 182 da Constituição Federal, chancelado pelo Art. 39 do Estatuto da Cidade,

A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, respeitadas as diretrizes previstas no art. 2º desta Lei (BRASIL, 2001).

E torna, de acordo com o Art. 41 da referida lei, o plano diretor obrigatório para cidades,

I – com mais de vinte mil habitantes; II – integrantes de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas; III – onde o Poder Público municipal pretenda utilizar os instrumentos previstos no § 4º do art. 182 da Constituição Federal; IV – integrantes de áreas de especial interesse turístico; V – inseridas na área de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental de âmbito regional ou nacional. VI - incluídas no cadastro nacional de Municípios com áreas suscetíveis à ocorrência de deslizamentos de grande impacto, inundações bruscas ou processos geológicos ou hidrológicos correlatos (BRASIL, 2001).

Neste contexto, Urubici enquanto cidade integrante de áreas de especial interesse turístico, instituiu a partir da Lei Municipal nº14.000, de 23 dezembro de 2009, o seu Plano Diretor estabelecendo objetivos, instrumentos e ações estratégicas e outras providências para ações de planejamento sustentável no município. No entanto, embora se configure em documento norteador do desenvolvimento e expansão urbana do município, se verifica em sua análise que vários pontos apresentados na legislação não são, ou são pouco, aplicados na prática no município, corroborando a crítica apresentada anteriormente por Rolnik (2013) no que se refere aos modelos de Planos Diretores reproduzidos no Brasil. De modo que Urubici não foge à regra da realidade de muitos Planos Diretores dos municípios brasileiros, que tratam-se de instrumentos que na busca por serem “completos” – uma vez que trazem questões genéricas e muitas vezes complexas dada a realidade local - acabam por serem incompletos, e já nascem assim fadados ao insucesso, sem que haja o

cumprimento de suas previsões; argumento este que corrobora a crítica apontada por Villaça no que se refere à incompletude do Estatuto da Cidade.

No entanto, embora possam existir críticas em relação à aplicabilidade do que prevê o Estatuto da Cidade o que inclui, neste caso, o instrumento do Plano Diretor, é preciso reconhecê-lo como marco legal da política urbana e um avanço no que se refere à redefinição da função social da cidade e da propriedade urbana, instaurando uma nova forma de planejamento e de gestão urbana para os municípios. Conforme pontua Rolnik,

O Estatuto abre uma nova possibilidade de prática, apresentando uma nova concepção de planejamento urbano, mas depende fundamentalmente do uso que dele fizerem as cidades. Boa parte dos instrumentos sobretudo os urbanísticos depende dos Planos Diretores; outros de legislação municipal específica que aplique o dispositivo na cidade (ROLNIK, 2001, p. 9).

Assim, o Estatuto da Cidade vem instaurar uma nova perspectiva no que tange o planejamento das cidades, implicando novos compromissos à gestão municipal e maior controle social por parte da população, que passa também a ter possibilidade de maior participação em processos decisórios envolvendo os espaços da cidade. Cabendo a ambos, a apropriação desses novos instrumentos que passaram a vigorar no planejamento das cidades, e à gestão municipal, especialmente, no que se refere à definição e à aplicação de legislações complementares às lacunas que a referida lei apresenta; configurando-se o Estatuto da Cidade e o instrumento do Plano Diretor, enquanto marcos na definição de uma política urbana em prol do interesse público e da coletividade no desenvolvimento das cidades.

ANEXO A – PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DO MUNICÍPIO

Cachoeira do Avencal - Localizada no Morro do Avencal em uma propriedade privada, a 8 Km da cidade, a Cachoeira do Avencal possui aproximadamente 100 metros de queda livre, e é procurada principalmente por praticantes de *rapel*. O seu nome deriva da avenca, vegetação típica da região. O acesso pode ser feito pela parte superior e inferior da cascata, sendo cobrada uma taxa de visitação no local. No local existe espaço de recepção, com banheiro e ponto de venda de produtos, estrutura de mirante e uma tirolesa, a qual, no entanto, não se encontra certificada pelas normas exigidas.

Cascata Vêu de Noiva - Localizada no caminho do Morro da Igreja, a 18 Km do centro da cidade, a Cascata Vêu de Noiva é um dos principais atrativos do município. A cascata possui 62 metros de queda, onde a água desliza por grandes rochedos, encontra-se numa propriedade particular, sendo cobrada taxa para visitação. No local também são oferecidos serviços de alimentação e de hospedagem.

Caverna Rio dos Bugres - Localizada no povoado de Rio dos Bugres, em uma propriedade particular a 11 km do centro da cidade, o local é caracterizado por túneis interligados que teriam sido habitações dos indígenas primitivas.

Cachoeira Rio dos Bugres - Localizada nos contrafortes da Serra Geral, encontra-se a 14 km do centro da cidade em uma propriedade particular. A queda d'água é de 120 metros, mas não em queda livre, sendo o local propício para a prática de *trekking*, com o acompanhamento de guia local.

Morro do Oderdeng - Localizado na Serra Geral, a 4 km da cidade, em uma propriedade particular, a uma altitude de 1.400 metros no Morro do Oderdeng encontra-se uma rampa de vôo livre, a qual permite uma vista panorâmica da cidade. O acesso ao local requer orientação e conhecimento adequado.

Gruta Nossa Senhora de Lourdes - Localizada no distrito de Santa Terezinha, a 10 Km do centro da cidade, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes é uma gruta natural cercada por paredões, onde desde 1944 encontra-se a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. O local é um ponto de peregrinação religiosa, inclusive de turistas, sendo realizada no mês de outubro pela Igreja Católica uma romaria ao local.

Parque Nacional de São Joaquim – Criado em julho de 1961, o parque abriga uma área de 49.300 hectares. Embora esteja próximo a

cidade de São Joaquim, o seu acesso se faz pelos municípios de Urubici e Bom Jardim da Serra, abrangendo também a área do parque parte do território dos municípios de Orleans e Grão Pará. A criação do parque está ligada à necessidade de proteção dos ecossistemas do sul do país, incluindo áreas de Mata Atlântica, Mata de Araucárias, Matinhas Nebulares e Campos de Altitude. Além de conservar os ecossistemas existentes, a Unidade de Conservação foi criada com o objetivo de promover a educação ambiental, a pesquisa e a visitação pública no local.

Morro da Igreja – Localizado a 30 Km do centro da cidade, nas dependências do Parque Nacional São Joaquim, em área de domínio da Aeronáutica onde encontra-se instalado o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo – CINDACTA, o Morro da Igreja é considerado o principal atrativo turístico do município e um dos atrativos mais procurados da Serra Catarinense. O local é considerado o ponto mais alto habitado da Serra Geral com 1.819 metros de altitude, onde durante o inverno é comum a incidência de neve. Do local é possível avistar a Pedra Furada em conjunto com uma paisagem de beleza cênica formada por montanhas e rochedos. No entanto, embora receba um grande fluxo de turistas e visitantes, o local carece de infraestrutura adequada, controle de capacidade de carga e medidas de segurança para visitação.

Pedra Furada - Localizada nos Aparados da Serra Geral, nas divisas dos municípios de Urubici, Bom Jardim da Serra e Orleans, a Pedra Furada é um dos principais cartões-postais do município. Trata-se de uma formação rochosa como uma escultura natural em forma de janela, com aproximadamente 30 metros de circunferência, a qual pode ser avistada do Morro da Igreja.

Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens - Localizada no centro da cidade, a Igreja Matriz idealizada pelo Padre José Alberto Espíndola e inaugurada em 1973, possui uma arquitetura diferenciada com quatro frentes que simbolizam a igualdade social, destacando-se não só pela sua arquitetura, mas também pela sua dimensão sendo considerada uma das maiores igrejas do estado.

Inscrições Rupestres - A região de Urubici é considerada uma das mais ricas em sítios arqueológicos do Estado. Estudos realizados pelo pesquisador de arte rupestre Keller Lucas indicam a existência de 45 sítios arqueológicos registrados e outros não catalogados, abrangendo diversas grutas, abrigos sob-rocha, casas subterrâneas, galerias subterrâneas, aldeias antigas, sítios de arte rupestre e monumentos rochosos, todos com potencial de atração turística, porém em sua maioria abandonados. Alguns painéis de inscrições rupestres mais visitados são encontrados no Morro do Avencal, a 5 Km do centro da cidade. Acredita-se que essas

inscrições datam de 4.000 anos atrás, destacando-se entre elas a imagem de um rosto, conhecida por “Máscara do Guardião”. Embora essas inscrições sejam tombadas como patrimônio municipal, encontram-se em situação lastimável, degradadas e marcadas por ação de vândalos. Outras inscrições rupestres também podem ser encontradas em locais de visitação como na gruta da Casa de Pedra e na gruta de Rio dos Bugres.

Morro do Campestre – Conhecido também como Morro da Cruz, o Morro do Campestre está localizado nos altos da Serra do Campestre, a 8 km do centro da cidade, em uma propriedade particular. Trata-se de uma formação de arenito com altitude de 1.380 metros. As esculturas de rochas são o grande atrativo do local, e do alto do morro é possível se ter uma visão panorâmica do vale do Rio Canoas. O local tem sido procurado principalmente por praticantes de caminhadas e cicloturismo, no entanto carece de infraestrutura, inclusive de acesso, e de medidas de segurança para visitação.

Serra do Corvo Branco – Localizada a 30 km do centro da cidade, a Serra do Corvo Branco encontra-se entre os municípios de Urubici e Grão Pará. Além da beleza cênica, caracterizada por um emaranhado de escarpas e montanhas, e fenda entre rochas, é considerada um atrativo histórico por ter sido a primeira estrada de ligação entre o litoral e a serra catarinense. Embora seja um importante atrativo turístico, o local carece de infraestrutura adequada, inclusive de acesso ao local. A denominação provém da existência de aves do mesmo nome encontradas na região.

Trilhas e outros passeios - Urubici possui um cenário propício e convidativo para a prática de trilhas, caminhadas, cavalgadas, cicloturismo. Dentre os passeios mais procurados estão o Parque Nacional São Joaquim, com destaque para a trilha que leva à Pedra Furada com duração de aproximadamente 5 horas, sendo possível visitar a Nascente do Rio Pelotas e os Morros K1, K2 e K3; o Campo dos Padres, ponto culminante da serra geral com 1.827 metros de altitude onde está localizada a nascente do Rio Canoas, e onde é possível também conhecer o Cânion do Espriado e visitar o Morro Pedra da Pirâmide e a Pedra da Águia; e os Campos de Santa Bárbara, que também integra o Parque Nacional São Joaquim, e encontra-se no caminho de Urubici para São Joaquim, onde é possível visitar um cemitério centenário. Urubici ainda conta com outras grutas como a gruta da Casa de Pedra, e também nas localidades do Rio dos Bugres, Santa Bárbara, Rio Lava Tudo, Vacas Gordas, além de sítios cerâmicos que registram a cultura material dos indígenas que ocuparam a região.

ANEXO B – HINO DE URUBICI

I

Salve a “Terra das hortaliças”, do colono de mão calejadas,
Dos riachos, pinheiros, treliças, minuano, manhãs congeladas.

Estrilho

Abençoada “Estela do Sul”. Tu és a terra dos pinheirais,
Tuas fazendas se vestem de azul, tuas lavouras são colossais.

II

Urubici, “Terra amada e querida”, que hoje brilha com grande
valor,
Nas tuas várzeas floresce a vida, tua gente é um hino de amor.

III

Urubici, do colono e do tropeiro, do comércio e a indústria sem
par,
No turismo, tu tens pioneiro, todo um mundo pra ver e estudar.

IV

Nosso lema é o trabalho crescente, progredir, expandir nosso
sonho,
Ver sorrir de feliz nossa gente, neste vale de flores, risonho.

V

A Esquina, o Traçado e a Praça, representam a força, o ideal,
Hoje somo um povo que a graça, transformou e grupo leal.

VI

Urubici, o teu vale florido, traz as cores do grande Brasil,
Nos capões, o sabiá incontido, canta e voa por sobre o beril.

VII

Somo filhos de raças, de bravos, nossos pais foram heróis nesta
serra,
Somos livres, não temos escravos, desejamos a paz sobre a terra.

Autoria: José Nunes (1976) Oficializado pela Lei Municipal nº
12/78.

ANEXO C – POEMA: PRAÇA, TRAÇADO E ESQUINA

Praça, Traçado e Esquina!
São os principais bairros daqui!
Em qualquer um deles, estarás em Urubici!

II

Vindo à Urubici!
Chegarás pela Praça ou pela Esquina
E, pelo Traçado, irás a todos os lugares de Urubici!

Estrilho

Praça, Traçado e Esquina,
São bairros daqui!
Os três juntos formam o centro de Urubici!

III

Na Praça tem a Matriz!
Vá lá rezar e agradecer a Nossa Senhora,
Por chegares até aqui!

IV

No Traçado verás lindas paisagens,
E, flores a sorrir!
Em tua homenagem, por estares em Urubici!

Estrilho

Praça, Traçado e Esquina,
São bairros daqui!
Os três juntos formam o centro de Urubici!

V

Na Esquina, vais encontrar,
Muitos jovens a namorar!
E, felizes pelo Traçado,
Na Praça vão se amar!

VI

Venha de onde vier, chegando à Urubici,
Passarás com certeza, neste três bairros daqui!

Estrilho

Praça, Traçado e Esquina,
São bairros daqui!
Os três juntos formam o centro de Urubici!